

Revista Matto-Grosso

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

SCIENCIAS, LETTRAS, ARTES E VARIEDADES

ANNO XI

Cuiabá — Fevereiro, Março e Abril — 1914

NUMS. 2, 3 e 4

S. Francisco de Salles

*Ecce sacerdos magnus
Eis o grande sacerdote.*

Dois raios de luz, um que baixa do céu, outro que se eleva da terra, encontram-se sobre a fronte gloriosa do Bispo de Genebra, e formam-lhe uma aureola divina. Homem de Deus e medianeiro entre Elle e os homens, eis a função essencial do sacerdote.

Sacerdócio e sacrificio são duas idéas correatas.

Assim pensaram todos os povos. Em qualquer parte, mesmo onde não se adora o verdadeiro Deus, o sacerdote apresenta-se sempre com o título de sacrificador, isto é: de medianeiro entre Deus e a humanidade, em íntima relação com ambos. Desta primeira ideia emana outra não menos essencial ao sacerdócio: a ideia de santidade. Como na verdade, representar a humanidade inteira perante Deus, se elle não for o que a humanidade tem de mais santo e de mais puro?

E como representar Deus perante os homens, se algo não tivesse da santidade divina?

Quique sacerdotes casti dum vita manebant, eis o sacerdote pagão.

Qui in diebus suis placuit Deo et inventus est justus, eis o sacerdote na tradição hebraica.

Et in tempore iracundiae factus est reconciliatio. Eis o sacerdote na nova lei.

Sua santidade não deve ser tão só pessoal, mas manifestar-se sob uma forma especial de zelo, e de acção. A humanidade antes da vinda de Jesus Christo, ideára e vira sombras do sacerdote. O venerando Tiresias nos cantos homéricos; Moisés nas paginas immortaes da Biblia; mas sacerdote que toda actuasse a verdadeira ideia de seu ministério só houve um: Jesus Christo, de quem dissera o Padre Eterno: *Tu es sacerdos in aeternum*.

Verdadeiro sacerdote é o Bispo de Genebra que de Jesus Christo imitou a vida, e reproduziu os exemplos.

Por Deus aureolado do character episcopal, representa a plenitude do sacerdócio no desempenho de sua missão por entre o povo.

Dai-me almas, tirae o resto: foi a sede immensa que atormentou o Homem Deus desde Belem ao Golgotha, o grito supremo da mystica e divina sede; por Jesus manifestada antes de expirar. Idêntica foi a sede de Francisco de Salles em sua carreira mortal. Meigo e solícito, o bom Jesus corria em pós das ovelhas desgarradas; a si chamava as crianças; e Francisco de Salles tudo sacrificava para a conversão dos peccadores, e para repartir o pão da palavra divina ás criancinhas, que enlevadas pendiam de seus labios.

Discite a me quia mitis sum et humilis corde, disse Jesus.

E na mansidão e na humildade está toda a força admirável e o zelo fructuoso de Francisco durante a vida inteira.

Fome, sede, frio, calor, tudo sofre, tudo tolera para attrahir almas a Deus. No pulpito onde frequentemente apparece, no confissionario onde de continuo está com suas luzes e zelo para a gloria de Deus, captiva suavemente as almas.

Nas praças e ruas publicas discute e persuade e para Deus conquista os corações. Sua vida impolluta, admiravel, é a reprodução da de Jesus Christo. Na imprensa diffunde a sua doutrina, e os herejes não podem resistir ás suas argumentações cerradas e convincentes. Vencidos prostaram-se aos pés de Francisco, que jubiloso os recolhe ao rebanho de Jesus. O titulo de Doutor que a Igreja lhe deu bem justifica os seus altos meritos de sabio e de santo, e nolo manifesta summo sacerdote do Senhor.

Ecce sacerdos magnus.

Um pouco de economia politica

—Victor Hugo podia tomar uma folha de papel sem nenhum valor e ganhar 10,000 francos escrevendo nella um poema: E' o genio.

—Totschchild pôde traçar algumas linhas sobre um pedaço de papel e dar-lhe o valor de 100,000 francos: E' o capital.

—Os Estados-Unidos com qualquer governo podem tomar um pedaço de ouro pesando onça e meia, ou carimbá-lo com um sinete representando um passaro (a águia), dando-lhe o valor de 500 francos: E' a moeda.

—Um mechanico possui um metal valendo 100 soldos e o converte em um relógio valendo 100 francos: E' o trabalho.

—Um negociante compra um artigo valendo 2 soldos e o vende por 30: E' o commercio.

—Uma senhora podendo comprar um chapéo por 5 francos, prefere comprá-lo por 30: E' a loucura.

— O verdadeiro progresso do homem está na abnegação de si mesmo; o homem que se renuncia a si proprio goza de uma grande alegria.

EXCERPTOS PEDAGOGICOS

CARACTER—FORMAÇÃO DO CARACTER;
E COMO A ESCOLA DEVE CONCORRER
PARA ISSO.

Chama-se caracter a força de agir de modo honesto, adquirida mediante hábitos e energicos, proprios e constantes.

O caracter, pois, consta de tres elementos: convicções profundas, energia de vontade e honestidade de acção. Estes dois ultimos, principalmente, são de necessidade absoluta. A vontade, certamente, deve ser nas suas operações illuminada pelo intellecto e a cultura mental pôde influir poderosamente sobre a formação do caracter. Mas não se dá caracter a quem não possue energia de vontade, nem será nunca moral aquella acção que não for honesta. A historia, a mesma experiencia quotidiana nos mostram pessoas de elevado engenho, de importantes e variados conhecimentos, o contado sem caracter. Apontam-nos, ao envez, outras de diminuta cultura, de pouquissimos estudos, ás vezes de nenhum, e todavia de uma tempera de aço, ou como sóem dizer, de uma só peça.

Mas como se forma o caracter? E' certo (e seria estulticia negal-o) que trazemos connosco, desde o nascimento, pendôres, disposições, indoles que concorrem potentemente para determinar o nosso caracter moral.

Não é menos certo, porém, que estes pendôres e outros semelhantes podem ser corrigidos, quando maus; melhorados, quando bons: são, numa palavra, susceptiveis de educação. Ora, para esta formação contribue, acima de outra qualquer força ou causa que se queira dizer, a familia.

É ella o ninho do affecto, do sentimento; e o sentimento tem grande parte, sobretudo nos meninos, na formação do character. Que os paes sejam honestos, concordes, laboriosos, sobrios, obedientes ás leis, dispostos ao sacrificio pelo bem dos filhos, eis o que, antes de tudo, é necessario. A escola pôde muito, mas não exaggeremos; o seu poder de acção será sempre menor que o da familia, e consequentemente menor o resultado.

MEIOS PARA A FORMAÇÃO DO CHARACTER

Sem embargo, repetimol-o, a escola pôde bastante e por isso deve concorrer para a formação do character do menino, que será o futuro homem e cidadão.

Para tal fim:

1) O mestre sirva, em primeiro lugar, de bom exemplo aos collegiaes; os discipulos tórnam-se, por via de regra, á imagem e semelhança do mestre;

2) Não cuide só em instruir, isto é, em prover de conhecimentos, mas em educar, isto é, cultivar o sentimento e isto á estinulo da acção pelas necessidades e pela honestidade da vida;

3) Affaça, em tempo, os alumnos á obediencia, á sinceridade, ao respeito, á coragem nas difficuldades interpostas ao cumprimento dos deveres, á generosidade para com aquelles que nos difficultam a sua pratica. A historia pôde ser para este fim um instrumento efficacissimo nas mãos do mestre.

Formado por tal modo o character individual, será tambem formado o character nacional, pois que a nação nada mais é que um conjuneto de individuos, e o menino tal será cidadão, qual foi formado homem.

Uma das cousas principaes, ou antes indispensaveis para a prosperidade, sob todos os aspectos, de uma nação é que esta tenha cidadãos de character. Mas, a base e o fundamento do character nacional é a honestidade e a operosidade da vida, o affecto á familia e a boa educação.

Quanto vale uma noiva

O jovem Carlos foi visitar o seu tio Gregorio, velho sisudo e fagueiro para lhe participar o seu proximo casamento.

—Pois bem, diz-lhe, meu Carlos, perguntem-lhe o velho, como é tua noiva?

—Ah! mental! Ella é muito formosa.

Então o velho, pegando no lapis, escreveu na uma folha de papel uma grande zero.

—E? tambem de familia muito distincra, — replicou logo Carlos. E o velho escreveu outro zero.

—E? muito rica, acrescentou o jovem. E o velho apontou mais um zero.

—E? tambem muito habil em todos os officios de mulheres. E o velho escreveu um outro zero.

Picado e já um tanto aborrecido, o noivo, por ver seu tio escrever tantos zeros, acrescentou com certa energia:

—Mas, enfim, ella é tambem muito boa, virtuosissima e piedosa. Então o velho escreveu uma unidade antes dos seis zeros e, levantando-se, abraçou seu sobrinho e lhe disse:

—Men Carlinho, a tua noiva vale um milhão! A virtude é a unidade que dá valor a todas as qualidades da tua prometida. Sem esta unidade a formosura, a nobreza, o dinheiro, as habilidades, o talento e a instrução nada valiam, eram zeros; mas pela virtude, representada pela unidade, adquiriram um valor extraordinario.

Ah! Se todos os noivos tivessem um conselheiro como o tio Gregorio!

.

Uma aneddotasobre o fallecido rei D. Carlos de Portugal No começo do seu reinado foi-lhe apresentada uma petição em que um preso lhe pedia o seu perdão. A margem o ministro escreveu:

«Graça impossivel: deixal-o no carcere.»

O rei mudou simplesmente o lugar do ponto e virgula, ficando a oração assim:

«Graça; impossivel deixal-o no carcere.» E escreveu em baixo:

«Concedido—Carlos.»

O Mamão cura feridas

Em Minas, augmenta cada dia o uso do leite do Mamão para curar feridas. Curas verdadeiramente maravilhosas têm sido operadas. É uma medicina barata e de facil applicação: basta lavar a ferida com agua morna e applicar em cima fios de linho embebidos no leite, isto, duas ou tres vezes no dia.

É facil certificar-se dos effeitos de mais este medicamento caseiro.

Chronica do Cuyabá

(Annaes do Senado da Camara)

(Continuação)

Testemunharam esta marcial tragedia os mais que vinham na conserva, que eram brancos, pretos e indios, postos pelo barranco do rio, vendo a comedia de palanque (1), sem que houvesse um que valesse os affligidos combatentes, abundantes de cautela e faltos de animo, e o mais que faziam alguns delles era gritar aos valorosos manebos que se retirassem e deixassem a peleja. Chegou esta monção destrocada com a dita invasão, em Agosto desse anno, e deu noticia do que lhe succedera com o gentio e de como ficara de partida o General Rodrigo Cesar que, praticando sempre veneração ao senado de S. Paulo, como haviam feito os mais governadores e capitães-generaes daquella capitania (2), se despediu delle com a carta do que dou aqui fiel copia e da mesma se alcança o como eram os paulistas attendidos; diz assim:

«Manda me El-Rei meu Senhor que «passe as minas do Cuyabá, a cujo «preceito não pôde resistir a minha «obediencia por estar sacrificada aos «seus Soberanos decretos, e como a «Real Ordem se encaminha não só

«a estabelecer aquellas novas minas, «mas a conquistar o gentio barbaro «que as infesta, espero que por meio «de tão importante serviço se dilatarem os dominios da Real Corôa e se «descubram novos thesouros, que a «enriqueçam, o que se me não diffi- «cultará tendo por compauheiros os «leaes vassallos desta capitania, por- «que para esta e mais empresas lhe «sobram o valor, prestimo e fide- «lidade, de cujas virtudes tem a ex- «periencia mostrado aquelles effei- «tos com que adquirem tanta gloria «para poderem illustrar a sua patria, «de tal sorte que causam emulação «a todo o mundo, e para que nelle «cresça aquella mais espero que Vos- «sasmereces continuem com o mesmo «animo, zelo e fervor, para que as- «sim não só se adeante aquelle Cuy- «abá no thesouro, mas se chegue a «ver os ultimos promontorios da ter- «ra, e quando hajam riscos que a «quella empresa se opponham, serei «eu o primeiro que a elles me con- «vide e o ultimo que delles me a- «parte.

«Não sem pesar grande me ausen- «to de Vossasmereces, porque não «quizera jamais separar-me de sua «companhia; porém, se me aparto «não os deixo porque comigo a to- «dos levo e de qualquer distancia «ellos assistirei com a mesma vida. «Espero que não lhes fará falta a «minha assistencia, porque a quem «encarregar o governo não deixará «de tratar e fazer reverenciar esse «nobre senado com aquella attenção «que merece e eu fazia. Em tola a

(1) Os Payaguás eram excellentes remadores e combatiam sobre agua sómente: os que ficavam nos barrancos observavam o combate fluvial como quem vê touradas de palanque.

(2) O governador que Rodrigo Cesar deixou em S. Paulo quando partiu para Cuyabá foi o coronel Domingos Rodrigues da Fonseca Leme, paulista dos mais distinctos, que dirigiu bem a capitania até a chegada de Caldeira Pinental em Agosto de 1727. Esta carta de Rodrigo Cesar está lançada no livro de registro da camara de S. Paulo, titulo 1721 e pag. 199.

«parte me acharão Vossasmercês para lhes dar gosto com a mesma vontade que até aqui lhes mostrei. — Deus Guarde a Vossasmercês muitos annos. — Cidade de S. Paulo, e de Junho 13 de 1726. — Senhores Juizes e mais Officiaes do Senado da Camara desta cidade. — *Rodrigo Cesar de Menezes.*»

A vista dos exuberantes mercantilismos dos cidadãos daquela cidade, parece que de justiça assim o devia fazer aquelle general, porque foram os paulistas os que, a custa das proprias vidas e fazendas, deixadas as suas casas e familias, descobriram os thesouros que se tem extrahido de todas as minas, dos quaes tem aproveitado o Real erario muitas sommas de arrobas de ouro, que tem produzido os seus quintos; por cuja razão as mesmas Magestades, attendendo aos seus relevantes serviços, por diferentes vezes os honraram com varias cartas firmadas do seu Real punho, como fez o senhor Rei D. Pedro, que escreveu a 27 paulistas e a cada um do mesmo teor, que todas se acham registradas na secretaria do Conselho Ultramarino, no livro dos registros titulo — *Cartas do Rio de Janeiro*, que principiam em 28 de Março de 1673 e acabam em 15 de Dezembro de 1700, sendo a primeira, em pagina 195, de teor seguinte:

«Lourenço Castanho Taques: — «Por haver sido informado pelo governador e capitão-general do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Menezes, do zelo com que vos houvestes na expedição das ordens que tocavam a meu serviço, que o dito governador para esse effeito expediu, e a grande vontade com que vos achaveis em tudo o que vos recommendo, mostrando nisto a boa lealdade de honrado vassal-

do: Me pareceu por esta mandar «vos agradecer e segurar-vos que tudo o que neste particular obrasteis me fica em lembrança para folgar de vos fazer toda a mercê quando «trateis de vossos requerimentos. «Escripta em Lisboa a 20 de Outubro de 1698. — Rei.»

Para que venha ao conhecimento dos quaes foram os mais paulistas a quem Sua Magestade escrevia as cartas de que já se deu a precisa noção, passo a expressar os seus nomes, e são os seguintes: — Thomé de Lara de Almeida, Salvador Jorge Velho, João Palcão da Souza, Martin Garcia de Lumbria, Lourenço Franco, Gregorio Telles de Menezes, Thomaz da Costa Barbosa, Diogo Bueno de Oliveira, João Martiniano, Pedro Taques de Almeida, Fr. Fructuoso de S. Beato, Pedro Pedros de Oliveira, Pedro Dias Paes Leme, Gaspar de Godoy Collaço, Garcia Rodrigues Paes, Antonio de Godoy Moreira, Antonio Lopes Cardozo, Domingos da Silva Bueno, João de Castro Corrêa, Manoel Lopes de Medeiros, Izidoro Tinoco de Sá, Manoel Bueno da Fonseca, Domingos de Amores, o padre João Leite da Silva e o padre Mathias Nunes de Siqueira (1).

Na mesma secretaria do Conselho Ultramarino, no livro já referido, es-

(1) Os mais conhecidos destes paulistas e os que figuram na historia do tempo foram: Lourenço Castanho Taques, como chefe e amigo e Amador Bueno, o aclamado; Pedro Taques de Almeida, seu filho e capitão-mór de S. Paulo; Salvador Jorge, de Parahyba e sertanejo onzador; Garcia Rodrigues Paes, filho do grande Fernando Dias Paes e notavel sertanejo; Gaspar Collaço, outro valente sertanejo e inimigo dos *Camargos*; e Domingos da Silva Bueno, que se sentou papel na historia da capitania no fim do século XVII e começo do XVIII, nome de Lara de Almeida em filho de Lourenço Castanho Taques e irmão do capitão-mór Pedro Taques de Almeida. Manoel Bueno da Fonseca era tambem neto de Amador Bueno e cada um de grande merecimento.

tão registradas outras cartas de agradecimento que Sua Alteza escreveu, firmadas de sua Real mão, em 21 de Março de 1764, aos paulistas pelo zelo com que se empregaram a penetrar os sertões a descobrimento de minas de ouro e prata, e foram os seguintes:—Paulo Rodrigues da Costa, D. Francisco de Lemos, o padre João Leite da Silva, Fernando Dias Paes, Manoel de Brito Nogueira, Estevão Fernandes Porto, o padre Mathcus Nunes de Siqueira, Cornelio de Arzão, Manoel Rodrigues de Arzão, Francisco Dias Velho, Lourenço Castanho Taques e João Ferreira Drumond (1). Já muito antes disto havia escripto o senhor Rei D. Afonso VI. com data de 27 de Setembro de 1664, a varios paulistas cartas de um mesmo teor, pela seguinte:

«Fernando de Camargo:—Eu El-Rei vos envio muito saúdar. Bem sei que não é necessario persuadir-vos a que concorrais de vossa parte com que for necessario para o descobrimento das minas, a que envio «Agostinho Barbalho Bezerra,

«considerado por natural desse Estado e que como tal mostra particular desejo dos augmentos d'elle, «confiando pela experiencia que tenho do bem que até agora me serviu que assim o fará em tudo o que «lhe encarregar, porque pela noticia que me tem chegado do vosso «zelo e do como vos houvestes em «muitas occasiões do meu serviço «me faz certo vos dispozeis a me fazer este, e elle vos dirá o que convier para este effeito. Encomendando-vos lhe façaes toda a assistencia, «para que se consiga o bom fim que «ha tanto se deseja e que eu quizerá ver conseguido no tempo o pos-se do governo destes meus reinos, «entendendo que hei-de ter muita «particular lembrança de tudo o «que obrardes nesta materia, para «vos fazer a mercê e honra que es-«pero, me saibaes merecer.—Escri-«pta em Lisboa a 27 de Setembro «de 1664.—REI.»

(Continua.)

O Livro e a Espada

Dependurada nos muros de um baluarte, uma longa espada se cobria de ferrugem e de pó. Ao attentar n'um livro, exteriora esta queixa:

—Quanto deito o repouso em que desfinho! Para ti as lousas, para mim... o abandono. Entretanto os meus serviços são bem mais uteis que os teus. Ao passo que nas almas infundes brandura e indulgencia vou direita ao meu escopo; tudo tremo diante de mim. O meu mais ardente desejo é afastar-me destas frias muralhas e viver, como outrora, entre borbotões de sangue e no estrepito das batalhas. Respondo-lhe com um meigo sorriso o livro:

—A espada já cumpria a sua missão; hoje não se converte mais pela força. Abranda, nobre combatente, teu valor marcial. Onde vejo amigos, descobre somente adversarios. Diante de ti caminham o odio, a vingança; eu prego a paz, o amor, o progresso; por onde deixas tuas pegadas sangrentas, ficam cinzas e lagrimas; eu corrijo, edifico; por onde passo as searas lourejam, o homem canta, a natureza exulta. Vamos, cumpre renuncias a guerra; deixa que a ferrugem te consuma. Vê ali o lavrador? Eil-o que recolhe o arado e depõe o agulhão num canto. Amanhã salirá avante a semente sobre o solo revolvido. Como o arado, cumpreste tua missão. A mim importa agora semente, fazer que a terra inteira se cubra de searas, ondulando ao vento da minha palavra. Deixa-me o futuro, dorme sobre os teus louros.

Julio Bueno.

1) Fernando Dias Paes era filho de Pedro Dias Paes Leme, atraz mencionado; foi um dos mais illustres paulistas dos tempos coloniaes e dos mais valentes exploradores dos sertões brasileiros. Cornelio de Arzão e Manoel Rodrigues de Arzão eram irmãos e filhos do hollandez Cornelio Arzão, que veio a S. Paulo no começo do século XVII. Cornelio e seu irmão Briz de Arzão foram capitães-mores de Ytá. Francisco Velho foi homem notavel, de valor, e muito rico. Estabeleceu-se em familia na ilha de Santa Catharina em 1662 e ali teve lutas terribes com corsarios ou piratas inglezes por mais de uma vez, sendo na ultima vencido e assassinado por elles dentro da igreja do Desterro, onde elle se tinha refugiado. Lourenço Castanho Taques foi paulista dos mais illustres e explorador dos sertões de *Cataguazés* e *Cachibedeixou* numerosa descendencia que faz honra a S. Paulo até o presente. Fernando de Camargo foi um dos chefes da famosa guerra civil dos *Pires* e *Camargos*, em 1650, homem valente e sertanejo destemido, mas assassinou covardemente Pedro Taques, irmão de Lourenço Castanho Taques e um dos chefes do partido dos *Pires* na mesma guerra civil.

Contraveneno religioso

CARTA SEXTA

O HOMEM HONESTO MODERNO

*Moral sem religião é cega, é aleijada—A religião da consciencia e da honra
—Desordens entre crentes e incredulos—Antes francezes e depois christãos*

SAUDOSO CARLOS,

A respeito de tudo que te tenho dito, objectar-te-ão que o procedimento dos christãos não é, de modo nenhum, melhor que o dos incredulos; e que tanto em uns como em outros se encontram as mesmas desordens.

Encontram-se as mesmas desordens?... Admittamolo, porque, afinal, mesmo no crente não se apagam as paixões; porém, ao menos enquanto a fé permanecer viva no seu coração, não deixa de possuir uma força constante e reaccionaria contra as más tendencias. Quando a fé está eclipsada, qual é a força que poderá reagir contra as paixões, impellindo o homem á pratica da virtude?

Encontram-se as mesmas desordens? Mas sel-o-á mesmo verdade? Admitto que se commettam faltas tambem entre os mesmos christãos; porém as damnosas intrigas, os maiores roubos, os escandalosos divorcios, os vergonhosos adulteros concubidados por longos annos, os duellos mortaes, os vis suicídios por desespero, e mil outros crimes de não menos importancia, onde é que se encontram em maior escala e com maior frequencia?

Encontram-se as mesmas desordens? E de quem é a culpa? Da nossa fé?—Não, sem duvida; porque ella fulmina-os irremissivelmen-

te. Da nossa educação?—Tampouco; porque os condemna. De quem, pois?—Do mundo, da descrença, da irreligião! A sociedade moderna está imprregnada de maxims irreligiosas e subversivas da moral e da ordem: pelos theatros, livros e jornaes, repetem-se e propagam-se, todos os dias, as mesmas maxims; e depois, com lagrimas de crocodilo, queixam-se que tambem em nosso meio se encontram desordens! São fructos de seus trabalhos, porque é demasiado difficil viver numa atmosphera corrupta, sem sêr affectado do mal que nella se desenvolve. Aquelles catholicos accusados de taes escandalos, são os que, precisamente, já não fazem parte mais da nossa sociedade; constituiram-se mestres duma nova escola de erros e vicios; são os fructos sazonados das escolas athéas, das universidades positivistas, dos livros e jornaes incredulos e pornographicos. Elles os formaram?! Pois, que os guardem para si. Nós não os reconhecemos mais por nossos, visto que se afastaram da nossa lei.

Oh! meu Carlos! Conserva-tê sempre unido á fé dos nossos gloriosos antepassados! Ella é a melhor garantia dos bons costumes; e esforça-te por nunca a deshonrares com a tua conducta.

A'quelles que te disserem que é sufficiente ser homem de bem, de-

ves responder sem medo nenhum:—
Sim! para não ir á cadeia... mas
não para ir ao Céu!

P. S.—Torna a abrir a carta, porque acabo de ler nos jornaes que recebi de França, um erro colossal dito pelo Prefeito do Departamento de Finistère aos moradores de Les-neveu que se oppunham ao decreto de expulsão das lums de caridade exigida pelo Governo. Ell-o. «*Il' preciso*, disse o Prefeito, *ser francez antes de ser christão!!!*» Perfeitamente. Sr. Prefeito! Ora! ora! A-qui está o verdadeiro succo e espirito do homem de bem moderno. Aquillo que importa é a nação, a patria, a lei; depois, si houver lugar, venha embóra a fé e a religião. Isto é o mesmo que dizer: antes a lei humana e depois a divina; antes a terra e depois o céu; antes o homem e depois Deus. Só mesmo um prefeito de Finistère! para sair com essa!

Todavia, antes que o evangelho nos apregoasse aquelle: *querite primum regnum Dei* (procurae em primeiro lugar o reino de Deus), já o bom senso ensinava-nos que o mais importante deve preceder o menos importante; e que por isso Deus deve estar acima do homem, e as cousas do serviço de Deus, acima das do serviço do homem, quaesquer que ellas sejam.

Pensar e o que é peor ainda, agir de modo diverso, é mesmo voltar o mundo de pernas para o ar, e por conseguinte pôde-se chamar, com razão, o homem de bem moderno — homem de bem ás avessas. — Que te parece, meu Carlos?

Patria, nação, lei, são, na verdade, bellas cousas, ás quaes devemos respeito e amor; porém... *usque ad aras* (até aos altares), isto é, enquanto não estiverem em opposição com outras mais bellas, mais excel-

lentes e mais dignas de nessa veneração, como sejam: *alma e Deus*.

Não me proponho analysar, no presente caso, o modo com que aquelles inimigos da Religião se oppuzeram aos pareceres dos bretões; falo em geral, como geral foi o disparate do Prefeito de Finistère.

Este disparate já foi condemnado pela palavra e exemplo dos apostolos que no Synedrio responderam abertamente aos juizes: «Si seja cousa justa obedecer antes aos homens do que a Deus, julgae-o vós mesmos!»

E conforme esta resposta, os Martyres que eram como leões quando se tratava de combater contra os inimigos do nome romano, constrangidos a obedecer ao Imperador que lhes ordenava de queimar incenso aos idolos, sabiam dizer: *Christianus sum*, sou christão antes de ser romano.

E aquelles leões se deixavam sangrar como cordeirinhos! — A semelhança desses heróes do christianismo não se perden, graças a Deus!

Com igual heroísmo se houveram aquelles intrepidos Bretões, respondendo, do seguinte modo ao mencionado Prefeito: Vós quereis que sejamos maçons antes de sermos francezes; mas, não! somos christãos e como christãos queremos morrer!»

Eis como sabem responder aos modernos *homens de bem* os christãos do antigo molde!

Viva os Bretões!!!

CARTA VII

O IDOLO DO NOSSO SECULO, ISTO É, A LIBERDADE DE PENSAMENTO.

Liberdade physica e moral — Libertinagem — Livres-pensadores que não pensam — Liberdade de pensamento ou tambem de acção? — Protestantes e racionalistas — Guizot — Quizéra crer, mas não posso.

SAUDOSO CARLOS,

Ridícula é aquell'a evasiva dos teus collegas! Quando não tiveram mais razões com que contradizerem ás tuas, isto é, quando se viram com as costas na parede, entrincheiraram-se no enorme baluarte que julgavam invencível, apoiados neste principio: «afinal, cada qual pôde pensar no que quizer; o pensamento é livre.»

Mas, e esta fortaleza é verdadeiramente invencível?

Que a liberdade de pensamento seja o idolo do nosso tempo, a grande conquista da idade moderna, o thesouro mais estimado de muitos espiritos, está fóra de duvida; e em relação a isto, li na "Voz da Verdade", que foi annuciado para o dia 14 de Setembro vindouro, em Genebra, o congresso internacional dos livres-pensadores.

Porém, em que consiste este idolo, é já uma outra cousa. Examine-mol-o um pouco, e creio, meu Carlos, que nisto colherás algum proveito.

Antes de tudo, pergunto eu á recta philosophia:—É' verdade que o pensamento é livre?—Ella responde-me: Distinguo.

Ou se trata da liberdade physica ou da liberdade moral. Aquella consiste na isenção de toda necessidade physica; e esta, na isenção de toda lei moral. A primeira suppõe que o entendimento tenha o direito de conceber e manter uma opinião qualquer, independentemente de qual quer força exterior que o possa constrear; a segunda acrescenta que o entendimento possúe o direito de manter uma opinião qualquer, sem se subordinar á nenhuma lei ou regra interior. A primeira diz: O meu pensamento é livre, isto é, pos-

so (absolutamente falando) pensar naquillo que quizer; a segunda diz: O meu pensamento é livre, isto é, pensando naquillo que quero, não transgribo nenhuma lei.

Pois bem. Enquanto á primera especie de liberdade, que é puramente physica, somente a pôde negar quem não tem juizo. Eu sinto, com a mais profunda convicção, que sou dono dos meus actos internos e que, por isso, posso pensar como eu quero, visto que no mundo não pôde haver força exterior que me obrigue a mudar de pensamento.

Portanto, a respeito da liberdade physica de pensamento, não temos mais nada a acrescentar.

Todavia, só pelo facto de ser o pensamento physicamente livre, seguir-se-á talvez que deva tambem ser moralmente livre?—Aqui está o engano de tantos espiritos inexper-tos, que, confundindo ambas as especies de liberdade, julgaram-se absolutamente livres para pensar no que lhes aprouver, sem violarem nenhuma lei, ou cometerem a menor culpa. Mas, quam falso seja este equívoco, é bem facil demonstral-o.

Vejamos, agora, a liberdade de vontade. Por certo, és livre para querer uma cousa em vez de outra; e si quizeres tambem uma cousa má, como, por exemplo, a morte de teu pae, que força poderá impedir este acto interno? A tua vontade é, portanto, physicamente livre para fazer esse máu augurio. Mas, si tal fizesse, não se tornaria culpada da mais negra violação da lei natural? Logo, a tua vontade não é moralmente livre para praticar aquelle mal. Logo, a liberdade moral não segue a liberdade physica, como o direito não segue a força.

— Pois bem. Applica ao entendimento o que acabo de dizer a respeito da vontade.

Que o entendimento possua uma illimitada liberdade physica, já o concedi; porém, no uso desta sua liberdade, deveremos reconhecerlo isento de todo vínculo moral, isto é, de toda lei?—Absurdo enorme!

Supponhamos por um instante que o entendimento não reconheça nenhuma lei. Então poderá livremente seguir ou a verdade ou o erro. Mas, o erro é sempre um mal, porque é o desvio do recto caminho; é sempre prejudicial, porque mui facilmente se infiltra nas obras, desvirtuando-as completamente; nas cousas moraes, estraga e perverte a vontade. Como, pois, queres que o entendimento seja livre para pensar naquillo que mais lhe agrada e, portanto, tambem no mesmo erro que é sempre um mal?

Mais. Toda a creatura deve depender naturalmente do Creador, como o effeito da propria causa. Ora, o homem foi creado por Deus, não em parte, mas em todo o seu ser; logo, em todo o seu ser depende de Deus. Não recebem de Deus a vontade?—Logo, no uso dessa vontade depende de Deus. Não recebeu tambem do mesmo Deus o entendimento?—Logo, tambem no uso desse entendimento depende de Deus.

O homem tem, pois, obrigação de manifestar esta dependencia, conformando o seu entendimento com o entendimento de Deus, principio de toda verdade; conformando as suas idéas, maximas e juizos, ás idéas, maximas e juizos de Deus, quando lhe forem revelados.

— Quem negará que é livre o pensamento?

— É livre, sim! mas vem cá um momento!

Si o teu juizo negar ao Ser Supremo
A submissão e, com orgulha extremo,
Falsa volando na divanissão
Não será isso negra ingratição?
Negarás o direito que ás cabecas
Tem o dono de toda a cabareca?
E tem possível que tal e mais faças.
Pois, o teu juizo é juizo de algalheira...

Um anonymo escreveu:

*Si o pensamento livre deve ser
De toda a lei; ao meu modo de ver
Não deitavas por certa da affiar
Que se no hospicio pode elle morar.
Car e fite, em provar bem tiramente
Ei lupo sempre cre de a qualquer ent!*

Não confundamos, pois, a liberdade com a libertinagem.

Como temos a libertinagem nos costumes, temola tambem no pensamento. Viver sem preoccupações das leis do *homem*, eis a libertinagem nos costumes; pensar e falar e u se preoccupar das leis da *verdade*, e's a libertinagem no pensamento: com u dil-a com a liberdade, como já o viste, seria um absurdo, contrario aos rudimentares principios da philosophia.

(Continúa)

Nova argamassa de cimento

As experiencias do Page levavam ao conhecimento da «American Society of Civilis Engers» que juntando-se ao amassado, logo depois de haver amassado o cimento com agua, 10 partes por 100 de oleo de petroleo, augmenta-se de 60 por 100 a resistencia á ligu obtendo-se assim uma excellente impermeabilidade á agua, sem que sejam modificadas as qualidades de adherencia da argamassa.

A saúde é favorecida com o acordar cedo

O dr. Chernie opina que nada pode ser mais prejudicial ás constituições delicadas e as pessoas estudiosas do que conservarem-se na cama depois de terem dormido o tempo necessario e razoavel.

Semelhante costume, diz elle, engrossa os fluidos, debilita os solidos e enfraquece a constituição physica.

O ar livre é uma especie de banho q te concorre para beneficiar a circulação; e isto é claro tendo em vista a fome e o appetite q se sentem aquelles que se levantam cedo em comparação aos que ficam na cama.

O raio de luz

ROMANCE DE

III.^{me} REYNÉS MONLAURTRADUZIDO DA 69.^a EDIÇÃO FRANCESA
PELO

Dr. J. J. de Freitas Coutinho

ESPECIALMENTE PARA A REVISTA "MATTO-GROSSO"

VII

Foi-se assim a alegria de Suzanna. Aquella palavra retinha em seus ouvidos para sempre como um canto funebre. Ella não acreditava mais, em parte.

Si Jesus fosse o Messias, como tudo lhe fazia crêr. Elle não podia morrer, não podia ser condemnado pelo Conselho e pelos sacerdotes. Quando Elle tivesse fundado a sua obra de paz, quando tivesse assentado seu reino e definitivamente aberto a era da bemaventurança que contavam os prophetas, então, talvez, pudesse Elle, glorioso dormir o grande sonno, embalado pelas acções de graças de seu povo.

Talvez mesmo, como Elias, se elevasse num carro de fogo, sem passar pela hora das trevas?

Todas as promessas da Escripura aos amigos de Deus não repousariam, pois, sobre a cabeça do Enviado do Senhor, do Santo, do Unico, do Christo emfim? A vontade perversa dos homens nada podia contra a propria de Deus. «O Senhor se ri do Conselho dos máus. Elle os dissipou como a tenue fumaça.

Então, porque estaria ella assim tremendo?

Coitada! a propria estima tornava sua alma tão hesitante! O Christo permanecia tão mysterioso! E' verdade que Elle não repellia o grito da multidão em delirio: «E' o Christo!

E' o Messias! Mas tambem não reivindicava nenhum titulo, e nada está mais perto de erro que um enthusiasmo cego. Acreditavam por causa das obras maravilhosas que fazia. Tantos outros tinham prophetizado, tinham livrado seu povo, tinham sido os amados de Deus, para morrer de uma horivel morte!

E a theoria sangrenta se desenrolava aos seus olhos numa recordação medrosa: os heroicos Machabeus, caindo um a um sob golpes de espada na defesa de sua Patria; os prophetas, succumbindo, mais dolorosos, pelo odio ou cegueira dos homens, desde o justo Abel até o grande Isaias cortado em dois; até Zacharias, massacrado entre o Templo e o altar; e a multidão sem nome daquelles que tinham vindo, lançando ao mundo o grito de sua alma, e que haviam expiado sob o ferro ou sob uma chuva de pedras o crime de haverem desagradado aos poderosos. Quanto sangue aquellas estradas e aquellas praças não tinham bebido desde seculos! Quantos heróes e santos não havia exterminado esse povo de coração duro. O povo por isso tinha estremecimentos de pavor, estendendo as mãos para Deus, porque mesmo si Jesus não fosse sinão um propheta, assim mesmo teria o povo piedade d'Elle e não o deixaria morrer, como tantos outros, en-

vergonhados, debulhados em lagrimas.

Os dias que se succederam foram para Suzanna cheios de ansiedade.

Jesus estava cada manhã no Templo. Ella ia ouvi-lo, receiosa e ao mesmo tempo encantada.

Era a hora das grandes lutas, das perguntas insidiosas, da perseguição sem tregua.

Quer um a um, quer agrupados, os Phariseus e os saduceus se aproximavam d'Elle, faziam perguntas que renasciam constantemente, procuravam apanhá-lo em erro numa palavra, num texto e sempre se retiraram confusos, murmurando com espanto:

«Onde foi elle aprender as Escripturas?»

Em Suzanna certas palavras de Jesus cahiam como palavras propheticas, alargando o circulo da sua angustia. Elle dizia: «Procurais a minha morte, porque a minha palavra não penetra em vossa alma. Si Deus fosse vosso pae, vós me amariéis; mas logo disso, vós me odiais e quereis me matar. Vou-me embora e aonde vou não podeis ir.»

As negações se succediam, as discussões reappareciam mais amargas, se exasperavam. E Suzanna viu com medo os mais zelosos agarrarem em pedras para lapidar o Mestre.

Num daquelles dias a commoção foi ao cumulo. Contavam que o Nazareno acabava de curar um cego, conhecido em toda cidade, a quem Suzanna muitas vezes subindo para o Templo havia dado esmola.

O homem tendo os olhos abertos discutia nos agrupamentos.

Sem se cançar, repetia sem testemunho, sempre contradictado: «Eu não via e agora vejo.» Sens parentes diziam a mesma coisa, tanto aos

sacerdotes como ao povo ancioso.

O tumulto era indescriptivel: cada qual se estorçava para ver o miraculado e para lhe fallar.

Gamaliel estava no Templo. Todos os dias elle alli se achava. Sob o portico real ou no pateo das mulheres passava horas inteiras a olhar o jovem Mestre ou a escutá-lo, ora, só, outras vezes com Nicodemos ou com um novo discipulo de Bethania, Lazaro; porém quasi sempre sosinho e sem que ninguém se admirasse, tão familiar lhe era aquella reserva arrogante. Grave e calmo chamou aquelle que tinha estado cego:

—Como foi que teus olhos se abriram? perguntou.

E o homem respondeu:

—Aquelle homem que se chama Jesus estregou-me os olhos com um pouco de lama e me disse: Vai á piscina de Siloé e lava-te. Fui, lavei-me e agora vejo.

Todos que alli se acoovelavam em torno do cego, perguntavam a uma voz:

—Onde está Jesus?

O cego respondeu:

—Não sei.

Então, não podendo negar o milagre cuja evidencia se affirmava de instante em instante, os phariseus tiveram novo argumento. O cego tinha sido curado no dia de sabbado. Era isso bastante para inspirar a sua má fé e então affirmaram: Jesus não é de modo algum o filho de Deus porque não guarda o sabbado.

Gamaliel teve um movimento de indignação. «Então, curar, salvar, livrar um homem de uma enfermidade medonha, restituil-o alegre e são á vida, não era uma obra de Deus?»

—Como um peccador operaria taes milagres? perguntou triamente.

Todos guardaram silencio e Gamaliel se afastou. E tambem Gamaliel, tanto quanto Nicodemos, teve palavras tristes; teve tambem cruéis presentimentos. Sentia que se jogava uma suprema partida entre o judaismo todo inteiro, tal como o havia feito a tradição dos mestres e—aquelle doce reformador, tão seguro de sua missão, tão assistido de Deus, mas tão desdenhoso de todos os meios humanos, tão temerario em suas ardentes invectivas! Na verdade a luta lhe parecia demasiadamente desigual! Dum lado o poder, a dominação sobre o povo, o direito de vida e de morte, a força ao serviço de preconceitos invenciveis e de consciencias fechadas; do outro lado, aquelle mago, entusiasta e ardente, tendo unicamente sua coragem para gritar:

«Elles vos enganam. Esse formalismo estreito é a morte de toda a religião e de toda a alma. Deus é Espirito. Vós não vos approximareis d'Elle sinão á medida que fordes bons, rectos, misericordiosos e puros, mas realmente em vossas almas.

Porque é o Espirito que vivifica; a carne de nada serve. Deus me envia. Elle e eu não somos mais que uma só pessoa. Olhai, eu sou o caminho, eu sou a verdade, eu sou a vida.»

Gamaliel seguia com apaixonado interesse um tal duello de morte. Durante toda a semana dos Tabernaculos e nos dias que se seguiram, não deixou o Templo. A alma de Christo o attrahia e o subjugava. A cada resposta com que Jesus confundia seus adversarios, frustrando com uma simples palavra suas subtilzas perversas, Gamaliel não podia reprimir o sorriso do mestre já maduro deante de uma jovem bella

intelligencia que se affirmava. Achara-O tão grande sosinho, a braços com aquella turba rancorosa que Elle dissipava, que reduzia ao nada, sem colera, com um gesto calmo!

E pouco a pouco produziu-se esse extranho phenomeno de uma affeição muito viva pelo character de Jesus na duvida sobre sua missão. Gamaliel amava Jesus e suas indignações santas, a ternura de suas parabolae,—a do Bom Pastor—que Elle contava naquelles dias,—e a profundeza das palavras que o deixavam sonhador horas e horas... Nunca, entretanto, Gamaliel lhe fallava directamente. Não lhe fazia perguntas. Mas o estudava seriamente; adquiriu logo uma fé absoluta na bella rectidão d'aquella alma.

Então o dilemma se formulou preciso deante do mestre. Si Jesus fosse o Christo, por mais designaes que fossem as lutas, Deus O livraria das mãos de seus inimigos. Si, como era mais verosivel o jovem Nazareno fosse unicamente um propheta, amado de Deus pela pureza de seus pensamentos e de sua vida, mas dedicando-se a uma missão illusoria, enganando-se a si proprio na exaltação de seu zelo, um homem, enfim, sem ser um Deus—então era preciso salvar-O. Era mister defendel-O ao mesmo tempo de suas proprias imprudencias e da raiva dos outros. E Gamaliel promettia a si mesmo prevenir a Jesus, si o perigo se tornasse ameaçador, e, si fosse conveniente, abrir-lhe as portas de sua propria casa como um refugio. Gamaliel já muito O estimava.

Na mesma tarde, com Suzanna e alguns amigos: Nicodemos, Lazaro, o novo discipulo de Bethania e o opulento José de Arimathea, o nobre mestre expoz seu pensamento todo

inteiro. Jamais esteve elle tão eloquente, tão magnifico. Sua grande alma tinha voluntariamente vencido o soffrimento de outros dias; não atastava mais de sua irmã—de sua querida filha—a influencia estranha; e embora tivesse ainda no coração uma invisivel dôr, apesar disso, foi, impondo a mão sobre a morena e fina cabeça de Suzanna, que jurou salvar, caso fosse possível, a Jesus de Nazareth.

A moça fez descer até seus labios a mão abençoada. E ella estava quasi inteiramente convencida; seu irmão, porém, permanecia na duvida: contudo, partidos de pontos tão diferentes, chegavam a um pensamento commum—salvar o propheta. Nicodemus era crente e tímido. José de Arimathea só esperava um signal para pôr ás ordens de Jesus um bando de patriotas exaltados. Lazaro amava e acreditava com um amor de neophyto, com um recolhimento decidido e inexprimivel.

Animado por Gamaliel, contou como Jesus havia reconduzido, transfigurada e pura, uma irmã que elle e os seus julgavam perdida para sempre. Existia agora entre a familia de Bethania e Jesus de Nazareth a mais terna amizade. Perante a precisão das particularidades que Lazaro ia assim expondo, os dois irmãos ficaram cheios de espanto, lembrando-se do jantar do phariseu...

A irmã de Lazaro era pois Maria de Magdala!... Por muito tempo quedou-se Suzanna admirada dessa aproximação, perguntando mentalmente qual o caminho em que Deus os conduzia todos...

Passaram-se algumas semanas sem que Jesus reaparecesse no Templo. Foi para a convertida Suzanna uma especie de allivio. Julgava-O, pelo menos naquella mo-

mento, ao abrigo das vinganças dos sacerdotes e esperava que com o tempo o nome de Jesus deixasse de ser para os potentades uma pedra de escandalo. Porém a multidão permanecia tambem dividida e agitada, e quando Jesus tornou a se mostrar, pelo inverno, na festa da Consagração, a luta se reacendeu precisamente no ponto em que Elle a havia deixado. A primeira pergunta que lhe dirigiram resumia o estado da alma de Jerusalem inteira:

—Até quando deixarás o nosso espirito na duvida?

Si tu és o Christo, dize-nos abertamente.

E a resposta côntristada estigmatizava a voluntaria cegueira:

—Eu vos digo e não meacreditais. Entretanto, minhas obras dão testemunho de mim.

E como que desejando ganhar pelo coração aquelles cujos espiritos não podia convencer:

—Minhas ovelhas escutam a minha voz. Quanto a mim, as conheço e ellas me seguem. E eu lhe dou a vida eterna. Jamais ellas morrerão; e ninguem as tirará de minhas mãos.

A' sombra de um pilar Suzanna escutava o Mestre, o qual ia e vinha sob as columnas, perto do Thesouro. A estas ultimas palavras, passava Elle bem perto da moça: pela primeira vez, após a morte de Jofadah, novamente encontrou o olhar de Christo, mais intimo, mais doce do que até então, porém mais triste, indizivelmente mais triste! Jesus passou...

E a crente donzella teve a instrução rapida de que para guardar assim em sua mão as suas pobres almas incertas, daria Elle até a sua vida: e os olhos de Suzanna se en-

“O Evangelho nas selvas”

Brindamos hoje os nossos amáveis leitores com a seguinte carta de serção, que vem toda impregnada de um como delicioso perfume de desconhecida flôr sertaneja.

Vão elles mais uma vez tocar com mão e admirar a efficacia sobrehumana da catechese religiosa, unica realmente capaz de transformar em anjos essas almas incultas dos nossos infelizes irmãos silvícolas.

Oh! mil vezes benedictos os seus heroicos e obscuros Apostolos! Mil vezes benedictos os que, mesmo ao longe, os auxiliam com a propaganda, a esmola e a prece!

Eis a carta:

Colônia “Immaculada Conceição”. 1 de Novembro de 1913.

Revma. Sr. P. Aquino,

Hoje, dia embora de festa e jubilo universal em toda a Igreja triumpante e militante, a nossa cara colônia está de lucto. Deus Nosso Senhor, nos seus imprescritaveis decretos, acaba de levar dentre nós, ainda em seus verdissimos annos, uma alma, um anjo que enviara a esta colônia para nossa edificação e conforto.

Venho de assistir á preciosa morte da menina indigena, *Blandina Boquady*, menina que deixou profundas saudades em missionarios e indios, e a todos legou rica herança de exemplos e nobres estimulos.

Pelo que encarregou-me o Rvm. Sr. P. Director, de colher os principaes traços biographicos da angelica extincta, e levá-los ao conhecimento de V. Rvma.. E' o que ora faço es-

crevendo mais com o coração do que com a mente, as linhas que seguem.

Nas mattas do ^{**}*Araguaya*, o majestoso rio que limita a leste o nosso grande Estado, nasceu *Boquady*. Este nome que significa em bororo *jatobazeiro*, mui symbolica, bem que inconscientemente foi-lhe dado por seus paes, para indicar que ella iria sobresahir por virtudes em meio aos seus selvagens irmãos, como o jatobazeiro dentre as arvores do bosque.

Foram seus paes um certo *Quecurri*, o pica-pau, a quem chamamos depois Malachias, e uma tal *Burenonogó-re*, a de pé de urucum.

Em princípios do anno de 1908 veio essa familia estabelecer-se nesta colônia, e *Boquady* contava então 5 annos de idade. O anjo mysterioso da catechese transplantava para o seu jardim a flôr mimosa das selvas. Ella ia beber o orvalho do céu.

Era o dia 27 de Fevereiro daquelle mesmo anno, *Boquady* foi baptizada, recebendo o doce nome de *Blandina*.

Ella devia sêr majestosa como o jatobazeiro das florestas nataes, e suave e meiga como o nome christão que se lhe impuzera.

Serviram-lhe de padrinhos por procuração, o nosso distincto e benemerito amigo, Tenente Firmo José Rodrigues, e sua digna cunhada, nossa generosa coooperadora, a Exma. Sra. D. Maria do Carmo Deschamps.

A 26 de Agosto de 1912 entrava Blandina para o internato ma-

ternamente regido pelas desveladas Irmãs. Filhas de Maria Auxiliadora. O internato é o verdadeiro jardim da catechese.

Boquady, a flor do sertão, que já fora regada com o mysterioso orvalho da graça, ia também agora receber no seio o primeiro raio do sol eucharístico.

Foi em fim de Setembro do mesmo anno, e exactamente no dia 29, festa do glorioso S. Miguel, o vencedor de Lucifer. V. Rvma. deve de estar lembrado, porque se achava então entre nós, de visita a estas colonias.

A primavera repontava nestas mattas do "Garças" por entre a costumada luxuosa pompa de verdura e flores. Parecia que tudo vestisse galas para a festa da primeira Communhão de *Boquady*.

Foi V. Rvma. mesmo quem celebrou a Missa. Era domingo, muito cedo, e a estrella d'alva ainda resplandecia na altura. *Boquady* com mais oito companheiras, todas genuínas filhas das florestas, acompanhadas pelas carinhosas Irmãs, entraram cantando na rustica, mas devota capella da missão. Estavam todas vestidas de noivas, conforme permittia a pobreza desta casa.

Foi um encanto! Quem poderá dizer tudo que Jesus inspirou naquella ingenuo e puro coração de 9 annos ao descer a elle pela vez primeira?

O facto é que Blandina, após a sua 1.^a Communhão, transfigurou-se. Não deixou mais de confessar-se todas as semanas, e as Irmãs e as 18 collegas internas são unanimes em affirmar que Blandina fôra a melhor dentre todas ellas.

Assim foi que ainda em vida,

ganhára ella um como concurso solenne de boa conducta. De facto, a Superiora das Irmãs mandára a esta Directora uma grande e bonita medalha para sêr dada em premio á menina de melhor procedimento em toda a aldeia. Pois bem, todas interrogadas pela Directora, responderam *una voce* que essa menina era *Boquady*.

E' geralmente conhecido o proverbial desasseio destes pobres boróros. *Boquady*, depois que entrou para a colonia, foi uma excepção. Não parecia filha de boróros, dizem as Irmãs. Desde o momento em que fizeram trocar os vestidos sujos e fétidos de urucum, foi ella sempre um modelo de limpeza, no que se lhe reflectia a pureza da bella alma.

E a obediencia, virtude tão necessaria quão difficil, como não brilhou ella na vida infelizmente demasiado breve desta filha de indomitos selvagens!

Não só era de escrupulosa obediencia, mas estimulava também as outras a sêrem-no.

Quantas vezes não ouvimos a cara Blandina, não obstante a tenra idade, reprehender suave, mas fortemente as suas companheiras reluctantes na obediencia! «*Arô! ta merdu care camê? ta gueraiduda! Aroe Migerá quiare ta ro-ino dugi*». «Como isso? Vocês não comprehendem? Obedeçam! Deus não gosta que Vocês façam assim.»

Pela obediencia sacrificou ella de modo maravilhoso todas as suas inclinações naturaes. Assim é que, tendo innata repugnancia a comer carne, bastou se lhe dissesse que era melhor alimentar-se como as demais, para que immediatamente obedecesse.

Terna e expansiva, era naturalmente levada a manifestar com ca-

ricias e amplexos o proprio affecto e gratidão para com as suas benfeitoras, as Irmãs, a quem reconhecia dever tudo. Avisada, porém, não ser aquillo necessario nem conveniente, nunca mais o fez.

Era um encanto contemplar o misto de affecto e respeito que desde então transparecia do semblante e do porte da gentil Blandina em presença dos Superiores.

Ao passo que as demais creanças indígenas se mostram quasi sempre desenvoltas na intimidade, ella não conservava admiravelmente modesta, braços cruzados, unicamente a ouvir.

«Impossível, affirma a Directora, pegar da vassoura, diante de Blandina, para varrer a casa; pois ella vinha logo de carreira dizendo no seu delicioso idioma: *«Boro, boro, a-ro cabá inna, aegui Mijera nuraqui, i mode bai aculda, vassoura magu-inai»*. «Não, não, não faça isso; a Senhora é nossa superiora; eu varrerei a casa, dê-me a vassoura».

Si tão grande e extraordinario era o seu amor e estima para com os Superiores, muito maior ainda foi a sua ineffavel piedade para com Deus e tudo que se entende com o divino culto.

Dir-se-ia que a sua alma ingenua era a flor que encontrára o seu sol, e já não queria mais viver sinão da luz e do orvalho do céu.

Nas aulas de catechismo, ella nunca se cançava; ao contrario era sempre quem supplicava a mestra que continuasse apezar de as collegas manifestarem, após certo tempo, algum enfado.

Era que para a sua mente inculta, mas pura os mysterios da nossa divina Religião, tinham os esplendores d'uma alvorada. Em face d'elles, oh! como as grosseiras crendices dos seus irmãos se lhe afimavam cada

vez mais deploraveis! Que de encantos já não tinha de mais para ella a magnifica natureza selvagem, em que nascéra, uma vez que a contemplava com os olhos da razão aerysolada pela fé! Tudo aquillo eram obras de um Deus, cuja omnipotencia é o amor: e *Boquadi-y*, a obscura filha dos Boróros, sentia um novo mundo, em que a sua alma virginal embalava-se tão instinctivamente como a garça pelo firmamento azul destes sertões.

D'aqui o seu amor pela oração e os SS. Sacramentos. Eis um facto. Tendo o Padre Confessor desta Colonia passado algum tempo na do S. Coração, quando elle voltou, viu-se a piedosa Blandina exultar de alegria exclamando: *«Egüre nure! egüre nure!»* «Estou alegre! estou alegre!» Perguntou-lhe então uma das Irmãs o motivo de tanta satisfação, e ella respondeu na simplicidade da sua lingua nativa: *«Padre nure se confessada aregodito»*. «O Padre que nos confessa, chegou».

Este espirito de piedade levava tambem a bôa Blandina a envolver-se no véu do mais melindroso recato, incomprehensivel em uma livre filha de silvicolas. Um dia voltavam as meninas do passeio, e entre ellas *Boquadi-y*, acompanhadas pela Irmã assistente. Esta viu ao longe os rapazes da Colonia que trabalhavam á beira da estrada, e, não achando conveniente passar por lá, perguntou ás alumnas si conheciam outro caminho. Mas todas, á uma, menos a modesta *Boquadi-y*, responderam trefega e mentirosamente que não. Foi então que esta, indignada com o procedimento das levianas collegas, disse á assistente: «A Senhora me siga, que eu sei outro caminho». E assim se fez por entre a decepção e o esgarçamento de todas as demais.

Já dissera, porém, a poesia antiga que os amados dos deuses morrem na flôr dos annos. E a sabedoria bíblica diz muito melhor que Deus leva da terra as almas jovens dos innocentes, para que a illusão os não engane, e a malícia lhes não corrompa o coração. Assim foi com a candida *Boquad-y*.

Quando ella entrou para esta colônia, trazia já impressos no rosto, ainda infantil, os symptomas da terrível doença, que devia tão prematuramente consumil-a. Dir-se-ia que o seu corpo, á semelhança da sua alma, fosse adquirindo cada vez mais a pallidez e o candor virginal das a-cueenas.

Em principios de Outubro ultimo, porém, os germens do mal rebentaram com tal vehemencia, que foi mister isolar das companheiras a pobre *Boquad-y*. Foi ella então confiada aos desvelos mais que maternas de duas Irmãs, que assistiam a cara doentinha, uma de noite e outra durante o dia.

Pobre Blandina! Já nem pôde mais quasi tomar parte nessas religiosas praticas, que são, entretanto, para ella um celeste encanto.

Por isso á Superiora que a aconselhava a se levantar mais tarde, respondeu a piedosa filha dos boróros: «Minha mãe, eu desejo vivamente commungar todos os dias, peço que me deixe levantar-me com as minhas companheiras». A Directora, commovida pela angelica piedade da sua neophyta satisfêl-a por alguns dias.

Vendo, porém, mais tarde que o mal se aggravava, disse-lhe que, embora se levantasse mais tarde, poderia da mesma forma fazer a S. Communhão depois da missa. Só então soccegon a alma de *Boquad-y*, es-

se verdadeiro Seraphim das flores das virgens de Matto-Grosso.

Facto devéras extraordinário na enfermidade de Blandina, foi não se têr ella nunca queixado de coisa alguma, e ao contrario, como attestam as Irmãs, procurava dissimular os seus agudos soffrimentos. Para quem conhece o animo dos boróros, como, em geral, de todos os selvagens attreitos á materia, e por isso mesmo tão cobardes em face das dôres physicas e da morte, essa conducta da joven *Boquad-y* é um daquelles traços esplendidos de evidencia, com que a Deus apraz, de quando em vez, revelar-nos sensivelmente as sublimes maravilhas que nas almas puras opera, invisivel, a sua omnipotente graça.

A fortaleza admiravel da joven indigena ainda mais sobresahiu deante dos assaltos a que teve de resistir, da parte da propria mãe, a *Borenonogore*, empedernida nas bruxarias do paganismo. Não houve meios de que não lançasse mão aquella barbara para arrastar o anjo da sua filha ás grosseiras praticas do *bari*, ou curandeiro boçal da aldeia.

Reclinada aos pés da sua mãe, cujo aspecto selvagem contrastava com a sobrenatural doçura do seu porte, a angelica menina, os olhos estatelados no chão e razos de lagrimas, ouvia respeitosamente toda aquella enfiada de necedades, e, por fim, calma e resoluta, respondia simplesmente: «*It-aiddu i commungada meri-jameduggi, zare i-mugo modde Irmã-doguebo*» (Eu quero commungar todos os dias, por isso ficarei com as Irmãs).

A coitada da mãe, que não chegava a comprehender a transformação sublime da alma da filha, disse-lhe até uma vez para a arredontal-a: «Si-não fôres para a al-

deia, esta mesma noite *Bape* (o espirito máu) virá comer-te viva! A meiga *Boquad-y*, como era natural, nem fez caso dessa tolice rematada; mas doeu-lhe tanto ver a sua mão tão presa ás ridículas abusões do paganismo, que, desde então sempre que a mãe a abordava, de alegre que continuamente era, tornava-se pensativa e triste.

No dia 24 de Outubro a pobre *Boquad-y* já não teve mais forças para levantar-se. Ulla definhava, como definharam nas jarras do santuario, essas flôres sylvestres que ella tantas vezes colheira nos seus passeios pelo bosque, para deixal-as, symbolos da sua alma, enfiando aos pés de Jesus, a simplicidade da Capelinha da Missão.

No dia 25 amanheceira muito peor, mas fez a S. Communhão, e á tarde a Confissão Geral. Na manhã seguinte recebeu, com transportes de piedade que nos encantaram, o S. Viatico e a Extrema-Unção.

Confesso, Rvmo. Sr. P. Aquino, que mais de uma vez abandonei os meus affazeres para ir visitar a cara doentinha, attralido pelo encanto da sua piedade. Era realmente o anjo destes sertões.

É o demonio que de ha tanto tyranniza as almas destes pobres indios, tentou todas as seducções infernaes para macular o candor daquelle angelica creança.

Um dia *Boquad-y*, que já quasi nem falava mais, poz-se a gritar com toda a força dos seus pobres pulmões: «*I poyáru baricure, i poyáru baricure; tôro, tôro i-pigê!*» (Sinto horror! sinto horror! vae-te, vae-te de mim!) A'quellas vozes acodiu a Irmã assistente, e encontrou a innocente Blandina toda rula de pejo, offegante, a persignar-se.

Outras vezes não gritava por fal-

ta de forças, mas bem mostrava no exterior as violentas tentações de que era preza a sua alma: exhalava um grande suspiro, fazia o signal da cruz, e dava tantos beijos de fogo no Crucifixo, que debulhava os presentes em lagrimas de alegria.

Uma noite, conta a Directora, a menina sobresaltada fez tantos e farrucos esforços para arrancar do peito o bentinho do Carmo, que recebeu, não havia muito, que acordei, e, notando o seu desasoscego, achegetei-me a ella e rociei-a com um pouco de agua benta. Então a cara Blandina tranquillizou-se e, cruzando os bracinhos ao peito, quedou-se calma e amavel como sempre.

Eu tambem, á vista dessa furibunda perseguição do anjo das trevas, procurei estar o mais possivel ao lado da pobre enferma, confortando-a com as preces e as bençãos sacerdotaes. Blandina, sem falar porque já não podia mais, acompanhava, entretanto, a piedosa cerimonia com o signal da cruz.

Era por certo o Senhor Deus que, permitindo esses diabolicos assaltos, queria purificar sempre mais a alma predestinada dessa peregrina filha dos Boróros, para transportal-a depois ao céu, como a mais bella representante da sua esperançosa tribu.

No dia 28 accusou sensivel melhora e manifestou desejos de receber mais uma vez a S. Communhão, o que lhe foi concedido. Perguntou-lhe então a Directora si tinha medo de morrer, coisa assustadora e terrivel para os boróros; mas a innocente *Boquad-y* respondeu: «*Não, eu quero ir para o céu!*».

O quarto da doente era ao lado da capella, e a sua cama proxima á janella que dá para o altar. Quantas vezes a piedosa Blandina levantava a cortina da janella, e alli ficava por

espaço notável de tempo, a contemplar o sacrário! São coisas que parecerão certamente inícríveis em índios, mas nós todos somos testemunhas oculares de tão maravilhosos exemplos.

Refere ainda a Directora que uma noite Blandina desprendeu da mesma cortina da janella, um quadrinho de N. Senhora Auxiliadora que lá estava, fez com elle tres vezes o signal da cruz, como faz o Sacerdote na Missa com a patena, e, collocando-o sobre o peito, adormeceu serena e sorridente.

Ja, porém, soar a ultima hora da cara *Boquand-y*. Desde o dia 28 parecia finar-se a cada momento; mas a sua alma para aguardava o bello dia de hoje, illuminado pela gloria de Todos os Santos, para vêr ao céu, como se evola a ultima onda do perfumes dessas grandes flôres selvagens, que, por entre os deslambra-mentos de uma manha tropical, desmaiam, solitarias e silenciosas, nos recessos da floresta virgem.

Nesta madrugada, vendo-a tão desfallecida, perguntelhe ainda uma vez si queria mesmo ir para o céu. A resposta foi um *uhl!* (sim!) prolongado, no qual pareceu que se lhe esvaio toda a alma. Foi a sua ultima palavra, o ultimo monosyllabo, que ella quiz pronunciar na sua lingua materna, para dar-lhe toda a significação e toda a vehemência de um suspiro supremo pelo céu.

Rezei então em borôro o acto de contricção que ella acompanhou com a expressão dos serenos olhos moribundos, e dei-lhe a extrema absolvição.

Eram 9 horas da manha, quando a angelica filha dos bosques, assistida pelo padre missionario e por todas as Irmãs, entregava a Deus a sua mímosa alma. Era um perfume de incenso que subia da terra, era a garça

que revolava ao ninho, era um anjo que voltava para o céu.

Ao lado da placidez daquelle morte, por sobre a qual adojavam nas azas setinhas da esperança, as preces do christianismo desenvolava-se, em pavoroso contraste, uma horripilante scena pagã. Era a pobre mãe de *Boquand-y*, que, dando de mão a navalhados cacos de vidro, retalhava-se, com barbaro rito, o corpo todo, a esguichar sangue, por entre o seu ulular de Éra, numa expressão brutal de dôr e desespero.

No mesmo instante, entrava urrando o velho Malachias, pae de *Boquand-y*. Collocando-se á esquerda da companheira melancolicamente ensanguentada, quebrou em tucé da filha morta, o molho de flechas, que trouxera e arrojou as sobre o pequeno cadaver.

A selvagem cerimonia ter-se-ia prolongado muito tempo, si não fosse o P. Director tór dando ao velho duas rapaduras e promettillo rapas que depois recedeu, com o que consolou-se immediatamente e disse á mulher: «*A-cá-tá-bá-lá, urungá-lá-lá-lá*» (olha, já chegou).

Da muito bôa mente, Revmo. Sr. P. Aquino, teria calado estes detalhes tragicamente commoços que destoam tanto das suaves tintas d'esto quadro encantador da morte christã de uma joven selvagem. Mui de industria, porém, não o fiz aqui de pôr em sempre maior relevo a sobrenatural metamorphose que o christianismo realizára na alma eleita de *Boquand-y*, a filha daquelles selvagens.

Tendo sabido todos, as boas Irmãs prepararam carinhosamente o cadaver da querida extincta, puzeram-lhe os vestidos brancos da 1.^a Comunhão, o véu e a grinalda do seu mystico noivado, e deitaram-na em branco atafêdo.

espaço notavel de tempo, a contemplar o sacrario! São coisas que parecerão certamente inenarráveis em indios, mas nós todos somos testemunhas oculares de tão maravilhosos exemplos.

Refere ainda a Directora que uma noite Blandina desprendeu da mesma cortina da janella, um quadrinho de N. Senhora Auxiliadora que lá estava, fez com elle tres vezes o signal da cruz, como faz o Sacerdote na Missa com a patena, e collocando-o sobre o peito, adormeceu serena e sorridente.

Ia, porém, soar a ultima hora da cara *Boquatl-y*. Desde o dia 28 parecia finar-se a cada momento: mas a sua alma pura aguardava o bello dia de hoje, illuminado pela gloria de Todos os Santos, para vêr ao céu, como se exalta a ultima onda de perfumes dessas grandes flores selvagens, que, por entre os deslambra-mentos de uma manhã tropical, desmaiam, solitarias e silenciosas, nos recessos da floresta virgem.

Nesta madrugada, vendo-a tão desfallecida, perguntei-lhe ainda uma vez si queria mesmo ir para o céu. A resposta foi um *uhl* (sim!) prolongado, no qual pareceu que se lhe esvaísse toda a alma. Foi a sua ultima palavra, o ultimo monosyllabo, que ella quiz pronunciar na sua lingua materna, para dar-lhe toda a significação e toda a vehemencia de um suspiro supremo pelo céu.

Rezei então em boróro o acto de contricção que ella acompanhou com a expressão dos serenos olhos moribundos, e dei-lhe a extrema absolvição.

Eram 9 horas da manhã, quando a angelica filha dos bosques, assistida pelo padre missionario e por todas as Irmãs, entregava a Deus a sua mi-nhosa alma. Era um perfume de incenso que subia da terra, era a garça

que revolava ao ninho, era um anjo que voltava para o céu.

Ao lado da placidez daquelle morte, por sobre a qual adojavam nas azas setinosas da esperança, as preces do christianismo desenrolava-se, em pavoroso contraste, uma horripilante scena pagã. Era a pobre mãe de *Boquatl-y*, que, dando de mão a navallados cacos de vidro, retalhava-se, com barbaro rito, o corpo todo, a esguichar sangue, por entre o seu ulular de fúria, numa expressão brutal de dôr e desespero.

No mesmo instante, entrava urrando o velho Malochins, pae de *Boquatl-y*. Collocando-se á esquerda da companheira medonhamente ensanguentada, quebrou em teco da filha morta, o molho de flechas, que trouxera e atirou-as sobre o pequeno cadaver.

A selvagem continencia ter-se-ia prolongado muito tempo, si não fosse o P. Director ter-lheado o velho duas rapaduras e prometido roupas que depois recebeu, com o que consolou-se immediatamente e disse á mulher: «*A-sámbila, arupala iago*» (olha, já chegas).

De muito boa mente, Ruyon, Sr. P. Aquino, teria calado estes detalhes tragicamente comicos que destoam tanto das suaves tintas deste quadro encantador da morte christã de uma joven selvagem. Mui de industria, porém, não o fiz affim de pôr em sempre maior relevo a sobrenatural metamorphose que o christianismo realizára na alma eleita de *Boquatl-y*, a filha daquelles selvagens.

Tendo sahido todos, as boas Irmãs prepararam carinhosamente o cadaver da querida extincta, puzeram-lhe os vestidos brancos da 1.^a Comunhão, o véu e a grinalda do seu mystico noivado, e deitaram-na em branco ataúde.

Está morta a joven e meiga Blandina: mas na sua physiognomia ainda paira um como reflexo da sua alma candida, que quasi a anima, e a torna sorridente e amavel como na vida, á semellhança de aroma remanescente em vaso de crystal, donde se evaporou toda a essencia perfumosa.

Tanto assim, que, apesar do superstitioso preconceito que leva os boróros a nunca olhiarem para um cadaver, todos elles quizeram vêr e contemplar o de *Boquady*. Os pagãos ficavam como que encantados, e os christãos murmuravam convencidos: «*Ere illure barito urugidus*» (Ella foi direitinho para o céu).

O enterro já teve lugar hoje mesmo á tarde. Foram as primeiras exequias christãs que se realizaram nesta Colonia. E que encanto! O caixão foi levado pelas proprias companhias de *Boquady*, que o encheram carinhosamente de flores. Não houve musica: mas nenhuma outra ter-nos-ia parecido tão commovente como essas preces exequiaes da nossa santa Religião, primeiras que aqui se rezaram, de envolta com as melancolicas harmonias destas mattas ao cahir da tarde, e com os soluços destes caros neophytos, que já não têm na sua dôr a expressão do desespero, mas sim da esperanza christã.

Varias pessoas da proxima estação telegraphica do Barreiro dignaram-se de acompanhar até á ultima jazida os restos mortaes da humilde filha dos boróros, e entre ellas o telegraphista, nosso ex-alumno, o Sr. Loredano de Veneza.

A' sombra materna das florestas nataes, jaz agora o corpo virginal de *Boquady*: mas a sua alma, esperamol-o firmemente, repousa lá no céu, a velar sobre a sua selvagem tribu e a rogar pela redempção completa dos seus caros irmãos.

Entretanto, amanhã celebrar-se-á Missa cantada de *Requiem*, com Comunhão Geral em suffragio da alma da saudosa extincta, e assistencia de toda a aldeia.

Rvm. Sr. P. Aquino, a noite vai alta e acho-me abatido sob o peso de tantas emoções, que não deixam, entretanto, de consolar infinitamente o coração de um pobre missionario. Vou terminar.

A cara Blandina é morta, mas ficará para sempre como um suave e luminoso exemplo da efficacia da catechese religiosa, unica realmente capaz de, em tão pouco tempo, transformar em anjo a alma de um selvagem. Oxalá que bem o comprehendessem os espiritos sensatos, e procurassem auxiliar-nos na conquista dessas almas que, como a de *Boquady*, constituem uma gloria não só para a catechese, mas para toda a civilização humana. Oxalá!

Queira, enfim, Rmo. Sr. P. Aquino, têr presente em suas preces esta colonia, e especialmente quem affectuosamente o abraça e subscreeve-se, como sempre,

irmão e amo, em J. C.,

P. Miguel M. Curro.

Circulares recebidas

...do Exmo. Sr. João Carlos G. de Mattos, comunicando-nos que tendo, no dia 3 de Fevereiro, deixado a Administração dos Correios do Estado o Administrador effectivo, Exmo. Sr. Antonio Thomaz de Aquino Corrêa, por motivo de feras, assumia no dia seguinte, na qualidade de seu substituto legal, a direcção da mesma.

...dos Exmos. Srs. Calhã & Filho, participando-nos que a 24 de Novembro do anno proximo findo, organizaram, nesta cidade, uma sociedade mercantil para a exploração da arte graphica e commercio de artigos do escriptorio e outros, em substituição da firma individual do socio Emilio Rodrigues Calhã, sob a razão de "Calhã & Filho" cujo contracto está devidamente registrado na Inspectoria Commercial do Estado.

...do Exmo. Sr. Director da Secretaria do Governo um exemplar da collecção das leis e dos decretos do Poder Executivo deste Estado, promulgados e expedidos no anno proximo passado. Pênhorados, agradecemos.

Parnaso mattogrossense

CONCURSO PARA O HYMNIO DA PEREGRINAÇÃO BRAZILEIRA A ROMA (*)

I

PARTIDA DO BRAZIL

*Sobre as águas da azul Guarnabara,
Geme o nosso irrequieto batel;
Peregrino! a hora é amara,
Da partida eis a hora cruel!
Adens! Patria! adens! praias tão bellas!
Adens! almas queridas do lar!
Pelos mantos que esfraldam as velas,
Rogue todos a Estrella do mar!
Mas silencio! uns arcebas divinos
Vêm rotando nas ondas da luz:
«Oh! eis que hoje partís, peregrinos,
Voltei, santos, d' terra da Cruz!»
Brazileiros! são votos ferventes,
São os votos da Patria gentil;
Oh! juremos que, fortes e crentes,
Voltaremos ao caro Brazil.
Sim! Oh! Patria! nutrir-nos queremos
Contra os bojes do século atroz,
Por que aus nêos um dia leguemos
A fé pura dos nossos avós!*

II

CHEGADA A ROMA

*Dominando quinhentas igrejas,
De S. Pedro o zimbório reluz;
Eis a Roma d'as sacras pelejas,
Eis a Roma d'as glórias da Cruz!*

(*) No anno de 1908, a commissão Central da Peregrinação Brasileira a Roma abriu concurso para a letra de um hymno, que tinha de ser cantado pelos peregrinos brasileiros á sua partida do Brazil, á sua chegada a Roma e perante o Santo Padre, estabelecendo como condição: «cada uma dessas tres partes do hymno devia conter minimo a seis estrophes».

Designados por S. Eminencia o Senhor Carlos de Aguiar para membros da commissão julgadora o conde de Alfama, Celso e os Drs. Carlos de Luet e Raymundo Corrêa, formullo presentes 12 autographos, cada qual assignado com um pseudonymo, divisa ou symbolo. Classificaram em 2.º lugar o trabalho que ora publicamos assignado com a divisa: Ignis ardens, adoptado pelo nosso tabuleiro patricio Aquino Corrêa, então esta lente em Roma e hoje bispo electo de Prusich e Auxiliar de Curitiba.

N.º 1: De Luet, 11.

Peregrinos! joelhos em terra!
Neste soto que o tempo não rói,
Cada cespede um martyr encerra,
Cada marmore canta um herói!
Sim! oh! Roma! a beijar teus altares
E a fé que hoje aqui nos conduz;
Somos filhos de collidos lares,
Somos filhos da Terra da Cruz!
Salve! Roma! neste anno em que as gentes
A teus muros accorrem aos mil,
Oh! não fultem os filhos ardentes
Do catholico e grande Brazil!
Tu, oh! Roma, revelas os feitos
Dos augustos varões do Senhor,
De vaidades não enches os peitos,
Mas de fé, de esperança e de amor!

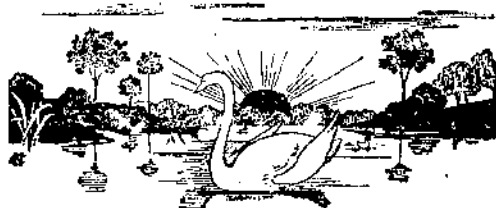
III

PERANTE O S. PADRE

Salve! Pio! oh! Pontifice! oh! santo!
Branca imagem do meigo Jesus!
Desde o throno immortal ouve o canto
Dos teus filhos da terra da Cruz.
Mui além destes mares e montes
Lá vivemos á sombra das leis;
Quando fallas, lá curvam as fronte
Mais de vinte milhões de fleis.
Longe, longe de nós os assomos
Das modernas revoltas fataes
Que nós todos catholicos somos,
E sem Pio não ha, não ha taes!
Da moral e da fé no sacrario,
Só tu, Pio, és o nosso Doutor!
Nos perigos de um mundo nefario,
Só, tu Pio, és o nosso Pastor!
Qual panoplia de luz que amedronte,
E derrote o exercito hostile,
Caíam, pois, tuas bençãos na fronte
Dos teus filhos do caro Brazil!

Roma, 24-E-1993.

AQUINO CORRÊA.



HYMNO DOS FOOTBALLERS

O mundo é um *ground* e do homem a vida
 É' um *match* entre os *teams* do bem e do mal;
 O seu coração é qual bola batida.
Shootada por um ou por outro rival!

Sus! jovens, ao campo! Ao *match* da vida.
 Athletas do *team* do bem contra o mal.
 Avante campeões! já sorri-nos na lida
 O *goal* da victoria do nosso ideal!

Embalde o inimigo nos *shoota* e convida
 Ao tope *offside* do erro fatal;
 Oh! nunca, jamais a nossa alma trepida,
 Bafejam-n'a os louros da gloria immortal!

A nossa bandeira é a bandeira querida.
 Que cifra os laureis do valor nacional;
 A nossa esperança é na cruz lá erguida.
 Que borda de luz nosso céu tropical.

Sus jovens, ao campo! Ao *match* da vida.
 Athletas do *team* do bem contra o mal:
 Avante! campeões! já sorri-nos na lida
 O *goal* da victoria do nosso ideal!

S. Paulo, 29 de Novembro de 1909.

AQUINO CORRÊA

**Felo regresso do Revmo. P. Aquino Corrêa
 á sua Terra natal.**

Mil vezes te bendigo, ó Deus clemente!
 Porque depois de tanto tempo... tanto...
 Nos concedeste a graça, ardentemente
 Anhelada! Senhor tres vezes Santo!...

—Voltou-nos Padre Aquino!... Tem na frente
 Trophéos de mil victorias!... Gloria e encanto
 De vates e de genios!... Céu nitente
 A transbordar de além o eterno canto!

O' grande Patria do Cruzeiro, exulta!
 Em revendo o teu filho ultra-gigante,
 Teu novo heróe, que entre os heróes avulta!

E tu, meu Matto Grosso, irrompe, ovante.
 Ao que luzes te traz da Roma culta.
 Mil vivas do teu scio palpitante!...

Corumbá, 16 de Junho de 1910.

A. M. O.

EXTERIOR

*Oh! que horrível solidão...
Eu tenho no coração,
Da morte a glacial frieza!...
Já minha vida parece
Que pouco e pouco languece
Immersa em funda tristeza!...*

*Eu soffro qual desgraçado,
A vagar abandonado,
Da sorte entregue aos rigores!...
A minh'alma a dorida,
E ave implume, ferida,
Perdida em afros negroses!...*

*Oh! meu Deus! que dura sorte!
Que perder... oh! que morte,
Quer minha vida cear!...
Já tudo ao redor de mim,
E a ilte escure, sem fim,
Sem esperança, sem ar!...*

De Aquilano.

JOÃO NUNES DA CINHA.

DO OCCASO E DO SILENCIO

*Nas horas derradeiras
do Sol morrêdo, o Occaso, evocativo,
parece uma Paizagem Symbolista...
E violeta... é sangue... é ouro cego...
Tem a cor da saúde e do amethysta
das plangentes olheiras...*

*Longe, em ruínas, a Torre secular,
isolada entre as urvores, levanta
o seu perfil, em seismas dolorosas...
Olha á distancia, espia
a vêr que crente vem para rezar
a oração derradeira ao fim do dia...*

*Despetalam-se rosas...
Uma cigarra ao longe canta...*

*Cai sobre a Terra uma saudade roxa...
Um silencio de seda...
E a luz rae a fugir... é frouxa... é frouxa
debatendo-se aos troncos da alameda...*

O' silêncio da tarde que me exhortas!...

O' Silêncio...

*...amigo das igrejas mortas...
das alcovas esquecidas,
onde a Saudade vai ouvir chorando,
os beijos que morreram soluçando,
as palceras perdidas,
que catadas morreram no silêncio...*

*Amo-te, Hora, em que o Angelus dolente,
na luz crepuscular.*

Chora saudades brancas pelo Ar!...

O' mysticismo azul do Pôr do Sol!

O' Pedraria viva do Arrebol!...

O' Quadro symbolista do Poente!...

Rio Grande do Sul.

LEONIDAS DE MATTOS.

Aos collegas segundannistas do collegio

"S. Thereza" em Corumbá

*A saudade desses tempos
Sinto alma inda vibrar!
Quizéa em suaves cantos
Este affecto ora expressar.*

*Não lembraes, caros collegas,
Nossos tempos collegiues?
Para nós tudo sorria
Naquella quadra sem ais!*

*Oh! que dias venturosos
Para o nosso coração!
Nossa alma então se embulava
Na mais doce viração...*

*Que de idéas me sorriem
Quando penso nesses dias,
Das quaes tenho uma saudade
Que só tu, Deus, avalias!*

*Quando erguíamos a Virgem
Nossa ferida oração,
Que de jubilo inundava
Toda a nossa coração!*

*Entre os caros professores
Passámos tranquillos dias
Haurindo dos seus ensinos
Da sciencia as harmonias!*

*Pois a elles enviemos
Nossa humilde saudação,
Que seja como tributo
De sincera gratidão!*

*E a vós, saudosos collegas,
Oh! caros amigos meus,
Com saudade a mais profunda
Eu envio o meu adeus!...*

Cuiabá, 14-2-1914.

JOSÉ LAVAQUIAL BIOSCA

SONETO

A' memoria dos heróes da Aquidaban

*Tantos jovens morreram... tantos paes...
Dos seus saudosos lares afustados,
Sob as ondas do oceano sepultados,
Enviando ao Senhor doridos ais!*

*Morreram nos seus nobres idêues,
Em transe de afflicção inesperados!
Triste sorte a de serem devorados
Pelas fúrcas do abysmo tão brutaes!...*

*Suas almas, em brancas revôadas,
Como espumas, da glauca immensidade,
Vôaram d' celeste claridade!*

*E essas vidas, então sacrificadas,
Já pertencem ás paginas da historia,
Que sempre as lembrará cheia de gloria!*

Cuiabá, 16-3-1911.

CESINO ROCHA.



S. José

Joseph autem vir justus

Deus, além da missão geral que dá a qualquer creatura racional, apraz-se em confiar algumas predestinadas peculiares incumbências. Entre ellas, somente tres, depois de Maria S. S. receberam um deposito, além de qualquer expressão, incomparavel. Simão Pedro: a custódia da mystica Esposa de Jesus, a igreja; tornando-se destarte o depositario de seus poderes, o distribuidor de suas graças, o mestre infallivel da eterna verdade.

S. João, o discipulo predilecto, que descansou sobre o peito de Jesus, recebeu a propria Mãe S.S. do Divino Verbo. Em suas virgens mãos depositou Jesus Christo moribundo quanto tinha de mais caro!

E desaparece qualquer grandeza ao lado destes dois imperscrutaveis privilegios da Providencia divina, com excepção da dignidade de José, o humilde carpinteiro, eleito o custodio do mesmo Salvador do mundo.

Ditoso! em suas mãos o Padre Eterno entregou o proprio Filho. O Filho unigenito dava sua divina pessoa, e o Espirito Santo a Immaculada Esposa! Elle por sobre a terra é como a sombra do Padre Eterno, o depositario da Augustissima Trindade.

E note-se: Foi uma fé sincera na divindade de Jesus Christo que tornou Pedro seu Vigario e chefe supremo da igreja. Uma pureza excepcional fez com que João substituisse o proprio Jesus Christo, na qualidade de filho; e foi uma justiça plena, uma santidade incompa-

ravel que guindou José ao eme das dignidades terrenas.

Que se o Evangelho deixa n'uma mystica sombra sua amavel e bellíssima figura, si se limita chamalo por excellencia de varão justo-*vir justus*, impossivel é por certo sondar o interminio oceano de sua grandeza e santidade! Onde está, humilde carpinteiro de Nazareth, a purpura que vos pertence? Onde o sceptro de vossos reaes antepassados? Aquella pobre officina de modesto operario substituiria o esplendido palacio dos reis de Judá?! Porque tudo está encoberto por uma nuvem mysteriosa?

Obumbrado o sangue real pela extrema pobreza, a integridade virginal escondida pelas apparencias do matrimonio, e a missão divina distarçada pelos trabalhos do artezo.

Quão densos são os véos que escondem a excelsa dignidade de José!

Deus podia nascer tão só de uma Virgem Mãe, nella convinha como em sagrada sombra se escondesse a mysteriosa virtude do Altissimo. Mas quem teria sido o confidente de Deus? Quem o sustentaculo da Mãe e do Filho? Quem ao antigo seductor teria occultado o delicatissimo arcano? Um varão, tão somente um varão foi achado digno de assumir o deliendissimo officio: José, filho de Jacob, da tribu de Judá, e descendente de David! Elle é o homem de uma rectidão sem igual, de uma integridade sem confronto, de uma innocencia sem mancha. Elle o predestinado dos seculos, o homem predilecto do coração de Jesus. Elle o justo do Evangelho, e em sua alma como as cordas de uma cytara delicada harmonizam-se os elementos da perfeita justiça!

Joseph autem vir justus.

Salve oh! José! Vós o primeiro entre os patriarchas do novo Testamento e ultimo e mais santo dos do antigo. Salve, ó apostolo da gentilidade no Egypto; o mais santo entre os esposos, o mais puro entre os virgens, o mais firme entre os confessores da fé, o mais forte entre os martyres de Jesus Christo!

Vós recordais ao pobre a paciência, ao rico a caridade, ao operario a resignação; fazei pois se erga o sol de paz por sobre nós, a envolver com seus raios a igreja e d'ella o angusto chefe, o Papa.

Assisti-nos á nossa cabeceira na derradeira hora, e fazei que, como durante a vida recorremos á vossa intercessão, possamos depois da morte prostrar-nos aos pés do vosso throno por toda a eternidade.

PAGINA ESCOLAR

Nomes dos alumnos do Lyceu Salesiano de Artes e Officios "São Gonçalo" que se distinguiram nos dois concursos bimensaes do presente anno lectivo de 1913-1914, realizados nos mezes de Janeiro, Março.

PRIMEIRO CONCURSO

Iº anno

José Julio Lavanquial Biesen

IIº anno

- 1.º Manoel José Moreira
- 2.º Almor de Lima Bastos
- 3.º Roderico de Campos Miranda

IIIº anno

- 1.º Benjamin C. Keller
- 2.º José Marcello Moreira
- 3.º Annibal Gomes Bezerra

IIº anno

- 1.º Orlando de Oliveira
- 2.º Luiz Antonio de Figueiredo
- 3.º Antonio Alves de Siqueira

Iº anno

- 1.º João de Oliveira Garcia
- 2.º José Raul Vilá
- 3.º João Pompéo de Barros e José Duarte de Figueiredo

IIº anno

- 1.º Osorio Gomes de Barros
- 2.º Ivo Maximo da Fonseca
- 3.º José Lindolpho Carneiro

Iº anno

- 1.º Candido de Moraes e Castro
- 2.º Henrique Sempio e José Lydes Gomes de Barros
- 3.º João Strobing de Vasconcellos

Infantil Superior

- 1.º Ivo Carneiro
- 2.º Romão de Campos Maciel e Orosimbo Alves Guerra

- 3.º Luiz Gonzaga Rodrigues de Pinho

Infantil Inferior

- 1.º Alcides de Sampaio e Frederico Leoncio Gaiva
- 2.º Luiz Duarte de Figueiredo
- 3.º Salomão Gomes Bezerra

Conducta Lounor

Manoel José Moreira, Annibal Gomes Bezerra, Antonio Manoel Moreira Filho, Benjamin Constant Keller, João Pedrosa da Silva Rondon, José Honorato da Silva e Souza, Antonio Alves de Siqueira, Orlando de Oliveira, Waldemiro de Araújo Bastos, João de Almeida Castro Filho, Albasio Gomes Bezerra, Cyro Gomes Bezerra, José de Albuquerque Nunes, Nemesio Gomes Bezerra, Genálio Antunes de Siqueira, Percilio de Souza Bruno, João Tarcisio Bueno, Miguel Theodoro de Paula e S., Ascendino Rodrigues Duque.

SEGUNDO CONCURSO

Iº anno

José Julio Lavanquial Biesen

IIº anno

- 1.º Roderico de Campos Miranda
- 2.º Manoel José Moreira
- 3.º Pericles Vaz Guimarães

IIIº anno

- 1.º Leonides de Carvalho
- 2.º Alberto Ribeiro Sallaberry e Benjamin C. Keller

1.º José Marcello Moreira

IIº anno

- 1.º Orlando de Oliveira
- 2.º Bruno Ramos de Cerqueira
- 3.º Luiz Antonio de Figueiredo

Iº anno

- 1.º João de Oliveira Garcia
- 2.º José Raul Vilá
- 3.º José Duarte de Figueiredo

IIº anno

- 1.º Osorio Gomes de Barros
- 2.º José Lindolpho Carneiro
- 3.º Ivo Maximo da Fonseca

Iº anno

- 1.º Candido de Moraes e Castro
- 2.º José Lydes Gomes de Barros
- 3.º Henrique Sempio

Infantil Superior

- 1.º João Gomes Bezerra
- 2.º Ivo Carneiro
- 3.º Romão de Campos Maciel

Infantil Inferior

- 1.º Frederico Leoncio Gaiva
- 2.º Alcides de Sampaio
- 3.º Francisco Nunes Ribeiro

Conducta Lounor

Manoel José Moreira, Annibal Gomes Bezerra, Benjamin Constant Keller, José Honorato da Silva e Souza, Leonides de Carvalho, Albasio Gomes Bezerra, Nemesio Gomes Bezerra, João Tarcisio Bueno, Miguel Theodoro de Paula e S., Ascendino Rodrigues Duque.



P.^o Dr. Francisco de Aquino Corrêa
D. D., Director do Lyceu Salesiano "S. Gonzalo"

SALVE DE D. BUSCO INCLITO FILHO!

Dois de Abril

Alviçareira vai porahi repantando a aurora do dia dois de abril.

Data fagueira e querida ao nosso coração, pois completa mais um anno de util e preciosa existencia o preclaro Dr. P. Francisco d'Aquino Corrêa, d.d. Director do Lyceu Salesiano S. Gonçalo, cujas virtudes e qualidades pessoas o tornam procminente figura em a nossa capital.

Deixando de lado os excelsos merecimentos de S. Excia. Revma., intelligentissimo sacerdote, provecito educador, marioso poeta, e eximio orador no pulpito cuiabano, cumprenos saudal-o na qualidade de collaborador de nossa modesta Revista que n'elle conta um paladino esforçado das letras patrias cujas produções, numerosas e escolhidas são sempre lidas com prazer e utilidade.

Antes, porém, de fazermos nós mesmos o elogio de que elle é digno, preferimos transcrever quanto disseram os jornaes pela fausta occurrencia.

«Alviçareiro e feliz, decorre hoje o anniversario do estimadissimo Padre Dr. Francisco de Aquino Corrêa, Director do Lyceu Salesiano e um dos peregrinos talentos da hodierna geração matto-grossense. Sacerdote que sabe impor-se á consideração e estima de seus conterraneos pela sua correcção, portador de uma solida illustração, orador sacro que arrebatava o auditorio com a concisão de seus conceitos, emittidos com a sua palavra facil, o Reverendo Padre Aquino conta nesta sociedade com muitas affeições, que elle carinhosamente sabe cultivar.

Queira, pois, acceitar as nossas fe-

licitações, de envolta com os votos, que formulamos, pela sua felicidade pessoal.»

(Da *Gazeta Official*)

«Faz annos hoje o dr. Francisco de Aquino Corrêa, respeitavel sacerdote que occupa o cargo de Director do Lyceu Salesiano e vice-director da missão salesiana neste Estado.

Possuidor de uma cultura invejavel, o joven sacerdote, se não é um prodigo em dar-nos constantemente as mostras do seu saber, não esconde, egoisticamente, o seu amor ás Musas, alem de encantar-nos ás vezes com a sua palavra admiravel, delicada, levando-nos a avançar que, da moderna geração mattogrossense, é o dr. Aquino espirito mais cultivado.

Respeitavel nas suas funcções, o illustre anniversariante impõe-se pela maneira digna porque se mantem na sociedade matto-grossense que o admira e acata sem distincção de crença.

Talentoso e sympatico, o padre Aquino dispõe de um grande numero de amigos que se alegrarão por levarem-lhe hoje os seus cumprimentos.

O Debate saudava-o com alegria e sympathia.»

(Do *Debate*)

«Passa a 2 do entrante o auspicioso natal do festejado matto-grossense Revmo. Sr. P. Dr. Aquino Corrêa. O illustrado Sacerdote é um dos mais lidimos representantes intellectuaes da mocidade patricia; pelas suas peregrinas virtudes de sacerdote e cidadão devotado ao serviço

de Deus e da Pátria, conseguiu impor-se, ainda no florescer dos annos, á justa admiração dos seus conterrâneos, que immensamente o veneram.

O distincto anniversariante, dotado de tão excelsas qualidades de espirito e de character, terá, no memoravel dia, de ver mais uma vez consagrado o alto grau de estima e carinho que mercedamente lhe tributa a sociedade cuyabana, que, sem distincção de classe, irá levar-lhe os seus sinceros cumprimentos por tão feliz e grato motivo.

"A Cruz", participando do regosijo dos seus innumerados amigos, apresenta ao illustre anniversariante, as suas cordiaes felicitações."

(Da A Cruz)

DOIS DE ABRIL no Lyceu Salesiano "S. Gonçalo"

Engalanou-se o Lyceu Salesiano para festejar o anniversario natalicio do seu benemerito Director P. Dr. Francisco d'Aquino Corrêa. Eis o bello programma da solennissima festividade:

PARTE RELIGIOSA

A's 6 1/4 da Manhã—Missa da Comunidade, pelo Revmo Sr. P. Dr. Francisco de Aquino Corrêa—Communhão Geral—Mottetes.

A's 8 1/4 hrs. da manhã—Missa Solenne do M.^o Angelo Balladori, executada pela "Schola cantorum"

A's 6 hrs. da tarde—Bençã Solenne com o S.S. Sacramento.

ACADEMIA LITTERO-MUSICAL

I Parte

1. *Palavras de abertura*—pelo Revmo. P. Luiz Montuschi.

2. Peça pela banda.

3. *Allocução*—pelo quintannista José Lavaquial Biosca.

4. *Minha lição de grammatica*—Poesia.

5. *Tambem os pequenos*—Dialogo.

6. *Com o coração nas mãos*—Dialogo.

7. *Os tres valentes*—Farça, pelos alumnos apprendizes.

8. Peça pela banda.

9. *Ramalhete de Flores*—Canto.

II Parte

10. *Arte musical*—I. parte. Scherzo pela "Schola Cantorum".

11. *Os Apprendizes ou Estudantes*—Dialogo.

12. *Se dependesse de mim*—Monologo.

13. *O amor do estudo*—Scena escolar.

14. *E a poesia?*—Dialogo.

15. *Arte Musical*—II parte.

16. *Gymnastica Sueca*—(Exercicios de).

17. * * *

18. Dobrado final.

A's 6 1/2 da manhã o Rmo. P. Directorrezou a missa da communidade. Após um delicado fervorino, distribuiu a communhão a numerosos collegiaes e feis. Ao sahir da Capella foi saudado pelo intelligente alumno Fernando Lavaquial em entusiastico improviso. «As auras balsamicas deste dia, o verde das arvores e o perfume das flores, unidamente ás nossas fervidas preces, flores graciosas de nossos corações de alumnos reconhecidos, vos mimoseem este dia. Rompa o entusiasmo em fragoroso viva, expressão sincera do affecto immenso que vos dedicamos, superior e pae.

Seja este o rosicler expansivo da festa dos corações.»

A's 8 1/4. foi dada a bençã solenne á nova bandeira do Club sportivo "Pio X", dignando-se paraymphar o acto o Exmo. Sr. Dr. Jo-

sé Julio de Freitas Coutinho e a Exma. Sra D. Luiza Victorina de Moraes e Castro.

Ao agape, dignaram-se tomar parte alguns amigos e admiradores das obras salesianas neste Estado.

Então, foram erguidos á saúde do illustre anniversariante, entusiasticos brindes, pelos Exmos. Srs. Dr. Freitas Coutinho, Frei Ambrosio Daydê, Prof. Joaquim Ribeiro Marques e varios jovens alumnos do Lyceu, merecendo todos calorosos applausos.

O Revdo. P. Luiz Montuschi assim brindou ao festejador: «Um grande litterato e critico profundo sentençiou: Se nós comprássemos os homens pelo valor que julgamos terem e depois de alguns mezes de convivencia os vendéssemos pelo valor real que teem, fariamos maus negocios e grandes perdas. Mesmo quando en admittisse este erroneo conceito que no entanto algo encerra de verdade, seria sufficiente a festa que hoje salesianos e alumnos celebram jubilosos para apresentar o mais formal desmentido á materialistica sentença. Festejamos o anniversario natalicio do Rvmo. Sr. P. Director, o preclaro sacerdote patriocio cujas virtudes e competencia enche-nos a todos de admiracão e enthusiasmo. Echoam as notas alegres, espalham-se os canticos festivos, evocam-se as musas delicadas, e o Lyceu todo veste-se á festa, e este admiravel conjunto de alegria summa freneticamente se manifesta.

E porque? Porque o Rvmo. Sr. P. Aquino é uma dessas raras figuras que admiram, attrahem, fascinam! Nós salesianos e alumnos promovemos e tomamos a rutilã iniciativa desta festa porque a prolongada convivencia com elle não o apresenta

sempre mais digno de encomios, de veneração e de amor.

Rvmo Sr. P. Director, nós vos amamos, estimamos, veneramos; sentimo-nos humana e religiosamente felizes sob a vossa carinhosa e esclarecida direcção. E são prova do nosso amor e veneração para convosco as orações e communhões feitas, e o regosijo immenso que nos vae n'alma. Pedimos a Deus vos recompense de quanto fazeis por nós, vos conserve longos annos ao nosso amor como Superior e pae, e faça outrosim que todos os cuiabanos vos conheçam sempre mais, porque quanto melhor vordes conhecido, tanto mais sereis amado.

«Eis os votos dos salesianos e dos alumnos todos.»

O Rvmo. P. Dr. Aquino Corrêa, com a eloquencia que lhe é peculiar, agradeceu a todos os oradores e demais convivas, pela manifestação de apreço e carinho que lhe mostravam.

Por todo o dia, foi continua a romaria de amigos ao Lyceu Salesiano, afim de, como em plebiscito de reconhecimento, cumprimentarem o anniversariante, o que bem prova o grão de estima e veneração em que o tem a nossa boa sociedade.

Às 6 hs. da tarde, houve a Benção Solenne com o S.S. Sacramento.

Em seguida, deu-se começo, no paleo scenico do Estabelecimento, á uma agradável academia littero-musical.

A platêa ficou repleta de assistentes, notando-se ali muitas autoridades locais, distintas familias e pessoas gradas da nossa sociedade.

O Revdo. P. Luiz Montuschi abriu a sessão, saudando o Rvmo. P. Dr. Aquino Corrêa em nome dos seus co-irmãos salesianos, cujos senti-

mentos de gratidão e veneração para com o benemerito Director, soube interpretar com as mais elegantes e fluentes phrases.

O intelligente quintannista José Lavaquial Biosca representou satisfactoriamente os seus numerosos collegas numa entusiastica allocução.

Seguiram-se interessantes dialogos, monologo, poesias, lauda e cantos, tudo desempenhado com garbo, graça e correção, pelos esperançosos alumnos do Lyceu que foram dignos das palmas doiradas dos assistentes.

Os jovens gymnastas do Club "Pio X" executaram varios exercicios de gymnastica sueca, terminados por bellas e surprehendentes pyramides.

Não podemos deixar de resaltar o bello discurso que o distincto Prof. Feliciano G. de Barros produziu em nome dos socios da Companhia de S. Luiz de Gonzaga, tendo sido ao terminar calorosamente applaudido.

Por fim o digno festejado, penhorado por tantas provas de sympathia e affecto, agradeceu sinceramente ao selecto auditorio, constituiu-se a sua palavra classica e entusiastica chave de ouro dessa festa tão sympathica e significativa para a mocidade educanda do Lyceu e a nossa boa sociedade, que na pessoa do Rmo. P. Dr. Aquino Corrêa, não só admira uma intelligencia rara, mas tambem um caracter acrisolado, modelo de virtudes cívicas e religiosas.

Publicamos em seguida a *allocução* do Sr. José Lavaquial Biosca, e a *Ode* do acolytho Sr. Antonio Franco, declamadas, na academia littero-musical, em homenagem ao festejado.

Allocução

Hmo. e Rmo Sr. P. Director

Exmos Srs

Mens Senhores.

Uma alegria poucas vezes experimentada igual e nunca superior, penetra e vibra as fibras mais reconditas e sensiveis do nosso coração juvenil. Um cantico de doce jubilo e lidimo contentamento resôa pelas varandas embalsamadas d'este recinto de paz despertando em nossas almas purissimos e fortes affectos de amor e gratidão.

As lymphas sonôas de crystalina fonte, boijando amorosamente as ternas hervinhas que crescem viçosas às suas margens; os idyllios do Pindaro, e a maviosa lingua-guem das musas não têm nem maiores encantos nem attractivos, do que este dia, em o qual nos é dado poder expressar a V. Revma, ainda que imperfeitamente o nosso carinho, nosso amor e dedicação.

E donde provém tão indizível expansão e peregrina felicidade senão da convicção profunda de que vós sois a alma desta casa onde se implumam tantas crianças, colibris doirados, que formarão a valente Patria de amanhã?

Vós sois o athleta sobre o qual gravita todo este tão merecidamente estimado edificio de educação cujas glórias já se vão espalhando pelo Brazil inteiro, dando renome á nossa terra e enaltecendo-a no conceito publico.

Si nós nos alegamos, pois, ao commemorarmos a data de um acontecimento glorioso, si então as musas fornecem maviosos versos, e a eloquencia pede as imagens mais raras, usando das phrases mais robustas e expressivas, justo é que ellas venham tambem hoje para e-

naltecer vossos meritos, para decantar vossas virtudes, dando-vos modesto premio a tantos desvelos.

Já foi escripto:

A voz do reconhecimento não muda de timbre: tem sempre a tonalidade mystica do amor.

E o amor, nós o sabemos, é a sympathia que naturalmente se forma para com aquelles que por nós trabalham e fazem-nos benefícios; como pois não amar-vos, oh! bom Padre Director?

Vós que tanto fazeis por nós, sacrificando-vos e não esperando de vossos sacrificios senão o premio que Deus prepara a seus valentes na outra vida, e a doce consolação de vêr os alumnos sabirem deste recinto abençoado bem preparados, tendo inabalavel no proprio coração a fé, pharol mais poderoso para a-entelhar-nos dos rochedos numerosos e terríveis que embargam nossa vida mortal, ao mesmo tempo que nos aponta o verdadeiro porto que nos espera ao termo da nossa mortal carreira?

Vós, bom Padre Director, para a nossa educação tudo tendes sacrificado; abandonastes uma vida brilhante e de grandezas, o carinho de um pae extremoso, e aqui na religião até os estudos que tanto consolo propereionam, e animado por uma actividade quando bem considerada, pelas circumstancias, verdadeiramente phenomenica: ides levando de vencida qualquer empecilho, expargindo ás mãos cheias tantos benefícios á mocidade, que descuidada, mas conscia de vossos desvelos, vos ama e agradece.

Sois um benemerito. Rvmo. Sr. Padre Director, sois um grande, não faltando-vos nem as virtudes mais acrysoladas nem as fulgurações de intelligencia de raro descortino.

E nós Rvmo. Sr. Padre Director, ao reconhecer-vos os meritos não titubeamos em proclamar-vos um dos mattogrossenses mais distinctos digno de figurar entre as glorias mais fulgurantes deste Estado.

Acceptae, Rvmo. Sr. Padre Director, estas expressões sinceras de vossos educandas que immensamente vos amam, unidamente ás orações que por vós hoje ergueram aos céus.

Deus vos conceda quanto vosso coração bondoso deseja e de felizes alumnos vos torne sempre mais feliz educador.

Ad multos annos.

Ode

Rvmo. Directori dicata

Labia tua furax distillans mela

Surgat, agrestis musa mea,
Cantum tuum valde extolle,
Si Rectorem nostrum canimus,
Carmis dignus sit Rectore,
Hæc est secunda iam vices,
Qua patet, Deo juvante,
Humilem tuam avenam
Infundere et ex imo pectore
Prodere, more bucolico,
Sensus quos animus gratus
Nascitur et vult patefacere,
Experiar, Rector mitissime,
Ast impar viribus pondus;
Fave sed, quaeso, benignè
Inculco meo tentaminum.

Dicam recolimus magnam,
Quotquot hic adsumus læti,
Qua primam lucem videbamus,
Magno illo Minimo auspicio,
Cuius ornatus es nomine,
Sancto Francisco de Paula,
En lætabantur parentes,
Gratias reddentes Altissimo,
Pignus celeste recipiant,
Lustrant Baptismatis aquis,
Alant, fovant, docent, regunt:
In deinde grandior factus,
Scientia et virtute præcellens,
Dignus sit Deo sacerdos
Dignus fratribusque prepositus,
Oh! felix mater, si viveres
Et tanti filii videres
Hodie triumphum nobilem!
At de coelo, bone spiritus,
Ades, nobiscum lætaris,
Qui in Deo enetra vides:
Salve, genetrix piissima!
Salve et pater venerande,
Qui cantis ista decora

Splendor es huius concilii.
Pergo vivere diutissimum,
O senex fortunatissime!

Sanctus Franciscus de Paula,
Dulcis protector tuus,
Hodie perbelle laudatur.
Cum inter coetern. Ecclesia
Elogium referat hoc:
«Erat in eo mirifica
Loquendi gratia» Quid maius
In viris Dei, quid pretiosius,
Si vitam bonam excipias,
Quidve desiderabilius?
Ohi natus prospera sorte,
Ohi nactus felicem auspiciem,
Cuius ope et exemplo
Nunc et ipse sic laudaris,
Cum in ore omnium sit
Gratia dicendi mirifica,
Quam ex sortitis felicitatibus,
Serve, augere gratiam istam
Deus noster, ut petivimus
Hodie ferventer in missa;
Insuper ut cumulate
Det dona sua et divitias,
Quot tibi expediat et juvet;
Salus, robur ac longevitas
Atque lactaria pueritiae
Rideant tibi, aufugiant curae;
Bene sit inceptis cunabulis,
Crescant alumni in millia;
Crescant eorum et virtus,
Studium, obsequium, pietas;
Cives evadant prestantes
Patriae hautes et altitae,
Uniter tecum, nobiscum,
Incedae semper beati.
Sint tibi multi adiutores,
Sint docillimi, sint praediti
Doctrina et animo mihi;
Qui, te dace, te magistro,
Sicut phalanx Macedonica
Sic compacti et invincibiles,
Divinum iubar possimus
Religionis diffundere
Longe lateque per istam
Plagam, quam omnes amantur
Et vere patriam vocamus...
Mysticae vineae portionem
Quam excolendam accepimus
A Deo providentissimo.

Sat libere prata; et equi,
Lassi, sistant; sicut emit
Princeps ille poetarum,
Tibiam Tytiri qui tu pascenis
Non inflare est dedignatus.
Nunc, Musa mea rurestris,
Procede ad pedes Rectoris,
Veniam audaciae exposcens,
Quod sis ausa die hac ineta
Rudem avenam inflare
In tam augusto certamine,
Manum fortim doctissimam,
Humilis valedicendo;
Dein, rubore conspersa,
Franga tibiam, velli ad pascem.
Ibi mane, late sile.

**Nomeação do Edo. Sr. Padre Dr.
Francisco de Aquino Corrêa,
a Bispo de Prúsiade e Auxiliar de
Cuiabá**

Ainda resoavam nos ares as harmonias festivas, hosannando o distinctíssimo sacerdote patrio, no dia 2, quando rapidamente propagou-se em toda a cidade a noticia ter sido elle nomeado Bispo Auxiliar de Cuiabá. Todos unanimamente applaudiram a acertada escolha avidos fosse confirmada officialmente. E eis que no dia 12 de Abril, a folha catholica "A Cruz" publicava o seguinte.

«Da Secretaria Ecclesiastica recebemos a seguinte importante noticia:

O Santo Padre Pio X, tendo em consideração os ponderosos motivos allegados por S. Ex. Rvmo. o Sr. D. Carlos Luiz d'Amour, Arcebispo Metropolitano desta Archidiocese e Decano dos Bispos do Brazil, dignou-se de nomear Bispo Titular de Prúsiade e Auxiliar do mesmo Exmo. Arcebispo o Rvmo. Padre Dr. Francisco d'Aquino Corrêa, Director do Lyceu Salesiano de Artes e officios desta Capital.

O Summo Pontifice, tomando esta resolução fê-lo com a mais integra justiça, porquanto o Rvmo. P. Aquino, a quem conheceremos de perto, reúne em si todos os dotes requeridos para tão excelsa dignidade: adorna-lhe a alma o fulgor das virtudes, dentre as quaes sobressae a humildade; cinge-lhe a fronte a auréola da sciencia; enche-lhe o coração uma affabilidade requintada e uma terna compaixão pelas affeições alheias.

Por este acontecimento tão auspicioso para a patria matto-grossense, que, neste momento, senta-se altamente ennobrecida na pessoa de um

filho mui egregio, rendemos graças a Deus e congratulamo-nos com o novel Antistite, com o venerando Arcebispo Metropolitano e com todo o povo desta Archidiocese.

A Liga Catholica Mattogrossense e a "A Cruz", o seu órgão na imprensa, que tiveram o P. Aquino, esta como o seu mais brilhante collaborador e aquella como dedicado Assistente Ecclesiastico, ufanam-se hoje sobremaneira ao vêrem brilhar a cruz de ouro dos pontifices, sobre o peito do mais joven bispo da Christandade.

Receba, pois, S. Ex., os particulares votos e affectos daquelles que, em fervorosas preces pedirão a Deus luzes, forças e saúde para que sua proxima sagração seja o inicio de um pontificado bem longo e fecundo para a gloria de Deus e o progresso espirital da Igreja Catholica Cuiabana.»

E o jornal official do governo, *O Debate*, assim se expressava:

«Foi elevado á cathegoria de Bispo de Prusiade e Auxiliar de Cuiabá o nosso talentoso coestadoano dr. Francisco de Aquino Corrêa, director do Collegio Salesiano desta Capital.

A noticia, ha pouco chegada, encheu de satisfação os apreciadores do considerado sacerdote mattogrossense, moço illustrado e digno, e que se impõe á estima do povo deste Estado que louva no respeitavel prelado o fino espirito e o bello coração.

Consta-nos que o nosso patricio será sagrado nesta cidade.

O dr. Aquino Corrêa recebe as felicitações que lhe enviamos com muita satisfação.»

Palavras não menos elogiosas exarrou o periodico: "O Matto-Grosso" ao

scientificar ao publico a nomeação de S. Ex.

«A eleição do padre dr. Francisco de Aquino Corrêa, para Bispo de Prusiade, quaesquer que sejam as divergencias em materia de religião no nosso meio social, não deixa de ser um acontecimento notavel para Matto-Grosso, pois, pela primeira vez, vê um de seus filhos, elevado no clero a tão alto posto.

Essa distincção que acaba de receber o nosso illustre conterraneo a qual encheo de jubilo a sua respeitavel familia e a população catholica de Matto-Grosso, aqui a registramos com as sympathias e respeito que de nós merece o virtuoso prelado, com desejos de que prosiga sempre victorioso na carreira que abraçou, para honra da terra que lhe serviu de berço e do clero brasileiro.

Dr. Dom Francioco de Aquino Corrêa

D.D. BISPO ELEITO DE PRUSIADE E
AUXILIAR DE CUIABÁ

Entre os homens mais illustres deste Estado, durante a vida, e que figurarão após no Pantheon das paginas immortaes da historia, está desde já fadado o preclaro Dr. Dom Francisco de Aquino Corrêa, Bispo eleito de Prusiade e Auxiliar de Cuiabá.

Rosca como uma manhã fagueira por entre as mais lidimas alegrias de uma familia exemplar, teve a alvorada de seus dias n'uma aprazivel chacara que ainda existe á beira esquerda do majestoso rio Cuiabá, perto de nossa capital.

Menino e joven, entre os condiscipulos foi admirado pela piedade e maneiras affaveis, pela candura e

pelo talento, nunca segundo a nenhum collega. Em um impeto de heroísmo, deixando generoso, honras e grandezas mundanas, entrou na Congregação Salesiana, completou o noviciado no Coxipó, e seguiu para a Europa onde emittiu sua profissão religiosa nas mãos do Superior Geral P. Miguel Rua, de santa e saudosa memória. Matriculou-se na celeberrima Academia Gregoriana, onde resplandeceram seus dotes de mente e de coração.

Sua intelligencia vasta como as campinas interminas, esbelta como a palmeira de nossas mattas, impregnou-se de sãos princípios philosophicos e theologicos, e o P. Aquino, ali foi amado, estimado, admirado. Com brillantismo inextinguível conseguiu a laurea de philosophia na Academia de S. Thomaz e mais tarde a de theologia na Gregoriana. Após seis annos voltava á nossa terra. Perdura na memoria de todos a manifestação sincera e grandiosa, que a mocidade fez espontanea ao distincto sacerdote compatriota, que soube manter bem alto o nome de nossa terra, digno por sem duvida deligrar entre quantas gloriosas ha.

Desde então no pulpito que sempre ornou nas maiores festas, no magisterio que desempenhou na altura de um sacerdocio, na imprensa onde publicou artigos e poesias, inspirando-se sempre nos conceitos de Deus e Patria, mananciaes inexgotaveis do mais puro e publico ideal, P. Aquino deixou impressa toda a sua bella alma e intelligencia de escol.

Ultimamente como Director do Lyceu Salesiano S. Gonçalo, deu rigoroso impulso aos estudos e a piedade tornando-se soberano absoluto do coração de mestres e discipulos.

Vive ainda na memoria de todos o intenso affecto que mestres e alumnos lhe mostraram em uma academia ha pouco realizada.

Presentemente pela S. Sé indigitado e nomeado Bispo de Prusiade e Auxiliar de Cuiabá, presta-se merecida honra a seus meritos. As autoridades ecclesiastica e civil, o povo em peso alegraram-se por extremo.

Ao côro geral e imponente de jubilo e regosijo que todos lhe entoam, unesse o jornalismo que no preclaro Dr. Dom Francisco de Aquino Corrêa, vê mais um ornamento d'esta terra que em todos os raios enumeira fillos dignos os.

Parabéns ao venerando pae, ás virtuosas mães que nos deram este brillante, á Congregação Salesiana que o lapidou, aos concidadãos todos que saberão guardalo com carinho e amor.

Ao redor do recém eleito Bispo, cercam todos as mais bellas esperanças e sua Sagração, que esperamos feita aqui, sera o principio de uma vida mais intensa de glorias perante os homens, de meritos perante Deus, e de fructos perante a sociedade.

(Do *Echo do Para*)

Manifestações de apreço

AO E. M. SR. BISPO ELERTO

A elevação de S. Ex. Revm. Gr. D. Francisco de Aquino Corrêa a Bispo Auxiliar de Cuiabá, veio romper a vida monotona da nossa Capital, e occasionou umas espontaneas manifestações de apreço de véras empolgantes.

Foram tres, cada uma d'ellas mais solenne e concorrida.

A Liga Social Catholica Matto-grossense tomou a nobre iniciativa; seguiram o exemplo as Exm.ªs Fã-

mílias cuiabanas; e a mocidade das escolas publicas e particulares, poz termo a esse spectaculo novo e grandioso.

Archivamos em nossas paginas a relação de cada uma dessas manifestações, reproduzindo quanto publicaram os jornaes:

I MANIFESTAÇÃO

«Consoante o aviso inserto na "A Cruz" de 12 do fluente, nesse mesmo dia ás 2 horas postmeridianas, uma grande massa popular, depois de reunir-se no Seminario Archiepiscopal, dirigiu-se ao Lyceu Salesiano, afim de felicitar solennemente o Rvm. Sr. P. Dr. Francisco de Aquino Corrêa pelo motivo de sua nomeação para o cargo de Bispo de Prusiade, Auxiliar do Arcebispo de Cuiabá. Iniciou os discursos o Exm. Sr. Dr. João Carlos Pereira Leite, DD. Presidente da Liga Catholica, o qual foi muito applaudido.

Em seguida deu a palavra successivamente aos Srs. Dr. Freitas Coutinho, orador official da Liga, Dr. Alfredo Magalhães, Prof. Filiciano Galdino de Barros, Ezequiel R. de Siqueira e Rvm. P. Luiz Montuschi, os quaes produziram primorosas peças oratorias, merecendo, por isso, geraes applausos.

Epilogando o acto, o illustre manifestado, visivelmente commovido agradeceu aos presentes aquella demonstração de affecto.

A sua dicção eloquente e entenedora arancou uma fragorosa salva de palmas.»

(Da A Cruz)

«Domingo ultimo, conforme annunciara "A Cruz", reuniram-se na séde da Liga Social Catholica Matto-grossense, um avultado numero

de catholicos afim de fazerem uma entusiastica manifestação ao joven sabio mattogrossense. Rvm. P. Dr. Francisco d'Aquino Corrêa, d.d. Directo do Lyceu Salesiano, o qual acabava de ser distinguido pelo Santo Padre Pio X, com a nomeação de Bispo de Prusiade e Auxiliar desta Archidiocese.

Às 2 horas da tarde chegava a massa popular ao referido Lyceu, onde já encontrava muitas Exmas. Famílias e innumerous cavalheiros.

Recebidos todos pelos benemertos Salesianos, pouco depois apparecia o eminente manifestado, que, recebido por prolongada salva de palmas foi saudado pelo Exm. Sr. Desembargador João Carlos, illustrado Presidente da Liga, o qual deu em seguida a palvra ao Orador Official Dr. Freitas Coutinho.

Depois usaram da palavra successivamente o Dr. Alfredo Magalhães, Feliciano Galdino de Barros, Ezequiel Ribeiro de Siqueira e P. Luiz Montuschi, sendo todos os oradores muito applaudidos.

S. Ex. Rma D. Francisco de Aquino Corrêa, agradeceu commovido aquella imponente manifestação do povo de sua terra pela gloria que pela primeira vez era concedida a um mattogrossense, gloria que aceitava em cumprimento de um dever, mas cujos louros collocava sobre a cabeça embranquecida de seu velho pae, alli presente, e que tantos sacrificios fizera pela sua carreira sacerdotal.

O discurso do novo Bispo foi uma peça sublime de oratoria que encantou a quantos tiveram a ventura de ouvi-lo.»

(Do Echo do Povo)

Discurso que o digno e erêdo official da Liga Social Catholica, Exm. Sr. Dr. Irineu Coutinho, pronunçou na manifestação feita ao Exm. e Revm. D. Francisco de Aquino Corrêa, illustração Bispo de Prusiade.

Exm. e Revm. Sr.

A Liga Social Catholica Matto-grossense, de que sois mui digno e venerando Assistente, embora conhecendo a vossa excessiva modestia, tão grande quanto o vosso extraordinario talento, não podia calar o seu enthusiasmo e intenso jubilo ante a feliz noticia de que o nosso amado Santo Padre, o virtuoso e sabio Pio X, sciente dos vossos meritos porque até a majestosa cidade eterna chegava continuamente o echo dos applausos desta modesta cidade sertaneja, e avaliando-os devidamente acaba de vos nomear Bispo de Prusiade, Auxiliar desta Archidiocese.

Nós tambem compartilhamos dessa gloria, desses louros que refulgem sobre vossa cabeça. Em primeiro lugar, os vossos conterraneos, por um sentimento mui justo de nativismo que fortifica as collectividades, formando d'ellas as cellulas do organismo social universal, vêm na pessoa de V. Exc. a prova de que esta terra sabe tambem produzir intelligencias de escôl, mais preciosas que todo o ouro que em centenares de arrobas tem sido extrahido deste fecundo sólo.

Os filhos de outros Estados da Republica Brasileira, como eu, acham muito razoavel o sentimento dos Cuyabanos, pelo seu eminente patricio e com elle se rejubilam vendô no illustre mattogrossense uma gloria nacional, ainda no vigor da mocidade, cheio de vida, capaz de substituir com vantagem, a phalange dos grandes sacerdotes que mer-

gulham no passado, e collocar-se na actual vanguarda dos applaudidos sacerdotes brasileiros que promovem o rejuvenescimento do Catholicismo nesta Patria Brasileira tão forte, e mais do que se opera no resto da America, e na velha Europa, e que se expande por toda a Asia, Africa, e Oceania.

Os diligentes filhos de outros paizes e que aqui trabalham connosco pelo engrandecimento desta Patria e que connosco se ligam fraternalmente pelos fortes laços da nossa Religião Universal, contemplam cheios de satisfação, o novo chefe espirital, o novo principe da Egreja, o mais joven actualmente dos Bispos que, aos milhares, se espalham pelo nosso planeta, esse filho dilecto de D. Bosco que em boa hora, dentre tantas carreiras que lhe sorriam, abraçou justamente aquella que parecia a mais humilde, aquella que parecia menos gloriosa, e eis que agora o bom, e omnipotente Deus, por um de seus insondaveis designios, fel-o o mais glorioso de todos os jovens mattogrossenses desta moderna geração de estudiosos, cuja carreira, foi a mais rapida, mais victoriosa.

Eisahi um bello e edificante exemplo para os jovens desta terra que, por ventura, desdenhem a carreira sacerdotal! Qual dentre todos, elles já subiu tão alto qual o illustre Dr. Francisco de Aquino Corrêa?

Desculpai-nos, oh! emerito principe da Egreja, principe não por direito de nascimento, mas pelo merecimento de um talento servido por indomavel vontade, desculpai estas palavras que, talvez offendam a vossa humildade; mas queremos compartilhar d'essa gloria, que é tambem nossa, dos Mattogrossenses, dos Salesianos em geral, e de

todos os catholicos, sendo particularmente desses inençaveis obreiros do progresso, utilissimo filhos de D. Bosco, que acharam o diamante Cuyabano e esmeradamente poliram-no para que se tornasse brilhante valiosissimo para irradiar a luz divina aqui, além, e por toda a Christandade.

V. Exc., Revm. Sr. Bispo de Prússia, já devia ter previsto o nosso entusiasmo, irreprimivel como as torrentes, que se precipitam das serras mattogrossenses para formarem os tributarios dos mais caudalosos rios do Continente e do Globo. Não podiamos recalcar no latido da alma os nossos sentimentos, e forçoso era manifestal-os publicamente á luz meridiana para que todos vissem, para que todos soubessem.

E assim aqui estamos com todo este apparato para vos saudar, para vos felicitar, e ao mesmo tempo, vos apresentar as nossas homenagens, livre e espontaneamente, prestadas com toda a alicive de um povo genuinamente democratico. Fazemos votos ao Altissimo para que continue a guiar os vossos passos e vos conceda longa existencia, afim de que continueis até o fim desse triumphal caminho, sem desfallecimento, sempre firme na vossa humanitaria missão social e divina.

Em nome da Liga Social Catholica Brasileira, de que a d'aqui é um dos ólos, convído o povo a erguer bem alto um viva:

Viva D. Francisco de Aquino Corrêa, digno Bispo de Prússia!

Allocução do Exm. Sr. Bacharel Ezequiel Ribeiro de Siqueira

Exm. e Revm. Sr. Dr.

D. Francisco de Aquino Corrêa

Eu sou o menos digno daquelles

que, hoje, vieram dirigir-vos a palavra.

Mas, a minha ousadia será certamente desculpavel, se attenderdes que é o meu entusiasmo de conterraneo que me impelle a fazer isto.

Demais, o acto que presenciámos é de alta relevancia, visto que significa a manifestação do extraordinario regosijo e nobre orgulho, feita por este povo ao inclito sacerdote patricio que o glorioso Pio X acaba de exaltar á sublime dignidade episcopal, em attenção aos seus meritos grangeados á custa de virtude e de robustez intellectual. Acresceu mais uma razão para que os Cuyabanos viessem render o seu preito de veneração ao insigne conterraneo que tanto tem elevado o sólo natal.

Padre Aquino, Senhores, não pertence, actualmente, só a Matto-Grosso, nem só ao Brazil, nem só á America:—pertence ao mundo inteiro: pois que, qual um altaneiro condôr, sublimou-se a uma altura tão consideravel, no magestoso surto de seu possante engenho, que o horizonte devassado por elle encerra todo um hemispherio!

Senhores! Não viemos aqui render um culto á *Incompetencia*, culto que serviu de titulo para uma das mais bellas producções de Emile Faguet, mas viemos tributar uma justa homenagem a uma conspiciua individualidade.

Padre Aquino senta-se, com direito e com honra, ao lado de Rio Branco, Ruy Barboza, Joaquim Nabuco, Oswaldo Cruz, formando com elles aquella pleiade excellente de pintores que delinearão, com os traços do talento, perante a culta Europa maravilhada, o perfil da civilização brasileira!

Senhores! Matto-Grosso conta já

muitos filhos illustres: produziu, entre outros vários notáveis, os Baptistas das Neves, os Ponces, os Amarantes, os Murinhos, e, para fechar a gloriosa serie dos vultos gigantes com uma obra prima, produziu os Aquinos! Portanto, Senhores, convido-vos para me secundardes num ardoroso viva que vou erguer ao filho mais eminente da terra matto-grossense!

Viva o Exm. e Revm. Sr. D. Francisco de Aquino Corrêa!

Cuyabá, 12 de Abril de 1914.

II MANIFESTAÇÃO

«Por iniciativa da Exma. Sra. D. Delfina Alves Corrêa, e coadjuvação de umas distinctas damas de nossa melhor sociedade, houve no Sabbado passado, uma grandiosa manifestação ao preclaro Bispo patricio Dr. Aquino Corrêa. A *élite* da sociedade cuiabana n'ella tomou parte, mostrando o quanto tinha agradação a todas as classes a preconisação do novo Bipo que, desde já, aureolado das mais lindas e geraes sympathias prepara-se a receber a sagração.

No empolgante prestito em o qual S. Exc. o Sr. Dr. Presidente do Estado se fez representar por seu ajudante de ordens Tenente Oswaldo C. de Sá, achavam-se tambem os Exms. Srs. Drs. Ferreira Mendes e João da Costa Marques, Secretarios de Estado, o directorio politico, illustres cavalheiros distinctissimas damas, elegantes senhoritas, muitas familias, e o Collegio das Rvmas Irmãs de Maria S.S. Auxiliadora. Chegou ao Lyceu Salesiano, ás 6 horas, precedido pela Banda do Batalhão Policial

Ahi, a garbosa banda do estabele-

cimento recebia com harmonias magnificas os numerosissimos manifestantes, e logo após uns sacerdotes, unidamente á compacta columna de cavalheiros dirigiram-se ao aposento do eleito Bispo, que apenas minutos antes fôra casualmente scientificando da manifestação. Por entre as notas vibrantes das duas bandas, os vivas e salva de palmas de todos foi delirantemente recebidos o Exm. Sr. Bispo ao apparecer na ampla varanda do Estabelecimento.

Terminada a ovação, o illustrado professor Leonigildo de Mello, d.d. Director da Escola Normal, e o mais competente dos Professores Paulistas pelo Estado contractados, com voz clara, phrase elegante, conceitos elevados interpretou admiravelmente os sentimentos de todos os manifestantes.

Esteve na altura da circumstancia e revelou-se mais uma vez fluente e inspirado orador. Respondeu o emerito festejalo. Fortemente emocionado começou agradecendo as honrosas referencias, embora conhecesse não merecer. No entanto tanta estima era-lhe de grande alivio ás emoções experimentadas desde quando fôra preconisado Bispo e ser-lhe-ia de lenitivo durante as dificuldades do novo cargo. O episcopado é Calvario não Thabor. Vendo tantas distinctas damas e sabendo que a Exma. D. Delfina Alves Corrêa fôra promotora da manifestação, e cujo filho lá em Roma cursa com brillantismo a mesma Universidade que elle cursou, suamente corria sobre um tumulo, em o qual repousam os restos de sua idolatrada mãe, e pedia que ella abençoasse a si e a todas as generosas damas que de maneira tão eloquente quizeram honral-o.

Agradeceu a presença de tantos

cavalleiros e disse que aquella renúncia correspondia ao ideal que sempre teve, de ver os matto-grossenses todos unidos pelo amor e caridade, trabalhar pelo progresso do grandioso Estado.

O discurso de S. Exe. foi uma fulgurante peça oratória em a qual patenteou seus invejáveis dotes todos de mente e de coração.

De presente, umas distinctas senhoras catholicas, estão promovendo uma subscrição cujo producto será applicado na aquisição de paramentos, anel e Cruz de ouro ao 1.º Bispo Matto-grossense.

Applaudimos tão bella e acertada ideia e almejamos correspondam os cuiabanos todos generosamente ao nobre appello.

S. Exe. que é bem digno destas homenagens, formará estamos certos, aureolado pela virtude e saber, uma das mais rutilantes glorias do virtuosissimo Episcopado Brasileiro.

(Do *Echo do Para*).

Uma commissão de distinctas senhoras e senhoritas da nossa *elite* social, promoveu, sabbado ultimo, uma brillantissima manifestação ao revm. dr. Aquino Corrêa, por motivo de sua justa e merecida nomeação a tão alta dignidade ecclesiastica que acaba de lhe conferir a Santa Sé, e que nenhum conterraneo nosso lograra merecer até a nomeação do Bispo de Prusiade.

Effectivamente, ás 7 horas da tarde daquelle dia, s. s. revm. recebeu no Lyceu Salesiano de que é digno director, a significativa manifestação das familias cuiabanas, sendo saudado por parte das manifestantes pelo director do Grupo Escolar sr. Leowigildo de Mello.

D. Aquino, num empolgante e inspirado discurso, agradeceu ás manifestantes as homenagens que lhe foram prestadas.

(D. A. *Lia*).

«Imponentissima foi a manifestação de que foi alvo, no sabbado ultimo, D. Aquino Corrêa, pela distincção que acaba de lhe conferir o S. S. Pio X, nomeando-o Bispo de Prusiade, Coadjuutor de Cuyabá.

Reunidos, pelas 6 horas da tarde, no Jardim do Ipyringa, muitas distinctas senhoras, senhoritas, altas autoridades do Estado, chefes politicos, chefes das repartições publicas federaes, estaduais e municipais, e muitos outros cidadãos, dirigiram-se precedidos da banda de musica do Batalhão de Policia Militar, ao Colégio Salesiano, do qual é Director D. Aquino Corrêa. Alli chegados, usou da palavra, em nome dos manifestantes, o professor Leowigildo Martins de Mello, que, num substancioso e arrebatador discurso, em phrases buriladas, de que a dialectica mais distingue, pondo em relevo as qualidades peregrinas de D. Aquino, enaltece-a-lhe as virtudes, o saudou entusiasmaticamente, fazendo-se interprete dos presentes, que o incumbiram d'aquella importante missão, sendo, n'essa occasião, entregue ao manifestado um lindo *bouquet* de flores nativas de que a gentil senhorita Oliveira Prado fora portadora.

D. Aquino, bastante comovido, em phrases elegantes, que aos borbotões affluam-lhe aos labios, com extrema modestia, com a singeleza da pureza de um coração adorantissimo e de um espirito que, embora illustadissimo de conhecimentos profundos, é todavia despido de vaidade.

dos terrenos, agradeceu aquella manifestação como uma prova sollemnissima da estima que lhe consagravam os seus patricios e, genuflexo, evocava, n'aquelle momento para si tão sollemne, a memoria angusta e respeitavel de sua mãe, que elle queria junto de si, fortalecendo-o em momento tão difficil de sua vida.

Applaudido geralmente e abraçado por todos os presentes, retiraram-se os manifestantes, ás 8 horas da noite. »

(Da *Gazeta Official*.)

Allocução do Exm. Sr. Professor Leopoldo de Mello, d. d. Director da Escola Normal e do grupo escolar de 1.º Districto.

Exm. e Rerm. Sur. D. Aquino Corrêa.

D. D. Bisporitular de Prusinde o. Auxiliar de Cuyabá.

Aquelles que hoje concorrem festivos ao beijo do prelatado amado de V. Exe. Revma. tiveram a nimia gentileza de me seguir da obscuridade em que vivo, para vir ser o interprete dos sentimentos que os moveram a esta tão justa quão merecida manifestação de apreço a V. Exe. Revma.

Talvez, a muitos, vá causar estranheza este meu gesto, accedendo, com a maxima satisfação e melhor vontade, ao honroso appello que me foi dirigido. Essa estranheza, porém, não existirá, estou certo, no animo daquelles que, porque convivem intimamente conmigo, sabem-me um dos mais reverentes, dos mais entusiastas admiradores do pujante talento, das virtudes peregrinas da adamantina alma, do coração meigo e bem formado, que conformam o todo do sacerdote lidino, gemino, de que V. Exe. Revma. é o mais legitimo representante em Mato-Grosso!

E não fora o cultivo meticuloso de tão excelsas quão raras qualidades, e não fora V. Exe. Revma. a synthese perfeita do bom e do bello, do nobre e do puro, e a merecida distincção, a justa dignificação de que foi alvo, não collimaria ser essa extraordinaria, immane corrente que eletrizou os corações daquelles que têm a suprema ventura de o conhecer e de o admirar, pelos trazer todos, jubilosos e felizes, a pedir-lhe por advogar, as suas primeiras bençãos, predicaes, que serão tambem as primeiras do episcopado lidinamente mato-grossense ás venturosas ovelhas do seu venturoso retil!

Si o sentimento fallasse, si o humano pensamento pudesse materializar na forma da palavra o que a alma sente, mas os labios não dizem, então, talvez eu conseguisse traduzir oralmente o que todos nós desejavamos lhe declarar e que é justamente a pillo que nos refrega os corações e que, ingratamente, não é possível transvazar de nossos labios!

Esta manifestação, que nasceu espontanea nos corações dos presentes, como espontaneas nascem, vigem e vigan, no maravilhoso e uberoso solo que lhe serviu de berço, os meigos filhos campestinos, esta manifestação é a mais solida, a mais perfeita, a mais cabal demonstração do elevado grau de estima e de respeito em que V. Exe. Revma. é tido por todos quantos o conhecem e que são todos quantos em Cuyabá residem.

Como expressão clara, definida e perfeita dos nossos respeitavos sentimentos para com V. Exe. Revma., digne-se de aceitar as mimosas flôres que lhe trazemos. Ellas foram collidas nos jardins da nossa cidade com o mesmo carinho com que, em nossos campos, collimamos os sen-

timentos que lhe devotamos, e os seus juvenes perfumes rescendem á pureza desses sentimentos. Com esses angelicaes odores, na sua simplicidade meiga e infantil, ellas terão a rara felicidade de falar melhor ao coração de V. Exe. Revma do que eu consegui fazel-o, no mesmo tempo em que, numa prece angusta, e sincera, ellas se evolarão até aos acrosophicos dominios, a impetrar todas as benções, toda a calma e toda a felicidade de que V. Exe. Rva., por todos os titulos, é dignamente merecedor!

Tenho dito.

III MANIFESTAÇÃO

A mocidade tomou a iniciativa. Era justo que ella, em nobre gesto, fosse levar eloquente prova de amor e gratidão ao abnegado filho de D. Bosco que, tanto trabalha, e com tão grande exito, no nosso meio para educar a juventude. E a briosa mocidade soube-se haver de maneira inexcédível. Espalhou primeiramente um bem lançado boletim:

« O fremito de enthusiasmo que perpassou pela alma cuiabana, ao se divulgar a noticia que o Revm. P. Dr. Aquino Corrêa, talentoso e sympathico Director d'este Lyceu, fôra eleito pelo S. Padre Pio X. gloriosamente reinante, Bispo de Prusíade e Auxiliar de Cuiabá, catou bem fundo no coração da mocidade patriótica que admira, do ha tempo, em S. Ex. Revma., a par de uma intelligencia de escól, toda uma vida consagrada á educação da juventude.

Mórmente nós, seus alumnos, a-
legramo-nos por extremo, e si não tomamos logo a iniciativa, ao se promoverem e levarem a effeito as duas grandiosas manifestações de

apreço que a nossa população merecidamente quiz fazer á S. Ex., foi tão sómente porque aguardavamos o momento opportuno.

E amanhã, 3 de Maio, em se festejando officialmente, de envolta com a Cruz, o descobrimento do idolatrado Brazil, aviva-se em nós o amor sagrado que dedicamos á Patria estremecida e dá-se-nos a desejada oportunidade de realizarmos a nossa manifestação á S. Ex. o Sr. Dr. D. Aquino, o mavioso poeta, cujas produções sempre inspiradas nos ideaes sublimes de Deus e Patria, nos elevam e educam.

E para que a manifestação esteja na altura dos meritos do festejado, convidamos aos emeritos professores e professoras, ao nobre povo, a mocidade toda, para que os moradores do 1.º Districto, se reunam no Jardim Ypiranga, ás 4 1/2 horas da tarde, e os do 2.º Districto, nas immedições da Igreja de S. Gonçalo.

Iremos assim formados em grandioso prestito saudar o glorioso filho que tanto tem sabido enaltecer o nome mattogrossense.

A briosa mocidade, sempre arrebatada e feliz em seus surtos, saberá dar significativa prova de sympathia e veneração ao preclaro festejado, bem digno d'estas homenagens.

Agradecendo, penhorados, subcrevemo-nos.

Cuiabá, 2 de Maio de 1914.

José Lavaquial Biosca—Alinor de Lima Bastos—Ascendino Sampaió—Manoel José Moreira—Pedro de Souza Bruno—Pericles Vaz Guimarães—Antonio Pereira Leite—Felinto Muller—Fernando Lavaquial—José Moreira.

Em seguida os membros do *Comitê juvenil* foram convidar pessoalmente os distintos professores publicos e particulares e todos acederam ao honroso convite.

Eis como a «A Cruz» descreveu, em suas paginas, a impolgante manifestação:

«Unindo os dois ideaes supremos de Deus e Patria, e impellidos pela amizade e gratidão, dez moços de nossa melhor sociedade, tomaram a si a tarefa de levar, nos 3 do fluente, a mocidade das escolas eniabanas, ao Lyceu Salesiano para cumprimentar o novo Bispo eleito Dr. D. Francisco de Aquino Corrêa, o joven e sympathico director do Estabelecimento.

O entusiastico e bem lançado convite dirigido ao illustre professorado publico e particular, bem como ao nobre povo assim finalizava: a briosa mocidade sempre arrebatada e feliz em seus surtos, saberá dar significativa prova de sympathia e veneração ao preclaro festejado bem digno destas honrarias.» O resultado excedeu a expectativa. As escolas todas, quasi em peso, tomaram parte na bella demonstração. Mais de duas mil pessoas, em imponente prestito, reuniram-se no Lyceu Salesiano.

O Director da escola Normal e do grupo escolar da 1.ª Districto, o distincto Professor Leowigildo de Mello, produziu vibrante allocução, agradando immensamente; e como outrosim a intelligente senhorita Rita Pereira Leite, em nome das collegas da Escola Normal e a pequerrucha Naie Lima, em nome dos alumnos do Collegio S. Agostinho. A todos S. Exc. emocionado, respondeu. Começou manifestando-se duplamente satisfeito e penhorado

pelas palavras do Professor Leowigildo de Mello, porquanto, de um lado, era a segunda vez que o mesmo Professor accetára ser o interprete dos generosos sentimentos do povo eniabano para com o 1.º Bispo Matto-grossense; e, por outro, conhecia a opposição que devia vencer para dar aquelles publicos e bellos exemplos de neutralidade religiosa, tão raras nas escolas leigas.

Em seguida alludindo talvez a recentes artigos da imprensa sectaria, proseguio:

«Com gratidão, pois, como vós, sr. Professor, proprio não sois dos que pensam que onde quer que vibre o sentimento religioso, ha ali obscurantismo e baixa de espirito, onde quer que rogne uma batina, seja ella a capa de incensáveis papites? Para elles a batina é um anachronismo, um como sambenito. E isto praticaba e mata os nobres ideaes e affectos. Quanta perverção! que de calumnias! Si assim fôr, sr. Professor, haveria miste, vós, bem o sabeis, rasgar-nos as mais gloriosas paginas da nossa historia, pois em quasi todas ellas, desde o encartador natal da Patria, que hoje festivos comemoramos, desde a sacrosanta epopeia da guerra H ollan laza até á grandiosa campanha do Paraguay, em todas ellas fluctua a humilde roupeta do sacerdote catholico, mais fulgente, por vezes, que a coroa d'armas dos massos invictos guerreiros. Mal euidam elles, sr. Professor, que fôra batina a farda dos Nobregas, dos Anchietas, dos Vieiras, dos Durões, dos Mantalvernes, e tantissimos outros luminarios do cón brasileiro. Mal sabem elles que para o bom sacerdote a sua batina é mais cara que um manto real, a ella deve elle os seus mais pauros liberos e enthusiasmos, e em-

quanto seu corpo cinge-se na terra com esse obscuro burel, a sua alma, em transparentes roupas de anjo anda a cantar-lhe mais livre e pura os prelúdios da immortalidade e do infinito.

Mal sabem elles que, todos os dias geneflexos e commovidos, beijamos, na solidão e no silencio esta pobre tunica, e sentimo-nos então mais orgulhosos que o soldado, que, após as jornadas felizes, beija no repouso da tenda, a farda nacional, ainda quente do seu sangue generoso.

Mal sabem elles que para o sacerdote é suprema ambição conservar immaculada a sua batina, e de envolta com ella, que lhe será a mais suave e esplendida mortalha, cahir na estacada de dever apostolico, batendo-se pela causa sublime da Religião e da Patria!»

O orador, congratulando-se novamente com o sr. Professor, pediu-lhe desculpas por aquella digressão, e agradeceu penhorado, na pessoa d'elle a todo o professorado Cuiabano, alli presente, aquella magnifica manifestação.

Em seguida, dirigindo-se á mocidade, por uma affectuosa invocação aos seus jovens patricios e principalmente aos seus queridos alumnos e filhos do Lyceu Salesiano, agradecendo-lhes, abençoando-os.

Finalmente, evocando na suggestiva data de 3 de Maio, o berço do Brazil nascente, saudava naquella pujante juventude a Patria sempre renascente e nova, e invocava sobre todos, mestres e alumnos, as bençãos daquella mesma Cruz de Porto Seguro, alli esplendidamente representada, naquella hora, pelo Cruzeiro do Sul, que despontava, scintillante no céu crepuscular.

Concluiu erguendo tres viva á Terra de S. Cruz, ao Professorado Cuiabano e á mocidade estudiosa de sua terra. Os srs. distinctos e delicados moços: José Lavaquial Biosea, Alinor de Lima Bastos, Ascendino de Sampaio, Manoel José Moreira, Pedro de Souza Bruno, Pericles Vaz Guimarães, Antonio Pereira Leite, Felinto Muller Fernando Lavaquial, José Moreira, membros do *Comité juvenil* que tomára a iniciativa da demonstração das escolas, pediram e obtiveram de seus dedicados e provecetos preceptores fossem exhibidas no pateo do Lyceu umas fitas cinematographicas que agradaram imensamente á garrula petizapa que deixou o pateo verdadeiramente satisfeita.

Parabens aos dez briosos moços que souberam tão bem mostrar a propria gratidão.

Parabens ao novo Bispo Salesiano por mais esta manifestação, verdadeiro triumpho do filial carinho que seus alumnos lhe dedicam, e da veneração profunda de toda a mocidade cuiabana que se ufana e desvaneece em vel-o, pela S. Sé, investido da excelsa dignidade episcopal.»

Foi uma verdadeira apothecose.

CARTA.

Sua Eminencia o Sr. Cardeal Arcebispo de Rio de Janeiro dirigiu á S. Exc. Rvma. o Sr. Arcebispo Metropolitano de Cuiabá a seguinte carta:

Rio, 13 Março de 1914.

Exm. e Rvm. Sr.

A grata noticia que me deu V. Exc. Rvm. de ter apresentado ao Santo Padre Pio X o pedido para que lhe fosse concedido um Bispo coadjutor muito me alegrou e muito e-

levou a pessoa de V. Exc. no conceito que sempre fiz de V. Excia. O sacerdote apresentado, o Rvmo. Sr. P. Francisco d'Aquino, goza de elevado conceito, quer quanto a sciencia, quer quanto ao espirito ecclesiastico.

Reciba, pois, V. Excia. minhas congratulações muito cordiaes.

De V. Exc. Rvma.

afinho, irmão e amigo

† J. Cardeal Arcebispo do Rio

DONATIVO ARCHIEPISCOPAL

O Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano mimoseou com um riquíssimo paramento o Exmo. Sr. Bispo de Prusade, seu digno Auxiliar, acompanhado do seguinte autographo:

«Ao Exmo. e Rvmo Sr. D. Francisco d'Aquino Corrêa, d.d. Bispo titular de Prusade e Auxiliar desta Archidiocese, *D. Carlos Luiz d'Amour*, Arcebispo de Curitiba, tem a satisfação de offerecer o Paramento que a este acompanha, signal significativo do intimo jubilo de que ficou possuido desde o momento em que recebeu a communicacão official de ter sido o seu muito amado afilhado elevado por Pio X á sublimidade Episcopal.

Ad multos annos»

Congratulamo-nos com o Rvmo. Sr. Dr. D. Aquino Corrêa, pelo presente recebido, e pelo lisongeiro autographo que bem revela mais uma vez a generosidade do venerando Metropolitano e o carinho paternal que lhe dedica.

CONGRATULAÇÕES E DOCUMENTOS

Não sómente no nosso meio a feliz escolha do Revm. P. Dr. Fran-

cisco Corrêa, a Bispo Auxiliar desta estensíssima Archidiocese suscitou um verdadeiro enthusiasmo, mas outrosim de toda parte aonde S. Exc. passou algum tempo, chegaram cartas e telegrammas a indicar o agrado immenso que ali encontrou, a feliz escolha.

Nellas prognosticam os autores a eleição de S. Exc., principio de um forte e robusto incremento religioso em o nosso meio. São antigos Superiores, Doutores, comunidades religiosas, ex-alunos, simples collegas que applaudem e felicitam.

Vem elles se unirem ás innumerables pessoas que desde as classes mais elevadas ás mais humilhes, toram pressão ante expressar á S. Exc. o proprio contentamento; ao se divulgar a nossa noticia.

Temos sobre a nossa meza innumerables telegrammas, cartas e cartões.

Prazeiteiramente publicariamos esses documentos todos que sempre melhor nosram as altas qualidades de mente e de coração que exornam a preclara individualidade de S. Exc., porém o pouco espaço tão só nos permite publicarmos alguns.

Carta do Exmo. e Revmo. Sr. Dr. D. João M. Marengo, ex Procurador geral dos R.R. P.P. Salesianos junto a S. S.é, e presentemente Bispo de Massa Carrara (Italia).

Massa, 31 de Março de 1914.

Rvm. o Amadíssimo
D. D'Aquino.

Quero ser dos primeiros do velho mundo a enviar-lhe minhas felicitações pela sua elevação ao Episcopado. Alegro-me *in Domino*, não tanto pela honra que disso advirá á V. Exc. e á nossa querida sociedade, mas pelo bem geral da Igreja. Além dos dotes de mente e de coração,

tem consigo a idade e a saúde, que são indispensáveis ao officio para o qual a Providencia o designou.

Quando nos veremos?

Quando vier á Italia, quero vê-lo aqui em Massa, e não às pressas...

Estamos entendidos?

Rogue por mim, que farei *quod-tidie memoriam fui*.

Affino, irmão

† J. Marenco.

Bispo de Massa.

Carta do Exmo. Sr. P. Dr. Arthur Conelli, d.d. Inspector Salesiano da Província Romana.

Roma—1—4—1914.

Caríssimo Monsenhor.

hoje os jornaes de Roma annunciam a eleição a Bispo do nosso caríssimo D. Aquino.

Verificaram-se, pois, as previsões que tínhamos feito nós todos quando D. Aquino deixára Roma em demanda do seu Paiz.

Mais que cumprimentos, envio com a presente a segurança de particulares orações, afim de que o Espírito Santo diffunda largamente os seus dons sobre o Ungido do Senhor, e lhe conceda levar a feliz resultado todas as empresas que realizará pela salvação das almas e a glória de Deus.

A preparação não falta; posso dizer-lhe eu, que convivi quatro annos consigo: possui além disso todo o zelo e o enthusiasmo do apostolo; á esta preparação e a estes dotes naturaes e adquiridos accrescentando-se os dons da graça, é fundadoprever que o bem que seguirá das obras do novo Bispo será grandissimo.

Faciit Deus, e, ad multos annos.

Affin. P. Conelli.

Carta do Revmo. Sr. P. Dr. Francisco Tomasetti, d.d. Director do Collegio Salesiano do S. Coração de Jesus em Roma, onde o P. Aquino residirá os quatro annos do seu curso Universitario.

Roma—1—4—1914.

Excia.

Leio agora mesmo nos jornaes que approveia S.S. Pio X elevar V. Exc. á dignidade episcopal e, com um grupo de irmãos, que conhecem pessoalmente a V. Exc. e tiveram occasião de avaliar suas preclaras qualidades de mente e de coração exclamam: O que ha annos eu predissera, já se verificou. Lembra-se?... E não só o predisse durante a sua permanencia em Roma, mas também depois; tanto que repetidas vezes perguntei ao Revm. Sr. P. Albera, se algo sabia a este respeito, e o Revm. Reitor mór respondeu-me, no anno passado, que tinha ouvido a pessoas autorizadas falarem de V. Exc.!

Agora não me resta outra coisa que enviar-lhe as minhas congratulações, almejando que a nova missão seja fecunda de optimos resultados para as almas d'essas regiões.

V. Exc. comprehenderá que a mim se unem todos os irmãos desta casa que exultam pela fausta noticia.

Quando teremos a dita de tornar a vê-lo entre nós? Queira aceitar os obsequios de quem se prostra a beijar o sagrado anel e declara-se de

V. Exc. Illm. e Revm.

Humbilde servo

P. Francisco Tomasetti.

Carta do Exmo. Sr. Dr. Barão Brasilio Michado, d.d. ex-lente da Academia de Direito de S. Paulo, e Director do Supremo Conselho da Instrução.

Rio, 2—1—1914.

Exm. e Revm. Sr. D. Aquino Corrêa. Respeitosas saudações.

Não quero ser dos ultimos na

apresentação, que ora faço, dos meus sinceros votos e felicitações pela merecida elevação de V. Exe. Revma. ao Episcopado Brasileiro: tanto mais que essa distincção recai num sacerdote salusiano. Receba, pois, V. Exe. Revma. as minhas congratulações, e se não esqueça em suas preces de quem beijando-lhe as mãos, se subscryve

Admor, servo e amigo,
Brazílio Machado.

Rio de Janeiro, 3 de Abril de 1h14.
Exm. Patricio Sr. D. Aquino Corrêa.

Telegramma de Roma hoje publicado no "Journal du Commerce" traz a nova e felicemente grata, da elevação do illustre patrião ao alto posto de Bispo, acrescentando á distincção o facto de ser o Bispo mais jovem de todo mundo catholico.

Este acto do Santo Padre, de mais alta justiça, enche-me de viva satisfação, pela homenagem prestada aos meritos e dotes de um dos sacerdotes que mais honram a Igreja.

Accedida, pois, Sr. Bispo, as felicitações e sinceras homenagens do
 Patricio muito admirador.

Firmo Imprime.

Exmo. e Revmo. Sr. P. Dr.
Francisco d' Aquino.

Musculi respiratores et cardiaci comprimentes.

Não podendo, como era meu íntimo desejo, tomar parte, pessoalmente na manifestação que V. Rev. mui mercenariamente vai receber hoje dos seus amigos e admiradores pela sua eleição à dignidade de Bispo desta Archidiocese, venho fazê-lo por meio desta, associando-me às congratulações a todos quantos lhe desejam sinceramente todas as felicidades no exercício futuro das

eminentes funções do cargo a que o elevaram os seus reais merecimentos.

Digne-se, pois de acceitar com estas linhas, um cordial amplexo do seu confrangido

amigo e admirador

José Mauro da S. Pereira,

Cuiabá, 12 de Abril de 1914.

Cuiabá, 25 de Abril de 1914.

Blanco e Revuena. Sur. Bispo
D. Acemino Corrêa.

Respiratory stimulants.

A elevação de V. Exe. Revm. a alta dignidade de Bispo de Prusado e Conductor desta Archidieceze de Cuidad, é para os e auctoridades e admiradores de V. Exe., motivo de justo descontentamento.

Concededores do alto merecimento de V. Exa. Revta., essa escolha não podia ser mais acertada: zelo, subordinação, bondade, virtude, são qualidades que, exornam a pessoa de V. Exa., o que certamente muito contribuirá para enaltecer o catholicismo na Diocese.

Congratulo-me pois, com V. Exca., a quem apresento sinceras felicitações, e com os vossos irmãos pelo auspicioso motivo, subscrevo-me com muita estima e distincta consideração,

Dr. V. ENG. ROYMA.

Art. 5 added.

Manuel Esquivel Virginia.

Exmo. Monsenhor Francisco
d' Aquino Corrêa.

10. *Carlos Luis d'Amour*.

Arcebispo de Cuiabá.

O Nuncio por telegramma, que recebi hontem á noite, communicou-me que o S. Padre nomeou V. Exe. Bispo Titular de Pristade, meu Auxiliar. Aceitai, pois, as minhas affectuosas congratulações.

e as transmitta a seu venerando Pai, aos seus irmãos Salesianos e exima Família.

Cuiabá, 9---4---1914.

Genzano do Roma, 7---4---1914.

O P. Francisco Alves Corrêa, Salesiano, prostrado humildemente ao osculo do sagrado anel, rejubila-se com a S. Igreja Catholica, com a nossa Pia Sociedade, com a nossa Patria, com a Archidiocese de Cuiabá e com V. Exc. pela merecida elevação de V. Exc. ás honras e *munus* do Episcopado. Praza ao Pastor Supremo conceder a V. Exc. muitissimos annos de fecundo apostolado.

Não dedigneis de lançar a benção apostolica sobre o vosso humilde servo in C. J.

Por absoluta falta de espaço, continuaremos a publicação dos numerosos telegrammas que foram dirigidos ao preclaro P. Bispo Matto-grossense, no p. numero de Maio e Junho, já em advanceda elaboração.

DR. JOSÉ DE MESQUITA

Após rapida e brilhante formação na Academia de Direito de S. Paulo, eis de novo; entre nós o nosso intimo amigo e collaborador, Sr. Dr. José de Mesquita.

Joven aureolado de peregrinos doctes intellectuaes, já desde a culta Paulicéa emittia os perfumes da sua nusa opulenta e delicada que, por muitas vezes tem vindo embalsamar as paginas do Parnaso matto-grossense, em nossa Revista.

Unidamente a esses doctes de intelligencia, admiramos no novel jurisconsulto os de coração bem formado, cingindo os princípios da Religião materna que elle soube man-

ter, de encontro a tantas doutrinas subversivas pullulantes nas Escolas Superiores da Republica.

A semellança das matronas romanas que, entre palmas e flores, recebiam os seus filhos ao regressarem triumphantes do campo da lucta; estas praias nuaes acolhem, entre hymnos e vivas, ao seu digno filho, que vem do campo das conquistas academicas com a fronte juvenil cingida de inarcessiveis laureis.

A Revista "Matto Grosso", que espera continuar a merecer a sua intelligente e assidua collaboração, desceira-lhe esta pequena mas sincera homenagem de apreço e reconhecimento, fazendo votos pela sua completa prosperidade.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES.

Certos que teriamos tido geral approvação reunindo em unico fasciculo quanto se disse e effectuou ao saber-se que o Edo. P. Dr. Francisco de Aquino Corrêa, honra do clero do nosso futuro Estado, fôra nomeado Bispo de Prusial e Auxiliar de Cuiabá, julgamos opportuno publicar o presente numero que abrange os mezes de Fevereiro, Março e Abril.

Correspondia elle a justa expectativa dos assignantes, e possa longe do nosso meio, dar uma pallida idéa do elevado enthusiasmo que aqui suscitou em todo o povo a noticia da merecida nomeação.

Ainda que o nosso proceder offendia a peculiar modestia de S. Ex. Rvma., o fazemos para que se alegrem os bons e digam connosco: *A Domino factum est istud, et est mirabile in oculis nostris. Foi Deus quem o fez, e é admiravel aos nossos olhos.*

A Redacção.

Secção Meteorológica

Coordenadas Geographicas das Estações do Estado

Observatorio Meteorologico "D. Boseo"

DEPENDENTE DO LICEU SALESIANO DE ARTES E OFFICIOS — Em Cuiabá
Estado de Matto-Grosso—Director: P. Dr. Francisco de Aquino Corrêa
Secretario: Prof. Sylvio Milanese.

Altitude da localidade 235^m.62

Latitude austral 15° 35' 49"

Longitude Occid. do Rio 12° 50' 7"

Longitude em tempo a W de Greenwich 3hs. 45'

Longitude em grãos, a W de Greenwich 3° 5' 52"

Declinação: 0° 31' 24" NE — Inclinação: 0.6786 — Horizonte: 0,2717.

Estação Meteorologica de Corumbá

A CARGO DO COLLEGIO SALESIANO «SANTA THERESA»—Encarregado:
P. José Thasnhuber—Auxiliar: P. Clemente Dorozewski

Longitude W de Greenwich 57° 39' 10" 50

Longitude em tempo aW Greenwich 3 hs. 59' 36" 70

Latitude Austral 19° 00' 00" 72

Altitude da localidade 154^m, 85

Estação Meteorologica do Araguaia

DEPENDENTE DA DIRECTORIA SALESIANA DA COLONIA INDIGENA
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS.—Encarregado: P. Antonio Colbacchini—Auxiliar:
Modesto Cerutti Botan-Curi

Latitude Austral 15° 33' 27" 3

Longitude W do Rio de Janeiro 9° 48' 57" 0

Altitude approximada da localidade 509^m.14

Estação Meteorologica de S. Luiz de Cáceres

A CARGO dos R. R. P. P. FRANCISCANOS—Encarregado: Frei Carlos
Valette—Auxiliar: Frei João Luiz Bourdoux

Longitude W de Greenwich 57° 45' 51"

Latitude Austral 16° 03' 30"

Longitude em tempo a W de Greenwich 3hs. 51' 06"

Altitude da localidade 189^m.02

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officinas

Em Cuiabá, Estado de Matto-Grosso. Director Padre Dr.
F. de Aquino Corrêa e Secretario Sylvio MilaneseALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m 02. LATITUDE 15° 35' 40" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Oco. do Rio)

N. de Observações por dia às 6 h. a. m. á 1.30 e 3.11 p. m. hora local

TABELLA I

Janeiro 1914	PRESS. BAROMETRIA reduzida á 0° 700				EXTRE- MOS da tem- perat. 8.44 p.	THERMOMETRO secco				THERMOMETRO humido				
	a. m.	p.	p.	Med.		Max.	Min.	=	=	=	Med.	=	=	Med.
1	47.1	45.1	45.1	45.8	31.3	24.6	25.2	30.0	28.5	27.9	20.7	20.0	21.4	20.7
2	46.7	44.9	44.3	45.3	32.7	25.6	26.5	31.7	29.8	29.2	19.3	19.6	20.9	19.9
3	45.7	44.2	43.9	44.6	33.0	27.4	28.1	32.3	30.1	30.4	22.0	20.6	23.5	21.8
4	46.3	43.8	43.9	44.7	30.7	26.4	26.7	26.9	27.2	26.9	21.0	20.2	22.6	21.9
5	46.2	44.3	46.5	45.7	29.0	24.0	24.5	29.8	26.5	26.9	20.0	19.0	21.6	20.2
6	46.8	44.7	45.6	45.7	32.0	25.2	26.0	31.0	27.3	28.1	20.5	20.6	21.5	20.9
7	45.6	42.6	43.2	45.8	32.3	26.5	27.2	32.0	29.5	29.6	21.8	20.0	20.2	20.7
8	44.7	41.6	42.7	43.0	33.6	27.1	28.5	32.8	30.3	30.5	19.4	19.5	21.3	20.1
9	45.5	43.2	46.3	45.0	31.8	28.0	28.2	30.9	28.1	28.4	21.5	22.0	21.8	21.8
10	46.1	43.7	44.7	45.2	31.0	26.5	27.0	28.6	28.6	28.1	22.7	22.5	23.3	22.8
D. 1.	46.0	43.8	44.6	44.8	31.7	26.1	26.7	30.6	26.5	28.6	20.8	20.3	21.8	20.9
11	45.4	43.5	43.8	44.2	30.0	26.1	27.0	27.4	27.2	27.2	22.3	23.1	23.4	22.9
12	43.9	45.9	42.5	44.1	31.2	25.2	26.0	31.2	26.6	27.0	22.9	21.1	22.5	22.1
13	43.7	41.4	43.8	42.9	29.7	25.7	25.0	29.5	26.6	27.0	21.5	21.7	22.9	22.0
14	44.0	42.7	42.9	43.2	29.2	24.2	24.1	28.0	26.3	26.1	20.4	21.6	22.1	21.4
15	42.9	45.0	41.5	43.1	30.2	24.5	25.0	28.8	27.7	27.2	20.8	22.0	22.0	21.6
16	43.0	40.8	42.5	42.1	32.2	23.5	23.7	28.1	27.6	26.5	19.5	24.7	22.7	22.3
17	43.8	41.9	42.3	42.7	30.2	23.5	25.4	30.0	26.2	27.9	20.5	22.5	22.8	21.9
18	44.0	43.4	42.3	43.6	32.0	25.4	26.0	30.0	29.4	28.5	20.9	21.7	22.8	21.8
19	45.8	43.8	45.2	44.9	32.5	26.7	27.6	32.1	29.1	30.7	21.5	22.2	22.4	22.0
20	46.7	44.2	45.7	45.5	31.9	25.9	26.1	31.6	28.3	29.3	20.3	21.9	21.3	21.2
D. 2.	44.3	43.2	43.3	43.6	30.7	24.9	25.5	29.6	27.5	27.7	21.0	22.2	22.4	21.9
21	46.6	44.7	45.3	45.5	32.1	24.9	25.5	30.8	28.0	28.1	20.7	20.7	22.7	21.3
22	45.9	43.9	44.9	44.9	32.8	25.8	26.3	31.6	28.2	28.7	21.7	20.7	18.4	20.3
23	45.6	43.6	44.3	44.5	29.7	26.9	25.1	29.5	26.6	27.1	20.5	23.0	21.8	21.7
24	44.5	42.6	43.8	43.6	31.8	24.5	25.0	31.0	27.0	27.7	19.2	20.6	23.3	20.0
25	43.7	45.8	43.1	44.2	30.5	25.2	26.2	29.1	27.5	27.6	19.2	23.1	20.2	20.8
26	44.2	42.1	42.6	43.3	30.2	25.5	26.3	29.8	27.0	27.7	20.7	19.6	21.9	20.7
27	43.5	41.9	41.4	42.3	27.6	25.4	26.1	27.6	25.3	26.3	20.9	21.5	21.8	21.4
28	42.9	41.8	42.3	42.3	27.7	24.0	24.5	26.0	26.1	25.5	20.9	20.9	22.3	21.4
29	43.2	41.2	42.9	42.4	29.8	25.0	25.1	29.5	26.5	27.0	21.3	20.8	22.0	21.4
30	43.5	41.9	43.1	42.8	29.4	25.0	25.6	28.6	26.5	26.8	21.7	22.2	22.4	22.1
31	44.4	42.6	44.2	43.7	28.9	24.5	25.0	28.9	24.9	24.3	21.5	21.3	22.6	21.5
D. 3.	44.4	42.9	43.5	43.6	30.0	25.1	25.7	29.3	26.7	27.2	20.8	21.3	21.4	21.2
Mez	44.9	43.3	42.8	44.0	30.8	25.4	25.9	29.8	26.9	27.8	20.9	21.3	21.9	21.4

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Janeiro 1914	HUMID. ABSOLUTA (tensão do vapor)				HUMID. RELAT. (grão hygromet.)				NEBULOSIDADE qualidade—quantidade. (0 a 10)							
	6.11 a.	1.4	3.1	Medio	6.11 a.	1.4	3.1	Medio	5.44 a. m.		1.11 p. m.		3.44 p. m.		Medio	
1	20.7	20.0	21.4	20.7	37	63	74	74.6	S-K	9	Kn-K	8	—	0	6.4	
2	19.3	19.6	20.9	19.9	75	56	69	66.0	S	3	Kn-K	7	Kn-K	6	5.3	
3	22.0	20.0	23.5	21.8	73	53	74	66.6	As	2	K-Kn	9	K	4	5.0	
4	21.0	20.2	22.6	21.9	84	76	84	81.3	N-SK	9	N	10	S	5	8.0	
5	22.0	19.0	21.6	20.2	88	61	84	77.6	N	10	KS	9	Kn	9	9.6	
6	20.5	20.6	21.5	20.9	82	62	80	74.6	KC	8	Kes	8	Kn-K	9	8.3	
7	21.8	20.0	20.2	20.7	81	56	65	67.3	S	7	K	4	S	7	6.0	
8	19.4	19.5	21.3	20.1	67	52	66	61.6	S	4	K	7	—	7	6.0	
9	21.5	22.0	21.8	21.8	76	68	77	73.6	Sn	9	Kn	8	N	10	9.5	
10	22.7	22.5	23.3	22.2	86	77	80	81.0	K-Kn	9	Kn	9	Kes	8	8.3	
D. 1 ^a	20.8	20.3	28.8	20.9	79.9	62.4	75.3	72.4	—	7.0	—	7.9	—	6.5	7.2	
11	22.3	23.1	23.4	22.9	84	87	87	86.0	Kn	9	N-Kn	9	N	10	9.9	
12	22.9	21.1	22.5	22.3	92	63	87	80.6	K-Kn	9	K-Kn	8	N	10	9.0	
13	21.5	21.7	22.9	22.0	92	71	90	84.3	N	10	K-Kn	7	N	10	9.0	
14	20.4	21.6	22.1	21.4	91	77	87	85.0	N	10	N-Kn	10	N	10	10.0	
15	20.8	22.6	22.0	21.6	89	75	80	81.3	N	10	K	9	Kn	10	9.9	
16	19.5	24.7	22.7	22.3	90	87	87	87.0	Kn	10	K-Kn	8	S	4	7.3	
17	20.1	22.5	22.8	21.9	85	71	84	78.0	Sn	10	K-Kn	9	—	0	6.3	
18	20.9	21.7	22.8	21.8	84	68	75	75.6	S	8	K	6	—	6	4.6	
19	21.5	22.2	22.4	22.0	78	62	75	71.3	Sc	4	K	6	Kn	4	4.6	
20	20.3	21.9	21.3	21.9	80	63	75	72.3	Os	7	K-Kn	8	Kn	8	7.6	
D. 2 ^a	21.0	22.9	22.4	21.9	86.5	72.4	81.9	80.1	—	8.7	—	8.0	—	6.6	7.8	
21	20.7	20.7	22.7	21.4	85	63	80	76.0	C	8	K	6	Cl	0	4.6	
22	21.7	20.0	18.4	20.3	85	59	65	69.6	Kn	9	K	5	—	0	4.6	
23	20.5	21.0	21.8	21.7	87	75	84	82.0	NK	9	Kn	9	K	2	6.6	
24	19.2	20.6	20.3	20.0	72	62	77	70.3	Sc	2	K	7	Kn	9	6.0	
25	19.2	23.1	20.2	20.8	75	78	74	75.7	Os	5	Kn	9	Kn	6	6.6	
26	20.7	19.6	21.9	20.7	81	63	82	75.3	OK	9	Kn	8	K	1	7.0	
27	20.9	21.5	21.8	21.4	84	78	81	84.3	SK	10	Kn	9	N	10	9.7	
28	20.9	20.9	22.3	21.4	91	84	98	87.6	N	10	K-Kn	9	Kn	3	7.3	
29	21.3	20.8	22.0	21.4	90	68	85	81.0	Kn	9	K	6	N	10	8.3	
30	21.7	22.9	22.4	21.1	90	76	89	84.4	N	10	Kn	8	SK	5	7.6	
31	21.5	21.3	21.6	21.5	92	72	88	84.0	N	10	K-Kn	8	N	10	9.3	
D. 3 ^a	20.8	21.3	21.4	21.2	84.7	70.7	81.9	79.1	—	8.3	—	7.6	—	5.4	7.1	
Mez	20.9	21.3	21.9	21.4	83.7	68.5	79.7	77.3	—	8.0	—	7.8	—	6.2	7.3	

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Cuiabá
TABELLA III

Janeiro 1914	VENTOS									CHUVA		EVAPORA- ÇÃO as 6.44 a.m.	HORAS de Insolação	
	Direcção—Força—Velocidade metros por segundo									as 6.44 a.				
	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Vel. med. 24 hs	Alt.			Dur.
1	C	0	0.0	N	1	1.4	N	1	1.0	1.088	—	—	2.1	5.2
2	N	1	1.8	N	1	1.8	C	0	0.0	598	—	—	3.0	10.2
3	N	1	1.0	NW	2	2.0	N	1	1.0	551	—	1.00	3.8	6.4
4	E	1	1.0	C	0	0.0	SE	1	1.0	391	6.0	2.00	3.3	2.0
5	NE	1	1.0	NW	2	1.5	C	0	0.0	299	32.1	—	1.3	0.9
6	C	0	0.0	N	1	1.3	W	1	1.3	445	—	0.30	2.2	11.0
7	C	0	1.0	W	2	2.0	N	1	1.0	666	5.0	—	2.0	9.4
8	N	3	4.5	NW	3	4.5	"	1	1.0	589	—	—	4.0	2.2
9	C	0	0.0	N	1	1.0	S	1	1.0	316	—	0.35	1.9	8.6
10	C	0	0.0	S	1	1.0	N	1	1.0	192	5.0	—	2.6	1.2
D. 1ª	—	0.7	0.9	—	1.4	1.7	—	0.8	0.8	0.513	48.1	4.15	26.2	57.8
11	NE	1	1.0	NW	2	2.0	C	0	0.0	243	—	2.00	2.0	0.4
12	C	0	0.0	W	1	1.3	C	0	0.0	518	10.0	2.25	0.9	4.0
13	N	1	1.0	N	1	1.8	N	1	1.0	889	18.0	14.00	1.8	2.6
14	N	3	4.6	"	4	6.9	C	0	0.0	101	38.0	inter.	1.2	0.0
15	"	2	3.6	"	4	6.9	S	2	3.8	719	2.0	1.00	1.6	2.5
16	NW	2	2.1	NE	1	1.0	N	2	3.5	955	0.3	0.30	2.1	1.3
17	N	2	2.6	N	2	3.7	N	2	2.0	932	10.0	—	1.2	0.8
18	"	3	5.1	"	2	3.4	NE	1	1.0	970	—	—	2.7	9.4
19	"	2	3.3	"	2	2.3	S	2	2.0	603	—	—	3.0	8.0
20	"	2	2.0	S	1	1.4	N	2	3.2	762	—	1.00	3.1	2.9
D. 2ª	—	1.8	2.5	—	2.0	3.0	—	1.2	1.6	0.669	98.3	23.55	19.6	31.9
21	W	1	1.0	S	1	1.6	N	2	2.0	0.264	35.7	1.00	2.5	6.8
22	C	0	0.0	SW	1	1.8	"	1	1.0	661	—	—	2.6	8.5
23	N	1	1.0	W	2	3.1	SW	3	1.0	523	10.5	—	2.8	0.0
24	N	2	2.5	S	1	1.0	C	0	0.0	671	—	inter.	1.5	8.9
25	N	2	3.4	NE	2	3.1	NE	1	1.4	123	—	0.30	2.7	7.2
26	"	2	3.3	W	3	5.3	C	0	0.0	1.009	0.5	1.00	2.6	4.8
27	C	0	0.0	NW	2	2.0	C	0	0.0	508	1.0	inter.	2.1	0.0
28	NW	1	1.0	N	3	5.1	NE	1	1.0	652	18.5	1.00	1.4	1.8
29	N	1	1.0	SW	2	2.5	C	0	0.0	549	5.2	3.00	1.2	4.2
30	"	2	2.3	NW	2	2.1	N	1	1.0	599	5.8	3.00	2.0	0.0
31	"	2	2.3	NW	2	2.1	NW	2	2.1	815	19.0	—	1.4	0.0
D. 3ª	—	1.2	1.6	—	2.0	2.7	—	0.8	0.9	0.673	96.2	31.40	22.8	32.2
Mez	—	1.2	1.6	—	1.8	2.4	—	0.9	1.1	0.606	242.6	62.10	68.6	131.9

Observatório meteorológico "B. Bosco" — Cuiabá.

TABELLA IV

FREQUENCIA DOS VENTOS durante o mez de Janeiro						
Ventos	7 a.	2 p.	9 p.	Som. mas		
N	17	11	13	41	Pressão media mensal	744.0
NE	2	2	2	5	" Extrema maxima dia 1	747.1
E	1	0	0	1	" " Minima dia 29	741.2
SE	0	0	0	1	Temperatura mensal ao abrigo	30.8
S	0	4	3	7	Extrema Maxima dia 8	33.6
SW	0	2	1	3	" Minima dia 16-17	23.5
W	1	5	1	6	Tensão mensal do vapor da agua	21.4
NW	2	7	1	10	Maxima tensão — dia 16	24.7
Calma	8	1	9	18	Minima " — dia 5	19.0
Somma	31	31	31	93	Humidade relativa mensal	77.3
Classificação das nuvens observadas durante o mez					Extrema maxima — dia 12-13	92.0
qualid.	7 a.	2 p.	9 p.	Som. mas	" minima — dia 8	52.0
C	1	0	0	1	Nuvens -- Formas predominantes	Kn-K-N
C.S	4	1	1	6	Quantidade media	7.3
C.K	2	0	0	2	Dias claros	0
A.C	0	0	0	0	Nublados "	32
A.S	1	0	0	1	Encobertos	9
SK	3	1	1	5	Horas de Sol durante o mez	131.45
K	2	2	5	9	Total de chuva caida	242 ^m . ⁰⁶
N	10	3	8	21	Altura maxima em 24 horas dia 14	38 ^m . ⁰⁰
K.N	6	19	10	35	Evaporação total ao abrigo	68 ^m . ⁰⁶
S	4	0	4	8	Menor evaporação, dia 3	3.8
Claros	0	0	5	5	Menor " dia 12	0.9
Nº de dias de:					Media mensal da velocidade do vento em metros por segundos	0.606
Chuvias				13	Chuvias afastadas	23
Trovoadas				13		
Relampagos				14		
Tempestade				4		
Arco-iris				2		
Orvalho				2		
Nevoadas				0		
Halo lunar				3		
Coroa lunar				0		
Paraselenicos lunares				0		

Estações Meteorológicas do Estado

Resultado em Decadas das observações Meteorologicas effectuadas no mez de Dezembro de 1913.

Estação de	Decadas			Temp. ex- terna	Termometro Seco		Termometro Molhado		Humidade Absoluta		Humidade Relativa		Neutro- suade		Ventos por segundo		CHUVA m m									
	Pressão Baro- metrica a 0°	7 a.m.	9 p.m.		Media	Max.	Min.	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media		força 7 a.m./9 p.m.	força vel.							
Corumbá	1.ª	750.3	748.8	746.6	35.0	21.2	23.7	26.3	26.0	21.2	21.7	21.4	16.3	16.6	16.6	67.9	65.1	66.5	0.0	2.6	2.3	0.7	1.0	2.1	3.3	15.6
	2.ª	748.2	746.9	747.4	33.2	22.0	25.1	26.6	23.8	22.0	22.9	22.8	19.1	18.6	18.9	81.4	73.6	77.5	9.2	5.7	4.8	1.0	1.8	1.1	1.9	7.0
	3.ª	748.2	747.1	747.7	31.4	22.4	24.7	24.8	24.7	23.0	23.2	23.1	19.9	19.0	19.0	80.4	72.7	76.6	3.7	6.3	7.0	0.1	0.2	1.0	2.0	94.2
	Mez	748.9	747.6	748.3	33.2	21.8	23.1	26.9	25.5	22.2	22.6	22.4	18.4	18.1	18.4	78.5	72.2	76.9	5.1	4.2	4.7	0.6	1.0	1.4	2.4	112.8
Araguaya	1.ª	722.4	720.9	721.7	30.9	21.3	23.6	26.0	24.8	20.8	21.7	21.3	16.9	16.8	16.9	78.1	67.8	73.0	2.1	2.7	3.4	1.7	2.4	2.0	2.0	27.2
	2.ª	721.5	720.3	720.9	29.6	21.3	22.7	24.3	23.5	21.8	22.1	22.1	19.0	18.9	19.0	92.1	84.9	88.7	7.7	5.7	8.7	1.1	1.3	2.0	2.2	92.9
	3.ª	722.5	721.3	721.9	26.3	21.4	21.0	23.1	22.5	21.2	22.0	21.6	18.4	18.3	18.7	93.5	89.9	91.9	9.2	8.0	8.6	1.3	1.7	1.6	2.2	106.2
	Mez	722.1	720.8	721.5	28.9	21.3	22.7	24.4	23.6	21.3	22.0	21.7	18.1	18.2	18.2	88.2	80.9	84.6	6.6	6.3	6.1	1.3	2.0	1.9	2.9	226.3
Caceres	1.ª	751.2	748.6	749.1	35.9	20.5	21.8	26.0	24.9	22.8	23.3	24.1	20.3	20.6	20.5	90.5	94.0	92.3	2.0	3.3	2.7	0.7	0.7	0.8	0.8	17.2
	2.ª	749.4	748.1	748.8	32.9	21.9	23.1	24.4	23.9	22.3	23.1	23.6	20.9	22.2	21.6	97.3	97.9	97.6	8.9	5.4	7.2	0.8	0.8	0.9	0.2	18.8
	3.ª	749.7	748.8	749.3	32.0	22.2	23.8	24.7	24.3	23.4	24.4	23.9	21.3	22.7	21.1	96.0	97.1	96.9	8.0	5.1	6.6	0.7	0.7	0.8	0.8	107.2
	Mez	750.1	748.5	749.2	33.6	21.6	22.6	25.0	24.3	23.1	24.3	23.8	20.8	22.2	21.5	94.6	96.2	95.6	6.3	4.6	5.5	0.7	0.7	0.8	0.8	163.2

PHENOMENOS DIVERSOS.—Corumbá.—Max. ext. 38.6 dia 7, min. ext. 17.2 dia 3, dias de chuvas 9, dias limpos 8; dias nublados 12; relapago de calor 6, dias de temporál 4, dias de cerração 7 dias de trovoadá 5.
Araguaya.—Orvalho 2 dias; reis. 23 dias; trov. 20 dias; chuv. 16 dias; acciões 2 dias bal. hum 3 nev. 2 dias max. ext. 34.0 dia 15; min. ext. 18.2 dia 12.
Caceres.—Orvalho 23 dias; chuva 12 dias; trovada 16 dias; neblina 5 dias; halo lunar 1 dia; max. abs. 38.2 dias 3, 6 e 7 min. abs. 15.6 dia 1; maior pressão barométrica 751.7 dia 6; menor pressão barométrica 746.1 dia 11.

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceo Salesiano de Artes e Officinas

Em Curitiba, Estado de Matto-Grosso. Director Padre Dr.

R. de Aquino Corrêa e Secretario Sylvio Milanese

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m 02, LATITUDE 15° 35' 49" LONGITUDE 12° 50' 7"

(Oco. do Rio)

N. de Observações por dia às 0.44 a. m. à 1.11 e à 4.11 p. m. hora local

TABELLA I

Fevereiro 1914	PRESS. BAROMETRICA				ENTRE- MOS da tem- perat. 8.4 p. Max. Min.	THERMOMETRO secco				THERMOMETRO humido				
	reduzida à 0° 700													
	3.4	1.1	8.4	Med		7	8	9	Med	7	8	9	Med	
1	44.7	43.4	44.8	44.3	28.0	23.5	24.0	25.7	25.8	25.5	23.0	24.5	23.8	23.8
2	45.0	44.5	44.8	45.0	28.6	24.7	25.1	27.0	25.2	25.8	23.1	23.8	23.4	23.4
3	46.7	44.7	44.9	45.1	30.5	25.3	25.5	28.7	27.5	27.1	24.0	24.9	25.3	24.8
4	45.5	43.4	44.7	44.5	29.2	25.6	26.2	29.4	26.6	27.4	25.6	29.4	26.6	25.5
5	46.1	45.0	45.3	45.8	27.6	24.2	25.6	24.4	25.0	25.0	24.0	23.2	23.7	23.6
6	46.2	44.9	45.5	45.5	27.0	24.0	24.4	25.9	24.8	25.0	23.4	24.7	23.6	23.9
7	44.2	43.8	45.1	44.7	29.2	23.8	24.2	29.4	26.5	27.0	23.4	25.4	25.1	24.6
8	44.1	42.5	43.1	43.2	31.6	24.5	25.1	30.7	28.5	28.1	24.1	25.5	25.3	25.2
9	43.8	41.8	43.5	43.0	31.2	25.3	25.6	30.6	28.0	28.1	24.0	26.2	26.0	25.4
10	45.1	43.4	44.7	44.4	29.0	25.4	25.7	26.8	26.5	26.6	24.0	24.5	24.5	24.3
D. 1. ^a	45.3	43.8	44.6	44.6	29.1	24.6	25.1	27.9	26.1	26.5	23.8	25.2	24.8	24.6
11	44.4	43.2	44.1	43.9	30.5	25.0	25.1	29.9	28.2	27.7	23.5	25.7	26.2	25.1
12	44.5	42.8	43.8	43.7	32.0	26.7	26.5	30.4	26.7	27.9	24.1	26.0	24.5	24.9
13	44.9	44.1	44.4	44.4	31.0	24.5	24.8	29.0	27.5	27.1	23.2	24.8	25.0	24.3
14	47.3	45.7	47.1	46.7	31.6	24.6	24.6	30.0	27.0	27.2	22.8	25.2	23.8	23.9
15	47.1	45.7	46.2	46.3	30.6	24.2	24.5	30.5	27.3	27.4	23.5	25.3	23.9	24.3
16	47.3	46.9	46.7	46.9	27.9	25.0	25.1	26.4	26.4	26.0	23.3	23.5	24.4	23.7
17	47.8	46.6	45.8	46.7	31.7	24.3	24.8	30.1	26.4	27.2	22.8	25.0	22.8	23.5
18	45.9	43.8	44.5	44.7	32.0	29.4	24.5	30.7	28.2	27.8	22.7	25.5	24.0	24.1
19	46.0	43.4	44.7	44.7	31.4	25.0	25.8	31.4	28.3	28.5	23.6	25.2	25.4	24.7
20	46.4	45.0	46.5	46.1	31.4	25.3	25.9	30.7	28.0	28.2	23.5	25.6	24.6	24.5
D. 2. ^a	46.1	44.7	45.3	45.4	31.0	25.4	25.1	29.9	27.4	27.5	23.2	25.1	24.4	24.2
21	47.8	44.9	45.9	46.2	31.0	25.2	25.4	30.3	27.6	27.8	23.6	25.5	24.0	24.4
22	46.9	44.4	45.1	45.5	32.1	26.2	26.1	31.5	28.1	28.6	24.2	25.5	24.3	24.7
23	46.3	44.5	45.5	45.4	32.3	25.2	25.2	31.8	27.8	28.3	23.4	25.4	25.0	24.6
24	46.6	45.4	47.1	46.3	29.5	25.2	26.3	26.2	25.4	26.0	24.5	23.6	23.5	24.9
25	46.7	44.7	45.3	45.6	30.0	23.5	24.7	27.0	27.1	26.0	23.3	23.4	25.6	24.1
26	46.0	44.2	44.8	45.0	29.1	25.2	25.3	28.8	27.1	27.1	23.3	25.8	25.7	24.9
27	46.8	44.2	45.2	45.4	30.7	25.0	25.2	30.6	28.0	27.7	24.2	26.0	26.0	25.4
28	46.0	44.7	44.7	45.1	31.2	24.8	25.6	31.0	28.5	28.4	24.0	26.0	26.0	25.3
D. 3. ^a	46.6	44.6	45.4	45.5	30.7	25.0	25.5	29.7	27.4	27.5	23.8	25.3	25.0	24.7
Mez	46.0	44.4	45.1	45.1	30.3	25.0	25.2	29.2	27.1	27.2	23.6	25.2	24.7	24.5

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Fevereiro 1914	HUMID. ABSOLUTA (tensão do vapor)				HUMID. RELAT. (grão hygromet.)				NEBULOSIDADE qualidade—quantidade. (0 a 10)							
	3.44 a.	4.44	5.44	Meia	3.44 a.	4.44	5.44	Meia	9.44 a. m.		1.44 p. m.		3.44 p. m.		Meia	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	1	2	3	4	5	6
1	20.3	21.5	20.7	20.8	91	82	83	85.3	N	10	Kn	9	N	10	9.6	
2	19.8	19.9	20.3	20.6	83	75	85	81.0	SK	9	N	8	N	10	9.0	
3	21.5	21.0	23.0	21.8	92	71	84	82.3	N	10	CK	7	S	6	7.6	
4	22.8	24.6	22.5	23.1	90	79	87	85.3	Kn	10	K	9	K	8	9.0	
5	21.3	20.4	20.8	20.5	87	96	87	87.4	Kn-K	10	N	10	N	10	10.9	
6	20.8	22.4	20.9	21.4	91	90	90	90.3	Kn	10	N	10	Kn	10	10.0	
7	20.9	21.6	22.7	21.7	93	71	89	84.3	SK	10	CK	10	SC	9	9.0	
8	21.7	21.6	23.1	21.9	92	64	80	78.6	CK	4	K	8	S-K	7	6.6	
9	21.2	22.6	23.7	22.6	87	66	84	80.0	Kn	9	K	8	Kn	10	9.0	
10	20.5	21.5	21.6	21.2	79	82	84	81.6	KS	9	N	10	SK	9	9.3	
D. 1	21.0	21.5	21.9	21.5	88.5	77.3	85.3	83.6	—	9.1	—	8.9	—	9.0	9.0	
11	20.5	21.9	24.0	22.1	87	70	84	80.3	Os	9	K-Kn	6	SK	1	2.3	
12	20.8	22.2	22.1	21.7	81	69	90	80.0	K	2	K	7	SK	6	5.0	
13	20.2	20.7	22.0	20.9	87	69	81	79.0	Os	8	K-Kn	8	S	4	6.6	
14	19.5	20.8	19.9	20.1	85	66	75	75.3	C	4	K	5	Kn	9	6.0	
15	20.9	20.7	19.9	20.5	91	64	73	76.0	Os	9	K	5	Kn	8	7.3	
16	20.1	19.8	21.5	20.5	85	78	84	82.3	Kn	9	N	9	S	2	6.6	
17	19.4	20.2	18.4	19.3	83	63	71	72.3	Sc	4	K	6	Kn	9	6.3	
18	19.4	21.0	19.6	20.0	85	64	69	72.6	As	9	K-Kn	6	K	2	5.6	
19	20.3	21.0	22.6	20.7	82	58	79	73.0	Ksc	7	Kn-K	8	K	1	5.3	
20	19.6	21.3	20.9	20.6	79	65	74	72.6	S	9	Kes	9	Kn	9	9.0	
D. 2	20.0	20.9	21.0	20.6	84.5	66.6	78.0	76.3	—	6.3	—	6.9	—	5.1	6.1	
21	20.5	21.0	19.9	20.5	85	66	73	74.6	N	10	Kn-K	9	Kn	9	9.3	
22	21.3	20.5	20.2	20.7	85	59	71	71.6	SK	9	K-Kn	8	—	0	5.6	
23	20.3	20.2	21.4	20.6	85	57	79	73.6	Ksc	3	Kn-K	9	—	0	4.0	
24	21.7	20.0	20.4	20.7	87	79	85	83.0	K	8	N	10	K	6	8.0	
25	21.4	19.2	23.5	21.4	88	72	89	83.0	EC	6	NK	9	S	6	7.0	
26	20.6	22.8	23.6	22.1	83	77	89	86.3	Ns	6	Kn-K	9	S	4	6.3	
27	21.8	22.1	23.7	22.3	92	68	84	81.3	K	10	K-Kn	9	Kn	2	7.0	
28	21.2	21.8	23.5	22.2	87	65	81	74.3	As	8	SK-N	10	C	6	8.0	
D. 3	21.0	20.9	22.0	21.3	86.2	67.9	81.4	78.5	—	7.5	—	9.1	—	4.1	6.9	
Mez	20.7	21.1	21.6	21.1	86.4	70.6	81.6	79.4	—	7.6	—	8.3	—	6.0	7.3	

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA III

Fevereiro 1914	VENTOS										CHUVA		EVAPORA- ÇÃO às 6 h a.m.	HORAS de Insolação
	Direção—Força—Velocidade metros por segundo										às 6.44 a.			
	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Vel. media 24hs	Alt.	Int.		
1	N	1	1.5	NW	4	6.9	N	1	1.5	0.899	31.1	0.05	1.5	0.7
2	N	3	4.8	N	3	5.8	N	1	1.8	.897	0.5	1.00	1.6	2.5
3	NW	2	2.0	NW	2	3.6	C	0	0.0	.459	7.3	—	2.0	3.0
4	N	1	1.0	S	1	1.3	C	0	0.0	.383	—	—	1.8	0.0
5	NW	2	2.6	N	1	1.0	C	0	0.0	1.303	—	1.00	1.3	0.0
6	N	1	1.5	NE	1	1.0	C	0	0.0	0.145	5.2	3.00	1.0	0.0
7	N	1	1.0	NW	2	2.0	SW	1	1.0	.152	13.5	—	0.8	1.5
8	W	1	1.4	W	2	2.0	S	1	1.3	.698	—	0.10	1.2	8.5
9	W	1	1.0	W	2	3.6	SE	1	1.3	.649	0.5	0.10	2.5	5.8
10	W	1	1.4	W	2	2.0	N	1	1.0	.450	2.7	—	2.0	3.3
D. 1ª	—	1.4	1.8	—	2.0	2.9	—	0.6	0.7	0.609	60.9	17.25	15.7	25.3
11	N	1	1.3	NW	1	1.4	C	0	0.0	0.507	—	0.05	1.6	8.4
12	"	1	1.5	"	2	2.5	N	1	1.0	.628	0.3	1.00	2.0	7.0
13	"	1	1.4	"	2	3.6	"	1	1.4	.250	12.5	—	2.1	7.4
14	"	2	2.3	W	1	1.8	W	2	2.0	1.232	—	—	2.3	7.9
15	"	1	1.3	NW	1	1.3	S	1	1.5	0.429	0.3	0.07	2.6	4.5
16	C	0	0.0	N	2	2.0	C	0	0.0	.502	2.4	0.07	2.2	2.2
17	N	4	4.5	"	3	4.1	N	3	5.3	.877	—	—	1.9	0.3
18	"	3	4.0	NW	2	3.8	"	1	1.3	1.090	8.2	2.00	2.4	9.3
19	"	2	2.5	"	2	2.4	E	1	1.0	0.183	—	—	2.7	6.6
20	"	3	4.0	N	1	1.5	SE	1	1.3	.309	—	—	2.7	0.7
D. 2ª	—	1.5	1.9	—	1.7	2.4	—	1.1	1.4	0.300	23.7	3.24	22.5	63.3
21	C	0	0.0	N	2	2.0	N	1	1.0	0.267	0.3	—	2.2	1.0
22	"	0	0.0	NW	2	3.8	C	0	0.0	.391	—	—	2.2	4.2
23	"	0	0.0	NE	1	1.4	"	0	0.0	1.233	—	—	2.6	5.8
24	"	0	0.0	SW	1	1.3	"	0	0.0	0.012	—	0.15	2.5	0.0
25	"	0	0.0	W	2	3.3	"	0	0.0	1.382	8.5	1.30	1.2	5.2
26	W	1	1.5	S	1	1.3	"	0	0.0	0.349	6.6	0.20	1.5	0.0
27	NW	1	1.5	N	2	2.0	SE	1	1.3	.510	5.1	—	1.3	3.4
28	N	1	1.3	W	1	1.3	C	0	0.0	.503	—	—	2.2	2.6
D. 3ª	—	0.4	0.5	—	1.5	2.0	—	0.2	0.3	0.337	20.5	2.5	15.7	22.2
Mez	—	1.1	1.4	—	1.7	2.4	—	0.6	0.8	0.433	105.1	22.54	53.9	110.8

Observatório meteorológico "D. Bosco" -- Cuiabá.

TABELLA IV

FREQUENCIA DOS VENTOS durante o mez de Fevereiro						
Ventos	7 a.	2 p.	9 p.	Sommas		
N	15	7	8	30	Pressão media mensal	745.1
NE	0	2	0	2	« Extrema maxima dia 17	47.8
E	0	0	1	1	« « Minima dia 9	41.8
SE	0	0	3	3	Temperatura mensal ao abrigo	30.3
S	0	2	2	4	Extrema Maxima dia 23	23.5
SW	0	1	1	2	« Minima dia 1-25	23.2
W	4	6	1	11	Tensão mensal do vapor da agua	21.1
NW	8	10	0	18	Maxima tensão — dia 4	24.0
Calma	6	0	12	18	Minima « — dia 25	19.2
Somma	28	28	28	84	Humidade relativa mensal	79.4
					Extrema maxima — dia 7	93.0
					« minima — dia 25	58.0
					Nuvens -- Formas predominantes	K-Kn
					Quantidade media	7.3
					Dias claros	1
					Nublados	17
					Encobertos	10
					Horas de Sol durante o mez	110.8
					Total de chuva cahida	105 ^{mm} /m1
					Altura maxima em 24 horas dia 1	31 ^{mm} /m2
					Evaporação total ao abrigo	53 ^{mm} /m9
					Maior evaporação, dia 15	2.7
					Menor « dia 30	0.8
					Media mensal da velocidade do vento em metros por segundos	0.433
					Chuvas afastadas	25
Classificação das nuvens observadas durante o mez						
qualid.	7 a.	2 p.	9 p.	Sommas		
C	1	0	0	1		
C.S	7	1	1	9		
C.K	3	2	0	5		
A.C	0	0	0	0		
A.S	2	0	0	2		
SK	3	1	3	7		
K	3	16	5	24		
N	3	7	3	13		
K.N	5	10	4	23		
S	0	0	7	7		
Claros	0	0	2	2		
Nº de dias de:						
Chuvas				16		
Trovoadas				11		
Relampagos				15		
Tempestade				0		
Arco-iris				4		
Orvalho				11		
Nevoeiros				1		
Halo lunar				2		
Coroa lunar				0		
Paraselenicos lunares				1		

Estações Meteorológicas do Estado

Resultado em Decadas das observações Meteorologicas effectuadas no mez de Janeiro de 1914.

Decadas	PRESSÃO BAROM. e THERM. EX. THERMOMETRO SÓLO		THERMOMETRO ALMOITADO		H. UMIDADE ABSOLUTA		H. UMIDADE RELATIVA		NEVILTO-SNARE		VENTOS		CHUVA m/m	
	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media		
Corumbá														
1.a	748.9	746.9	747.9	23.1	23.1	23.1	24.3	24.1	24.5	24.2	24.3	24.1	24.0	24.0
2.a	747.3	743.1	745.2	23.0	23.1	23.1	24.3	24.0	24.0	24.0	24.1	24.1	24.1	24.1
3.a	746.7	745.6	746.7	23.0	23.1	23.1	24.3	24.0	24.0	24.0	24.1	24.1	24.1	24.1
Mez	748.0	743.9	746.0	23.0	23.1	23.1	24.3	24.0	24.0	24.0	24.1	24.1	24.1	24.1
Araguaya														
1.a	723.1	721.1	722.1	21.6	21.6	21.6	24.4	24.1	24.6	24.3	24.4	24.1	24.0	24.0
2.a	720.9	719.6	720.3	21.6	21.6	21.6	24.4	24.1	24.6	24.3	24.4	24.1	24.0	24.0
3.a	721.6	719.7	720.4	21.6	21.6	21.6	24.4	24.1	24.6	24.3	24.4	24.1	24.0	24.0
Mez	721.7	720.1	720.9	21.6	21.6	21.6	24.4	24.1	24.6	24.3	24.4	24.1	24.0	24.0
Caceres														
1.a	750.5	749.0	749.8	22.5	22.5	22.5	24.9	24.6	25.1	24.5	24.7	24.6	24.5	24.5
2.a	749.0	747.9	748.5	22.5	22.5	22.5	24.9	24.6	25.1	24.5	24.7	24.6	24.5	24.5
3.a	749.1	748.0	748.5	22.5	22.5	22.5	24.9	24.6	25.1	24.5	24.7	24.6	24.5	24.5
Mez	749.2	748.3	748.8	22.5	22.5	22.5	24.9	24.6	25.1	24.5	24.7	24.6	24.5	24.5

PHENOMENOS DIVERSOS.—Corumbá.—Max. ext. 37.0 dia 22, min. extr. 22.0 dia 27, dias de chuvas 17, dias limpos 8; dias nublados 13; relapago de calor 11, dias de temporal 2, dias de cerração 4 dias de trovada 11.

Araguaya.—Orrallo 7 dias; reis. 20; diastrov 24 dias; chuva. 23 dias; arco-íris 3 dias; luv. 1 nev. 1 dia; max. extr. 31.6 dia 7, min. extr. 19.9 dia 1.

Caceres.—Orrallo 20 dias; chuva 20 dias; trovada 15 dias; claros 4 dias; encobertos 9 dias max. abs. 36.2 dia 8 min. abs. 21.4 dia 2 NE vento dominante. Chover muito os cinco ultimos dia do mez.

OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officios

Em Curitiba, Estado de Matto-Grosso. Director Padre Dr.

N. de Aquino Correa e Secretario Sylvio Milanese

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235 m. LATITUDE 15° 25' 40" LONGITUDE: 49° 50' 70" (Oce. do Rio)

N. de Observações por dias: a. n. à 1 h. e 5 h. p. m. hora local

TABELLA I

Marco 1914	PRESS. BAROMETRICA				ENTRE- MOS da tem.		THERMOMETRO				THERMOMETRO			
	reduzida a 0° 700				MOS da tem.		secco				humido			
	a. m.	a. p.	a. n.	Med.	Max.	Min.	Max.	Min.	Med.	Max.	Min.	Med.	Max.	Min.
1	46.8	43.8	44.5	45.0	31.8	25.3	25.6	31.2	28.0	28.3	23.8	26.1	26.4	25.9
2	46.2	43.9	44.6	44.9	30.7	25.3	25.6	29.5	27.0	27.5	24.6	25.9	25.9	25.6
3	46.2	44.2	46.0	45.5	31.4	25.5	25.8	31.0	28.3	28.4	24.2	25.5	25.6	25.9
4	48.1	45.1	46.7	46.6	28.2	24.2	24.8	25.7	26.5	25.7	22.5	24.0	24.8	23.8
5	47.1	44.6	45.7	45.8	30.7	24.5	25.0	30.3	27.0	27.1	24.8	25.4	25.6	24.9
6	46.5	44.2	45.1	45.4	30.8	25.5	25.7	30.0	26.9	27.4	23.8	25.8	25.6	24.9
7	45.8	43.1	45.9	45.0	31.0	24.2	25.0	30.8	26.4	27.4	24.3	26.2	24.8	24.8
8	47.2	45.2	46.5	46.2	28.3	25.2	25.0	28.5	24.2	26.7	24.5	25.2	24.8	24.8
9	47.1	45.4	46.9	46.1	29.5	26.6	26.0	29.5	27.7	27.7	24.6	25.5	25.7	25.2
10	43.5	45.9	46.0	45.0	29.4	26.2	26.8	26.9	27.5	27.1	25.4	25.1	25.7	25.3
D. 1. ^a	46.4	44.5	45.6	45.5	30.2	24.9	25.5	29.3	27.1	27.3	23.9	25.5	25.3	24.9
11	45.5	44.5	46.2	45.4	29.8	25.5	25.9	29.2	26.0	27.0	24.5	26.4	24.6	25.2
12	45.9	43.6	45.7	45.1	30.6	24.4	25.0	30.0	25.2	26.7	24.0	25.5	23.6	24.4
13	45.7	43.8	44.6	44.7	29.5	23.8	24.5	29.5	26.0	26.7	23.3	25.3	23.4	24.1
14	46.1	44.3	44.3	44.9	29.9	24.5	25.2	28.8	27.3	27.1	23.3	24.2	24.9	24.8
15	45.1	43.3	45.5	44.1	30.7	25.5	26.0	30.5	28.5	28.3	24.0	25.7	25.0	24.9
16	45.9	43.3	44.7	44.6	32.0	25.2	26.2	30.6	28.6	28.5	24.6	25.6	25.5	25.2
17	46.5	43.5	45.7	45.2	32.2	25.6	26.0	30.5	26.8	27.2	24.8	26.3	24.8	24.7
18	46.6	43.3	45.3	45.1	31.9	24.4	24.8	30.5	28.5	27.9	23.5	25.3	24.5	24.4
19	47.0	45.0	46.9	46.2	32.2	24.7	26.2	31.0	25.9	27.4	24.4	25.4	24.7	24.5
20	47.1	45.1	46.5	45.2	30.0	25.0	25.4	29.1	26.2	27.0	24.0	26.0	23.6	24.5
D. 2. ^a	46.1	43.9	45.5	45.2	29.8	24.8	25.5	30.0	26.9	27.4	24.0	25.7	24.2	24.6
21	47.5	44.6	47.0	46.3	32.3	24.4	25.2	31.6	27.0	27.9	23.5	26.0	23.8	24.5
22	46.2	44.1	46.0	45.4	31.6	25.4	25.1	31.8	27.2	28.3	23.5	25.4	24.5	24.5
23	46.9	44.8	45.0	45.6	32.8	25.0	25.2	32.1	29.5	29.0	23.5	25.5	26.7	25.2
24	47.2	45.0	47.0	46.3	31.5	25.0	26.3	31.4	26.9	28.2	24.5	26.2	23.5	24.7
25	46.8	44.5	45.5	45.6	31.4	25.0	25.1	31.2	27.7	28.0	23.7	25.2	25.3	24.7
26	46.1	44.8	45.7	45.5	29.0	24.6	24.7	27.4	26.3	26.5	23.5	24.0	23.9	23.8
27	45.4	44.3	45.1	44.9	30.7	24.5	24.5	29.7	26.5	26.6	23.8	24.0	24.7	24.3
28	46.3	44.1	46.3	45.6	26.8	23.5	24.5	25.5	25.0	25.0	23.5	24.0	24.0	23.8
29	46.8	45.3	46.0	46.0	27.6	23.9	24.1	27.3	25.0	25.3	23.8	24.4	24.6	24.1
30	46.0	45.7	46.9	46.2	28.8	24.5	24.7	28.2	27.0	26.9	23.5	24.0	25.0	24.2
31	47.7	46.0	46.5	46.7	30.2	24.9	25.4	30.0	27.6	27.7	24.0	25.0	25.0	24.7
D. 3. ^a	46.6	44.8	46.1	45.8	30.2	24.5	25.1	29.6	26.9	27.2	23.6	24.9	24.6	24.4
Mez	46.4	44.5	45.7	45.5	30.1	24.7	25.4	29.6	26.9	27.3	23.8	25.4	24.7	24.6

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba

TABELLA II

Mês	HUMID. ABSOLUTA					HUMID. RELAT.				NEBULOSIDADE						
	tensão do vapor					termo hygromet.				qualidade—quantidade. (0 a 10)						
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5.41 a. m.	1.41 p. m.	8.41 p. m.	Moda			
1	20.8	21.5	21.6	22.4	25	61	57	78.6	NK	9	Ku-K	8	Ku	6	7.6	
2	21.2	22.5	22.7	22.4	27	71	86	81.3	Ku	10	Ku-K	8	8-K	3	7.0	
3	21.5	20.5	23.5	21.9	27	63	52	77.3	80	5	K-Ku	7	Ku	10	7.5	
4	18.7	21.2	22.2	22.7	24	76	74	84.3	N	10	N	9	Ku	10	9.6	
5	21.2	22.0	22.2	22.8	30	68	84	80.6	Ku	10	K	6	N	10	8.6	
6	20.9	22.1	22.2	22.8	27	76	85	84.6	Cs	7	K	5	N	10	7.3	
7	20.4	22.4	22.2	22.7	27	68	65	83.3	N	9	K-Ku	8	N	10	9.0	
8	21.2	21.8	22.2	22.6	26	73	84	84.6	N	10	K-Ku	9	K	9	9.3	
9	22.2	21.4	23.3	23.2	28	79	84	80.6	Kcs	4	K	7	C	4	5.6	
10	23.2	22.6	23.4	23.4	26	86	76	87.0	Cs	6	Ku	9	S	3	6.0	
D. 1 ^a	21.1	21.8	22.9	21.9	27	72.8	80.5	80.8	--	8.0	--	7.6	--	7.5	7.7	
11	22.0	23.8	22.2	22.7	28	79	88	85.0	K-Ku	7	N-Ku	10	N	10	9.0	
12	21.5	21.4	20.7	21.2	22	67	87	82.0	S	9	Ksc	9	Ku	10	9.3	
13	20.5	21.8	19.8	20.7	30	71	79	80.0	KC	9	K-Ku	8	N	9	9.0	
14	20.1	23.7	22.6	21.9	28	80	81	81.7	Ku	10	K-Ku	8	S	2	6.6	
15	20.9	21.5	21.4	21.3	24	66	74	74.6	As	9	K-Ku	9	S	9	9.0	
16	22.0	21.3	22.2	21.8	27	65	77	76.3	K8	9	K-Ku	8	SK	2	6.3	
17	22.6	22.4	20.1	21.7	30	67	86	77.0	S	10	Ku-K	8	N	10	9.3	
18	21.6	20.7	19.4	20.6	28	64	70	74.6	K-CK	10	CK	4	SK-N	9	7.7	
19	21.6	20.6	20.4	20.9	25	62	82	76.3	CK	7	Ksc	6	Ku	9	7.3	
20	21.6	22.9	20.0	21.5	28	75	79	80.7	CK	3	Ku	9	Ku	5	5.6	
D. 2 ^a	21.4	22.0	20.8	21.4	27.6	69.6	79.3	78.7	--	8.3	--	7.9	--	7.5	7.9	
21	20.5	21.5	19.9	20.6	27	62	75	74.6	As	7	K	6	Ku	10	7.7	
22	20.2	20.4	21.1	20.5	21	57	80	72.6	Cs	5	Ku-K	6	Ku	3	4.6	
23	20.3	20.2	21.2	21.6	23	56	79	72.6	Cs	5	K	6	Cl	0	4.0	
24	21.8	22.6	19.4	21.1	25	64	73	74.0	CK-K	7	Ku-K	6	K	3	5.6	
25	21.9	20.4	22.3	21.5	28	60	81	80.0	CK-N	5	N-K	7	KS	3	5.3	
26	20.8	20.6	20.5	20.4	30	71	80	80.1	N	9	K	8	K	2	6.0	
27	20.5	20.3	21.8	20.9	30	65	82	79.9	N	10	K-Ku	8	N	9	9.0	
28	20.9	21.3	21.5	21.2	21	58	82	90.3	N	10	Ku	9	K	1	6.6	
29	20.7	21.6	22.1	21.3	23	78	88	86.3	Ku	10	Ks-K	7	SK	4	7.0	
30	20.8	19.6	22.3	20.9	30	69	81	81.0	K-CK	9	CK	7	--	0	5.3	
31	21.3	20.4	21.9	21.8	28	65	80	77.6	C	6	K	7	--	0	4.3	
D. 3 ^a	20.9	20.6	21.5	21.0	27.8	62.5	81.2	77.5	--	7.5	--	7.1	--	3.2	5.9	
Moz	21.1	21.5	21.7	22.1	27.0	68.1	81.9	78.9	--	7.9	--	7.5	--	6.2	7.1	

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Curitiba
TABELLA III

Maio 1914	VENTOS										CHUVA de 6.34 a.		EVAPORA- ÇÃO em m.m.	HORAS de Insolação
	Direcção — Força — Velocidade metros por segundo													
	Direc.	Força ^a	Vel.	Direc.	Força ^a	Vel.	Direc.	Força ^a	Vel.	Veloc. em m. 24 hs.	Alt.	Dur.		
1	N	1	1.3	N	1	1.9	C	0	0.0	0.540	1.7	1.00	2.5	5.6
2	N	2	3.4	NW	1	1.3	N	1	1.3	1.17	10.9	1.00	1.5	2.0
3	C	0	0.0	N	1	1.3	C	0	0.0	1.78	19.1	2.30	1.1	8.0
4	C	0	0.0	N	1	1.3	"	0	0.0	1.305	14.6	5.20	2.0	0.0
5	N	1	1.0	N	1	1.3	S	1	1.0	1.353	2.2	2.30	2.2	5.5
6	NW	1	1.0	NW	2	2.4	C	0	0.0	1.272	4.6	1.00	1.5	5.7
7	C	0	0.0	NW	1	1.0	"	0	0.0	1.351	4.6	0.25	1.8	5.0
8	NE	1	1.4	W	1	1.3	"	0	0.0	1.334	10.6	5.30	1.4	2.0
9	N	1	1.3	W	3	4.8	"	0	0.0	1.345	1.3	0.40	1.2	8.6
10	C	0	0.0	SW	1	1.0	"	0	0.0	1.285	—	—	1.9	4.2
D. 1 ^a	—	0.7	0.9	—	1.3	1.7	—	0.2	0.2	0.438	109.0	20.25	17.1	46.6
11	NW	1	1.0	W	3	4.0	NE	1	1.0	0.538	7.9	0.20	1.2	2.7
12	NW	1	1.4	W	1	1.8	S	1	1.0	1.475	25.7	1.00	0.8	6.7
13	N	1	1.4	N	4	6.8	NE	1	1.3	1.795	28.8	1.30	1.3	5.0
14	"	1	1.8	C	0	0.0	—	0	0.0	1.529	—	—	1.9	6.0
15	NW	1	1.3	NW	2	2.0	NW	1	1.0	1.497	0.7	0.02	2.0	4.3
16	N	1	1.0	N	2	2.0	—	0	0.0	1.490	—	—	2.4	7.3
17	C	0	0.0	NW	2	2.0	N	2	3.4	1.423	—	—	2.6	4.8
18	"	0	0.0	S	1	1.0	SE	1	1.0	1.476	18.0	5.50	1.7	7.7
19	SE	1	1.4	"	1	1.8	"	1	1.4	1.012	—	—	2.1	7.7
20	C	0	0.0	"	1	1.8	—	0	0.0	1.381	2.3	0.20	2.1	6.2
D. 2 ^a	—	0.7	0.9	—	1.7	2.3	—	0.8	1.0	0.498	93.4	8.44	18.2	58.4
21	C	0	0.0	NW	1	1.6	SW	1	1.0	0.422	0.7	0.02	1.8	9.7
22	NW	1	1.8	N	1	1.8	C	0	0.0	1.699	3.6	0.30	2.8	8.5
23	N	1	1.4	NW	1	1.5	"	0	0.0	1.942	—	—	3.2	10.4
24	C	0	0.0	NW	2	3.8	NE	1	1.0	0.073	2.3	2.40	3.0	8.6
25	"	0	0.0	N	2	3.2	NE	1	1.0	1.575	—	—	2.7	6.0
26	"	0	0.0	S	1	1.4	S	1	1.0	0.427	5.7	0.45	2.3	3.5
27	"	0	0.0	"	1	1.3	NW	1	1.4	1.379	—	—	1.8	5.4
28	NW	1	1.5	W	3	5.8	C	0	0.0	1.353	5.0	3.20	2.0	6.0
	C	0	0.0	S	1	1.4	"	1	1.0	1.238	7.22	4.50	0.2	2.4
	SW	1	1.0	"	1	1.0	C	0	0.0	1.258	0.1	—	1.1	4.5
	"	0	1.0	"	1	1.8	S	1	1.0	1.379	—	—	1.1	9.0
D. 3 ^a	—	0.4	0.5	—	1.3	2.3	—	0.6	0.7	0.571	88.0	12.5	22.0	68.0
Mez	—	0.6	0.7	—	1.4	2.1	—	0.5	0.6	0.499	291.3	41.10	57.3	173.0

Observatório meteorológico "D. Basco" - Cuiabá.

TABELLA IV

FREQUENCIA DOS VENTOS durante o mez de Março						
Ventos	7 a.	2 p.	9 p.	Som. mas		
N	8	8	2	18	Pressão media mensal	745.5
NE	1	0	4	5	« Extrema máxima dia 4	48.1
E	0	0	0	0	« « Mínima dia 7-15-16-18	43.3
SE	1	0	2	3	Temperatura mensal ao abrigo	30.1
S	0	8	5	13	Extrema Máxima dia 23	32.8
SW	2	1	1	4	« Mínima dia 4	23.2
W	0	5	0	5	Tensão mensal do vapor da agua	22.4
NW	6	8	2	16	Maxima tensão -- dia 1	24.6
Calma	12	1	15	29	Mínima « -- dia 24	19.4
Somma	31	31	31	93	Humidade relativa mensal	78.9
Classificação das nuvens observadas durante o mez					Extrema máxima -- dia 20	93.0
					« mínima -- dia 23	56.0
qualid.	7 a.	2 p.	9 p.	Som. mas	Nuvens -- Formas predominantes	K-Kn
C	1	0	0	1	Quantidade media	7.1
C.S	6	2	1	9	Dias claros	0
C.K	6	2	0	8	Nublados	20
A.C	0	0	0	0	Encobertos	11
A.S	2	0	0	2	Horas de Sol durante o mez	173.0
SK	0	1	4	5	Total de chuva caída	24 ^{mm} .85
K	4	21	4	29	Altura máxima em 24 horas dia 20	72 ^{mm} .62
N	6	1	5	12	Evaporação total ao abrigo	57 ^{mm} .83
K.N	6	17	9	32	Maior evaporação, dia 23	3.2
S	2	0	3	5	Menor « dia 20	0.2
Claros	0	0	3	3	Media mensal da velocidade do vento em metros por segundos	0.448
Nº de dias de:					Chuvas afastadas	16
Chuvas				22		
Trovoadas				17		
Relampagos				24		
Tempestade				0		
Arco-iris				4		
Orvalho				1		
Nevoeiros				2		
Halo lunar				0		
Coroa lunar				0		
Paraselenicos lunares				0		

Estações Meteorológicas do Estado

Resultado em horas das observações Meteorológicas effectuadas no mez de Fevereiro de 1914.

Estação de Paradas	Pressão Baro- métrica a 0 m.		Temperatura Seca		Temperatura Molhada		Humidade Absoluta		Humidade Relativa		Névoa— Suaude		Ventos por segundo		CHUVA mm	
	7 a.m.	9 p.m.	Media	Max. Min.	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	7 a.m.	9 p.m.	Media	força 7 a.m. 9 p.m.		força vel. p.m.
Corumbá	718.3	740.4	777.3	31.6	22.7	22.8	24.8	23.5	22.8	23.1	23.3	20.7	20.2	20.1	96.1	
	740.5	747.0	748.2	31.6	21.8	25.9	23.5	22.8	23.1	23.3	20.7	20.2	19.9	20.1	95.5	
	740.8	748.2	749.4	31.9	21.8	26.3	24.5	23.3	23.4	23.2	23.3	20.7	20.3	20.4	96.1	75.5
	Mez	740.5	747.5	748.2	32.7	22.1	26.7	25.0	24.8	23.2	21.3	20.2	19.9	20.1	87.1	95.1
Araguaya	722.0	730.8	752.4	20.8	21.7	21.8	23.5	22.7	21.3	22.2	21.8	18.5	19.0	18.8	92.0	74.8
	724.8	724.8	725.3	20.3	20.5	20.9	23.6	22.3	20.9	22.0	21.4	17.2	18.7	18.0	93.4	84.5
	722.9	724.2	725.1	20.0	21.5	22.4	25.5	24.0	21.5	22.9	22.2	18.5	19.2	18.9	91.7	84.5
	Mez	722.0	724.3	22.0	21.0	21.7	24.3	23.0	21.0	22.4	21.7	18.1	19.0	18.6	93.3	84.8
Caceres	713.8	738.3	750.3	30.8	22.9	21.5	24.5	24.0	23.2	24.2	23.7	20.9	22.3	21.6	97.2	97.7
	724	730.9	737.0	32.8	21.5	23.8	25.0	24.4	23.1	24.2	23.6	20.4	21.9	21.2	93.3	93.3
	724	731.3	737.0	32.6	22.5	24.9	25.8	24.7	23.8	24.5	23.9	21.7	22.3	21.7	93.3	93.3
	Mez	730.6	749.3	32.1	22.3	23.9	24.8	24.4	23.1	24.2	23.8	21.0	22.3	21.7	95.6	95.6

PHENOMENOS METEOROLÓGICOS.—Corumbá.—Max. ext. 36.4 dia 16, min. ext. 17.0 dia 12, dias de chuvas 11, dias frios 10, dias nublados 15; relapago de calor 5, dias de temporal 5, dias de correção 3 dias de trovada 9.

Araguaya.—Orvalho 8 dias; rels. 20 dias; trov. 18 dias; chuva. 15 dias; arcos-nos 3 dias; hal. hum. 1 nev. 3 dias; max. ext. 30.2 dia 28, min. ext. 19.3 dia 12.

Caceres.—Orvalho 19 dias; chuva 9 dias; trovada 14 dias; claros 6 dias; encontros 4 dias; max. abs. 35.0 dia 15 min. abs. 19.9 dia 12; nev. raro dominante, arcos-nos 6 dias; chuvas 8 dias.